

ANAIIS

Congresso Luso-Brasileiro

**De Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais: Contributos,
Diálogos e Cruzamentos com os Diversos Paradigmas
Psicoterapêuticos e com a Evidência Empírica**

VI Encontro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP



**Dias 12, 13 e 14 Setembro 2024
Universidade da Madeira, Funchal, Ilha da Madeira - Portugal.**

**SOCIEDADE PORTUGUESA DE PSICOTERAPIA EXISTENCIAL - SPPE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL
DO RIO DE JANEIRO - IFEN**

ANAIS

V Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais:

Contributos, Diálogos e Cruzamentos com os Diversos Paradigmas
Psicoterapêuticos e com a Evidência Empírica.

VI Encontro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP



**PORTUGAL
FUNCHAL – ILHA DA MADEIRA
2024**

V Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais:

Contributos, Diálogos e Cruzamentos com os Diversos Paradigmas Psicoterapêuticos e com a Evidência Empírica.

VI Encontro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP

Anais contendo os resumos das comunicações apresentadas no V Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais e VI Encontro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP - Contributos, Diálogos e Cruzamentos com os Diversos Paradigmas Psicoterapêuticos e com a Evidência Empírica.

PROMOÇÃO E ORGANIZAÇÃO:

SOCIEDADE PORTUGUESA DE PSICOTERAPIA EXISTENCIAL – SPPE - PORTUGAL

Presidente: Victor Amorim Rodrigues

INSTITUTO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DO RIO DE JANEIRO – IFEN – BRASIL

Presidente: Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa

COORDENAÇÃO DE COMISSÃO ORGANIZADORA:

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo – UERJ/IFEN/GT Psicologia & Fenomenologia ANPEPP – BR

Dora Pereira - UMa - PT

Elaine Lopez Feijoo – IFEN – BR

Flávia Moreira Protasio – IFEN - BR

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa – IFEN – BR

Myriam Moreira Protasio – IFEN – BR

Vanessa Machado – SPPE – PT

Vera Engler Cury – PUC-Campinas/GT Psicologia & Fenomenologia ANPEPP – BR

Victor Amorim Rodrigues – SPPE/ISPA – PT

Zélia Alexandra Alves da Mota e Costa – SPPE/IFEN – PT

COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

Elaine Lopez Feijoo – IFEN – BR

COORDENAÇÃO FINANCEIRA

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa – IFEN – BR

Vanessa Machado – SPPE - PT

Zélia Alexandra Alves da Mota e Costa – SPPE/IFEN – PT

COORDENAÇÃO DE PLANEJAMENTO

Flávia Moreira Protasio – IFEN – BR

COMISSÃO ORGANIZADORA:

Elaine Lopez Feijoo – IFEN - BR
Flávia Moreira Protasio – IFEN - BR
Jussara Barros Martins – IFEN - BR
Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa – IFEN - BR
Myriam Moreira Protasio – IFEN - BR
Lucas Clem Grijó Carvalho – IFEN - BR

COMISSÃO CIENTÍFICA:

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo – UERJ/IFEN/GT Psicologia & Fenomenologia ANPEPP - BR
Daniel Sousa - SPPE/ISPA – PT
Dora Pereira - UMa - PT
Edgar Correia - SPPE/ISPA - PT
Myriam Moreira Protasio – IFEN - BR
Vera Engler Cury – PUC-Campinas/GT Psicologia & Fenomenologia ANPEPP - BR
Victor Amorim Rodrigues - SPPE/ISPA - PT

CONSULTORES AD HOC:

Elaine Lopez Feijoo – IFEN - BR
Flávia Moreira Protasio – IFEN - BR
Jussara Barros Martins – IFEN - BR
Lucas Clem Grijó Carvalho – IFEN - BR
Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa – IFEN - BR
Myriam Moreira Protasio – IFEN - BR

EQUIPE EDITORIAL:

Flávia Moreira Protasio – IFEN - BR
Jussara Barros Martins – IFEN - BR
Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa – IFEN - BR
Myriam Moreira Protasio – IFEN - BR

MONITORES:

Beatriz Franco Catanhi da Silva – UMa - PT
Énia José Camacho Jardim – UMa – PT
Eva Isabel Garanito da Silva – UMa - PT
Jéssica Catarina Gonçalves de Faria Abreu – UMa - PT
Luísa José Silva Freitas – UMa - PT
Maria Inês Correia Fernandes Dias dos Santos – UMa - PT
Mariana Rodrigues Jesus – UMa - PT
Teresa Maritza Gouveia da Silva – UMa – PT
Yara José Melim da Silva – UMa – PT

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas
Fenomenológico-Existenciais. Encontro do GT
Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP (5. : 6. :
2024 : Funchal, Ilha da Madeira, PT)
Anais do V Congresso Luso-Brasileiro de Práticas
Clínicas Fenomenológico-Existenciais : contributos,
diálogos e cruzamentos com os diversos paradigmas
psicoterapêuticos e com a evidência empírica. VI
Encontro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEP
[livro eletrônico] / [organização Sociedade
Portuguesa de Psicoterapia Existencial - SPPE. --
1. ed. -- Rio de Janeiro : Edições IFEN, 2024.
PDF

Vários autores.
Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-87456-35-5

1. Comportamento humano 2. Fenomenologia
existencial 3. Psicologia - Congressos
I. Sociedade Portuguesa de Psicoterapia
Existencial. II. Título.

24-221427

CDD-150.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia : Congressos 150.6

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



O conteúdo na íntegra dos resumos e o emprego das normas é de responsabilidade única e exclusiva das autoras e dos autores.

Esta obra foi submetida à avaliação às cegas (*double blind review*) por pares.

Esta obra recebeu apoio do IFEN, que é uma instituição sem fins lucrativos na categoria científica.

Proibida a reprodução e transmissão parcial e total desta obra por quaisquer meios - eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação - sem permissão escrita da Edições IFEN.

Todos os direitos desta edição reservados à Edições IFEN.

Rua Barão de Pirassinunga, 62 - Tijuca - Rio de Janeiro - Brasil

www.edicoes.ifen.com.br | e-mail: edicoesifen@ifen.com.br

APRESENTAÇÃO

Com o subtítulo **Contributos, Diálogos e Cruzamentos com os Diversos Paradigmas Psicoterapêuticos e com a Evidência Empírica, o V Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais e o VI Encontro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP** reunirão investigadores e docentes oriundos de Portugal e do Brasil, que irão apresentar e debater questões muito atuais nas pesquisas e ações clínicas por eles desenvolvidas. Vimos, em outras oportunidades em que se estabeleceu esses debates, que há pontos de convergência entre o modo de desenvolver pesquisas e ações clínicas em ambos os países, mas, também, para enriquecer os nossos conhecimentos, há pontos divergentes. Acreditamos que a troca de saberes, oportunizada por esse congresso, será muito profícua para o desenvolvimento dos diferentes saberes que integram a teoria e prática em psicologia clínica em uma vertente existencial.

Essa troca de saberes, oportunizada por eventos que unem os dois países lusófonos, tem uma longa história, hoje consolidada e consagrada. O **I Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais: Diálogo entre a Filosofia e a Psicologia** aconteceu em outubro de 2012 na cidade do Rio de Janeiro, inaugurando a parceria IFEN (Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro) e SPPE (Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial). Esse congresso foi sediado pela UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

O **II Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais: Casos Clínicos e Aplicabilidade em Contextos Profissionais** ocorreu em Lisboa, no mês de outubro de 2014, fortalecendo a parceria IFEN-SPPE. A sede, desta vez, foi o Instituto Universitário ISPA/Lisboa – Portugal.

Em abril de 2017 aconteceu, novamente no Rio de Janeiro-Brasil, o **III Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais: resgatando o caráter sensível da existência**. Novamente sediado pela UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Esse congresso manteve a já consolidada parceria entre o IFEN (Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro) e SPPE (Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial).

Em função da Pandemia da Covid-19, que eclodiu no início de 2020, e a impossibilidade de reunião de grande número de pessoas presencialmente, o **IV Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais: Das bases filosóficas**

às práticas e pesquisas em Psicologia realizou-se no formato Online, em novembro desse mesmo ano.

Mantendo a tradição conquistada na união Brasil-Portugal, agora em 2024 acontecerá, presencialmente, com organização da SPPE – Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial, do IFEN - Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro e do LAFEPE/UERJ - Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e O Grupo de Trabalho Psicologia & Fenomenologia - o **V Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais: Contributos, Diálogos e Cruzamentos com os Diversos Paradigmas Psicoterapêuticos e com a Evidência Empírica**. A sede desse congresso será a Universidade da Madeira, na paradisíaca Ilha da Madeira, em Portugal. O evento acontecerá nos dias 12, 13 e 14 de setembro.

Ressalta-se que na V edição do congresso acontecerá, também, o **VI Encontro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP**. Esse encontro diz respeito ao Grupo de Trabalho (GT) denominado Psicologia & Fenomenologia, que faz parte da **Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia** e é formado por professores e pesquisadores de Universidades brasileiras distribuídas por quatro regiões e oito estados brasileiros. No total são 11 Universidades: UFPA, Pará, UNIFOR e UFC no Ceará, UFBA, Bahia, UFMT, Mato Grosso, UCDB, Mato Grosso do Sul, Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, PUC-Campinas, São Paulo, UERJ, Rio de Janeiro, UFPR, Paraná, UEM, Paraná. De dois em dois anos a ANPEPP organiza um evento científico que reúne pesquisadores de todas as modalidades e ênfases em Psicologia para que haja uma troca dos estudos e pesquisas realizados por esses grupos.

O **GT Psicologia & Fenomenologia** foi criado formalmente em 2013, mas as parcerias entre seus integrantes já vinham acontecendo há pelo menos duas décadas. Objetiva consolidar o trabalho e as parcerias construídas por pesquisadores de Programas Stricto Sensu de diversas regiões do país ao longo das últimas décadas, cujas afinidades teóricas contribuíram para produções conjuntas sob a forma de livros e artigos que tiveram origem em encontros, congressos, colóquios, simpósios, participação em bancas de mestrado e doutorado dentre outras atividades.

Em 2024, o GT Psicologia & Fenomenologia encaminhou suas reflexões e interlocuções temáticas ao redor de três dimensões principais: a) Dimensão Metodológica, com estudos e discussões sobre as estratégias metodológicas para a pesquisa que contemplem o existir humano nas suas possibilidades existenciais; b) Dimensão Epistemológica, com debates

sobre os fundamentos teóricos e filosóficos das práticas psicológicas que abordam e lidam com a subjetividade de forma compreensiva; e c) Dimensão prática, na direção de estudos teóricos e de pesquisas empíricas no campo da clínica e naqueles em que o sofrimento humano se manifesta, visando a ensejar o debate sobre as condições políticas, sociais e culturais atuais, geradoras de sofrimento ao homem contemporâneo.

Para o **VI Encontro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP**, que ocorrerá durante o **V Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais: Contributos, Diálogos e Cruzamentos com os Diversos Paradigmas Psicoterapêuticos e com a Evidência Empírica**, a ênfase recairá de maneira mais específica sobre a dimensão da práxis psicológica de natureza clínica em instituições e na comunidade, com foco nas diversas modalidades sob a perspectiva de uma atenção psicológica. Objetivamos a apresentação, pelos membros do GT, de textos que contemplem estudos teóricos e pesquisas empíricas cujas temáticas possam ser objeto de debates que estimulem parcerias nacionais e internacionais. Justifica-se tal direcionamento pela constatação de que o modo de pesquisar tem implicações epistemológicas, mas também éticas, uma vez que o encontro com os participantes sob uma perspectiva fenomenológica constitui-se como experiência intersubjetiva que implica a pessoa do pesquisador e sua existência.

E, assim, unindo forças instituições portuguesas e brasileiras poderão durante estes congressos muito contribuir para o avanço da Psicologia como ciência e profissão.

Comissão Organizadora do Congresso Luso-Brasileiro



SUMÁRIO

1	CONFERÊNCIAS	14
1.1	A BUSCA DA VERDADE PELO CAMINHO DA EVIDÊNCIA: ONTOLOGIA, METAFÍSICA OU ALEGORIA? _____ Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ/IFEN)	15
1.2	"INGREDIENTES ATIVOS NOS PROCESSOS PSICOTERAPÊUTICOS: CONTRIBUTOS DA INVESTIGAÇÃO PARA O DIÁLOGO INTER-PARADIGMAS?" _____ Dora Pereira (UMa; CUIP)	17
1.3	A PSICOÉTICA NA RELAÇÃO PSICÓLOGO/PESSOA. UMA LEITURA HERMENÊUTICA _____ Paula Ponce de Leão (ISPA/SPPE)	18
1.4	O QUE FAZER COM OS PSICANALISTAS? AMIGOS OU ADVERSÁRIOS? _____ Victor Amorim Rodrigues (SPPE/ISPA)	19
2	MESAS REDONDAS	20
2.1	A ATITUDE FENOMENOLÓGICA E A RELAÇÃO DO SER-NO-MUNDO NO TRATO CLÍNICO DA ANSIEDADE _____ Antônio Astério Rodrigues (IFEN)	21
2.2	A MINHA MÃE É PSICOTERAPEUTA _____ Carolina Félix (SPPE)	22
2.3	A TEORIA DOS FATORES COMUNS NA PSICOTERAPIA EXISTENCIALISTA: ELEMENTOS INICIAIS PARA UMA AVALIAÇÃO DE PROCESSO _____ Daniela Ribeiro Schneider (PPGP/UFSC) Milene Strelow (PPGP/UFSC) Raquel Wzorek (PPGP/UFSC)	23
2.4	ANALISAR OU ORIENTAR A FAMÍLIA EM PSICOTERAPIA INFANTOJUVENIL _____ Elaine Lopez Feijoo (IFEN)	25
2.5	ANSIEDADE E VUNERABILIDADE NA PSICOTERAPIA CENTRADA NA PESSOA: ESTUDOS TEÓRICOS, EMPÍRICOS E APLICADOS _____ Paulo Coelho Castelo branco (UFC)	26
2.6	ATENÇÃO AO LUTO NO CONTEXTO DE EMERGÊNCIA SANITÁRIA: A ESCUTA FENOMENOLÓGICA ON-LINE _____ Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)	28
2.7	ATENÇÃO PSICOLÓGICA E SAÚDE PÚBLICA: PESQUISAS FENOMENOLÓGICAS SOBRE VIVÊNCIAS COTIDIANAS _____ Vera Engler Cury (PUC-Campinas)	29
2.8	BRAINSPOTTING E FENOMENOLOGIA UM DIÁLOGO SOBRE ABORDAGENS E NOVAS POSSIBILIDADES TERAPÊUTICAS _____ Débora Candido de Azevedo (UNIFESP/IFEN/SE&PQ)	30

2.9	CIÊNCIA, PSICOPATOLOGIA CONTEMPORÂNEA E FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS IRRECONCILIÁVEIS _____	31
	Joelson Tavares Rodrigues (UFRJ)	
2.10	CONSCIÊNCIA INTERNA DO TEMPO EM PESSOAS COM CANCRO: PERSPECTIVAS E DESAFIOS DA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO- EXISTENCIAL _____	33
	Catarina Ramos (Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz)	
2.11	CORPO, MOVIMENTO HUMANO E FENOMENOLOGIA: ENTRELAÇAMENTOS PARA UMA PRÁTICA PSICOLÓGICA INCORPORADA E EM SITUAÇÃO _____	35
	Thabata Telles (IPMAIA – Instituto Politécnico da Maia, Portugal)	
2.12	DA NECESSIDADE DE CONEXÃO HUMANA _____	36
	Claudia de Loureiro Carvalho (LAFEPE/UERJ)	
2.13	DO PSICOTERAPEUTA EXISTENCIAL AO PSICOTERAPEUTA RESPONSIVO _____	37
	Daniel Sousa (ISPA/SPPE)	
2.14	EMOÇÕES E PSICOSSOMÁTICA: RELAÇÕES COM O PROJETO DE SER_	38
	Gustavo Joaquim Marques Martins Machado (UEM) Sylvia Mara Pires de Freitas (UEM)	
2.15	ENTRE A NATUREZA E O HÁBITO: O CONCEITO DE DISPOSIÇÃO NA PSICOLOGIA DE ARISTÓTELES _____	40
	Francisco Moraes (UFRRJ)	
2.16	ESCUTA CLÍNICA: MODOS DE PERCEBER O CORPO VIVENTE DA PESSOA TRANS _____	41
	Candido Jeronimo Flauzino (SE&PQ)	
2.17	EVIDÊNCIA EMPÍRICA E EVIDÊNCIA SENSÍVEL: REFLEXÕES PARA A CLÍNICA PSICOLÓGICA _____	43
	Myriam Moreira Protasio (IFEN)	
2.18	EVIDÊNCIA, RESISTÊNCIA E EXISTÊNCIA: PANORAMA DE TRÊS ANOS DE PESQUISA EM PSICOTERAPIA _____	45
	Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR)	
2.19	FENOMENOLOGIA DA MANIA E DESDOBRAMENTOS CONTEMPORÂNEOS EM MUNDOS VIVIDOS ACELERADOS _____	47
	Juliana Lima de Araújo (UNIFOR) Virginia Moreira (UNIFOR)	
2.20	FILOSOFIA, ANÁLISE DA RELAÇÃO EXISTENCIÁRIA E TRANSTORNOS DA EXISTÊNCIA _____	49
	Josefina Daniel Piccino (SOBRAPHE)	
2.21	O ABSURDO DA MORTE EM SARTRE: IMPLICAÇÕES PARA A CLÍNICA DOS CUIDADOS PALIATIVOS _____	51
	Geórgia Sibebe Nogueira da Silva (UFRN-RN) Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/AWARE)	
2.22	O COMPLEXO DE JONAS NA SOCIEDADE DA PRODUTIVIDADE (E DO CANSAÇO) _____	53
	Rafael Martinez-Cláudio	

2.23	O INFERNO SÃO OS OUTROS: ESTUDO DE CASO DE UM JOVEM COM VIVÊNCIAS PARANOIDES _____	54
	Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/AWARE)	
	Yara Pimenta Rodrigues (AWARE)	
2.24	OS PARADOXOS DA ANSIEDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: REFLEXÕES EXISTENCIAIS _____	56
	Carlos Campelo da Silva (IFEN)	
2.25	PARA UMA PSICOTERAPIA EXISTENCIAL EM DIÁLOGO FRUTÍFERO COM OUTROS PARADIGMAS PSICOTERAPÊUTICOS: “APRENDER COM A DIFERENÇA” EM VEZ DE “MARCAR A DIFERENÇA” _____	57
	Edgar A. Correia (SPPE)	
2.26	POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS DE UM FAZER CLÍNICO DASEINSANALÍTICO NA PERSPECTIVA Do fazer ARTÍSTICO _____	58
	Laíza Carreira Domingos (PUC-SP)	
2.27	POSVENÇÃO, SUICÍDIO E RODA DE CONVERSA: AGENTES UNIVERSITÁRIOS DE SEGURANÇA _____	59
	Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa (IFEN)	
	Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ/IFEN)	
2.28	PSICOLOGIA E FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA DA FACTICIDADE _____	61
	Paulo Sérgio Lopes Gonçalves (PUC-SP)	
2.29	PSICOPATOLOGIA DO SUICÍDIO E A TRAVESSIA PELA “TERCEIRA MARGEM” DA ARTE _____	63
	Elna Eunice Montechiari Pietrani (UERJ)	
2.30	QUANDO O SUICÍDIO INVADE A INSTITUIÇÃO DE ENSINO: A PERDA E O LUTO POR SUICÍDIO NA VIVÊNCIA DE ESTUDANTES E EDUCADORES _____	65
	Geórgia Sibele Nogueira da Silva (UFRN-RN)	
	Camilla Danielle Silva de Lima Queiroz (UFRN-RN e IFRN-RN)	
2.31	RENASCIMENTO PSICADÉLICO E PSICOTERAPIA EXISTENCIAL: OPORTUNIDADES E DESAFIOS PARA A PRÁTICA CLÍNICA _____	67
	João da Fonseca (SPPE)	
2.32	SENTIDO DA VIDA EM TEMPOS DE CONFINAMENTO _____	68
	Thaís Leite Reis (UGB)	
2.33	UM PARADIGMA FENOMENOLÓGICO DE ADOECIMENTO _____	69
	Ida Elizabeth Cardinalli (PUC-SP/ABD)	
	Rafael Monho Ribeiro (PUC-SP)	

3 *SESSÕES COORDENADAS* _____ 71

3.1	A CONSCIÊNCIA DO FIM: UM ESTUDO QUALITATIVO DA VISÃO DOS PSICOTERAPEUTAS SOBRE A PRESENÇA DA MORTE EM PSICOTERAPIA _____	72
	David Neto (ISPA)	
	Filipa Morais (ISPA)	
	Victor Amorim Rodrigues (ISPA)	
3.2	A EXPERIÊNCIA DA RECUPERAÇÃO DE ADOLESCENTES COM TRANSTORNOS ALIMENTARES _____	74
	Sofia Cruz Mendes de Abreu (UNIFOR)	

	Francisco Luan de Souza Carvalho (UNIFOR)	
	Lara Maria Dias da Silva (UNIFOR)	
	Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR)	
3.3	A FENOMENOLOGIA DE GASTON BACHELARD E A PSICANÁLISE DE WINNICOTT: A IMAGINAÇÃO E A SITUAÇÃO CLÍNICA _____	76
	Daniel França Stanchi (USP)	
	Raphaela de Jesus Correia	
3.4	A PSICOTERAPIA DE GRUPO HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PSICOTERAPEUTA INICIANTE _____	78
	Karla Carneiro Romero (UNIFOR)	
	Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR)	
	Pamela Bérvely Cipriano Teixeira (UNIFOR)	
3.5	ANOREXIA NERVOSA E ESQUEMA CORPORAL EM MERLEAU PONTY: O CASO DE TATIANA _____	80
	Elvira Ribeiro Madeira (UNIFOR)	
	Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR)	
3.6	AS CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY PARA A EXPERIÊNCIA DO USO E ABUSO DE SUBSTÂNCIAS QUÍMICAS _____	82
	Sofia Cruz Mendes de Abreu (UNIFOR)	
	Juliana Lima de Araújo (UNIFOR)	
3.7	COMPREENDENDO OS “EMBOCADOS” DE CARLOS: ESTUDO DE CASO CLÍNICO SOB A LENTE HUMANISTA FENOMENOLÓGICA _____	84
	Alice Maria Timbó Mororó (UNIFOR)	
	Karla Carneiro Romero (UNIFOR)	
	Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR)	
	Pamela Bérvely Cipriano Teixeira (UNIFOR)	
3.8	CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY PARA O PLANTÃO PSICOLÓGICO _____	86
	Francisco Luan de Souza Carvalho (UNIFOR)	
	Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR)	
3.9	CORPO, MÍDIA E A EXPERIÊNCIA DE SER ADOLESCENTE: ENTRELACAMENTOS SOB A LENTE DE MERLEAU-PONTY _____	88
	Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR)	
	Nayana Leão e Silva de Castro (UNIFOR)	
3.10	DASEIN, COTIDIANIDADE E ANGÚSTIA _____	90
	Jamily Fernandes Rodrigues (FIB)	
	João Paulo Martins (UNESP/FIB)	
3.11	ENTRE A DOR E A SUPERAÇÃO: LUTO MATERNO E O PAPEL DOS FILHOS VIVOS _____	92
	Guilherme Martinez (ISPA-IU)	
	Victor Amorim Rodrigues (SPPE/ISPA)	
3.12	ENVELHECIMENTO DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS NO BRASIL: COMPREENSÃO DAS VIVÊNCIAS DAS PERDAS E LUTOS _____	94
	Ana Carolina Ferreira Castanho (UNIP)	
	Maria Goretti Alves Moreira (UNIP)	
	Márcia Helena Archilha Rani (UNIP)	
	Lilian Cláudia Ulian Junqueira (UNIP)	

3.13	GRUPO DE ACOLHIMENTO ONLINE AOS ENLUTADOS: ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DAS NARRATIVAS E RITUAIS DE LUTO _____	96
	Laiane Paula Andreoleti (UNIP)	
	Lilian Cláudia Ulian Junqueira (UNIP)	
3.14	INFLUÊNCIA MIDIÁTICA NA CONSTRUÇÃO DA BELEZA: UMA VISÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL _____	98
	Lucas da Silva Santos Costa (UV)	
	Thaís Leite Reis (UGB)	
	Thayna Cristine Portilho Afonso (UV)	
3.15	O PLANTÃO PSICOLÓGICO: UMA PROPOSTA DE PESQUISA INTERVENÇÃO PARA FAMILIARES DE PACIENTES CRÔNICOS _____	100
	Francisleine Gomes da Silva (UNIP)	
	Lilian Cláudia Ulian Junqueira (UNIP)	
3.16	O SONHO COMO POSSIBILIDADE DE SER-COM-OS-MORTOS: UMA EXPERIÊNCIA DE RECONCILIAÇÃO _____	102
	Zélia Alves da Mota e Costa	
3.17	OS LIMITES E AS POSSIBILIDADES DA PSICOTERAPIA DIANTE DA POBREZA: UMA ANÁLISE HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA _____	103
	Alice Maria Timbó Mororó (UNIFOR)	
	Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR)	
	Pamela Bérvely Cipriano Teixeira (UNIFOR)	
3.18	PARA UMA CARACTERIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE PSICOTERAPIA EXISTENCIAL EM TODO O GLOBO _____	105
	Edgar Correia (SPPE)	
	Rita Estanislau (SPPE)	
	Tiago Gomes (Universidade Católica)	
3.19	PROCESSOS CLÍNICOS DA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIALISTA: PONTOS CENTRAIS DO PONTO DE VISTA DE PSICOTERAPEUTAS BRASILEIROS _____	107
	Daniela Ribeiro Schneider (UFSC)	
	Milene Strelow (UFSC, FURB e UNISOCIESC)	
3.20	“QUEM É ESSA MULHER” RELATOS DE UMA EX USUÁRIA _____	109
	Sofia Cruz Mendes de Abreu (UNIFOR)	
	Yara Gomes de Freitas (UNIFOR)	
3.21	RECURSOS ARTÍSTICOS E PRÁTICAS PSICOLÓGICAS EM CONTEXTOS INSTITUCIONAIS: LUTO, VIOLÊNCIA, URGÊNCIA E EDUCAÇÃO. _____	111
	Ana Carolina Ferreira Castanho (UNIP)	
	Francislene Gomes da Silva (UNIP)	
	Elaine Lopez Feijoo (IFEN)	
	Lilian Cláudia Ulian Junqueira (UNIP)	
3.22	RELAÇÃO TERAPÊUTICA E A EFICÁCIA DA PSICOTERAPIA: O NÃO JULGAMENTO COMO BASE DO VÍNCULO _____	113
	Elvira Ribeiro Madeira (UNIFOR)	
	Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR)	
3.23	REPLICAÇÃO DO MAPEAMENTO DAS INSTITUIÇÕES DE PSICOTERAPIA EXISTENCIAL EM TODO O GLOBO _____	115
	Edgar Correia (SPPE)	
	Rita Estanislau (SPPE)	

Tiago Gomes (Universidade Católica Portuguesa)

- 3.24 SOLIDIFICAÇÃO DOS PAPEIS FEMININOS: DO PERÍODO COLÔNIAL
PARA A ERA DA TÉCNICA _____ 117
Ana Carolina Ferreira Castanho (UNIP)
Lilian Cláudia Ulian Junqueira (UNIP)
Vânia Korman (UNIP)
- 3.25 VELHICE COMO CRIAÇÃO: A JOVIALIDADE EM KIERKEGAARD E A
“VELHEZ” COMO TERCEIRA INFÂNCIA EM MANOEL DE BARROS ____ 119
Flávia Moreira Protasio (IFEN)

1 CONFERÊNCIAS

1.1 A BUSCA DA VERDADE PELO CAMINHO DA EVIDÊNCIA: ONTOLOGIA, METAFÍSICA OU ALEGORIA?

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ/IFEN)

O conceito de prática baseada em evidências é um tema que tem sido amplamente discutido na literatura internacional da Psicologia. Nessas discussões, com poucas exceções, compreende-se que a relevância da prática psicoterápica depende intimamente de evidências que indiquem o resultado de suas intervenções. Nesse contexto, o debate sobre o tipo de intervenção psicológica para determinadas queixas tem modificado o modo tradicional de escolha do tratamento, não considerando apenas a predileção e a experiência profissional, mas somando-se a estes critérios as pesquisas existentes e as idiossincrasias dos pacientes. A questão que levantamos nessa apresentação diz respeito a como articular uma prática clínica com bases fenomenológicas e existenciais que se encontra em uma área fronteira na qual estão presentes a ciência, a arte, a filosofia e a literatura, com as exigências balizadas pelos critérios de cientificidade? Por isso cabe o encaminhamento de outra pergunta: a busca pela verdade pelo caminho da evidência poderia recair na perspectiva da ontologia, da metafísica ou da alegoria? Não se trata aqui de pensar a evidência de forma hostil nem negar o lugar da confirmação de algo pela evidência, mas de saber de que modos a evidência pode ser alcançada. Nesta oportunidade defende-se o alerta para os limites da forma de ver que apenas enxerga a verdade pelos dados objetivamente evidentes. Muitas vezes, os cientistas ao perseguirem com tanta veemência a eficácia e eficiência, devidamente comprovadas por provas empíricas e pelas deduções lógicas, esquecem-se que há outras possibilidades de ver e alcançar a evidência, como por exemplo, em seu sentido mais originário. O saber que se torna conhecimento cientificamente comprovado pelos argumentos da lógica ou da objetividade, muitas vezes, encaminha-se para a cegueira, impedindo de que se possa ver outro modo. Sem dúvida, poder controlar, antecipar, resolver traz muita segurança, conforto e tranquilidade; no entanto, essa forma de lidar com as coisas mostra-se sempre insuficiente frente a exuberância da existência, por isso é que toda a tentativa de estabelecer uma Psicologia baseada em evidências vai sempre encontrar forças de resistência no âmbito da própria Psicologia. É preciso, portanto, antes de afirmar que uma prática em Psicologia tem mais validade que outra, analisar, no sentido de destecer uma trama, ou seja, reconduzir o modo de pensamento até as condições de possibilidades da experiência científica a um todo homogêneo, isto é, a capacidade de compreender seja pela evidência ontológica, metafísica ou alegórica.

Palavras-chaves: Evidência; Fenomenologia; Psicologia.

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Psicóloga. Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Departamento de Psicologia Clínica - DPC e Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social - PPGPS da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do projeto de extensão: Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia da Existência – LAFEPE e do projeto de Iniciação Científica sobre suicídio. Membro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia. Sócia fundadora e benemérita do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro – IFEN e coordena o Núcleo de Pesquisas do IFEN. Organizadora e autora de livros, capítulos e artigos publicados em revistas nacionais e internacionais, que versam sobre a pesquisa e a clínica psicológica na perspectiva fenomenológico-existencial. Bolsista produtividade CNPQ e Cientista do Nosso Estado.

E-mail: ana.maria.feijoo@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6262781863415292>
ORCID: 000-0002-3064-3635

1.2 "INGREDIENTES ATIVOS NOS PROCESSOS PSICOTERAPÊUTICOS: CONTRIBUTOS DA INVESTIGAÇÃO PARA O DIÁLOGO INTER-PARADIGMAS?"

Dora Pereira (UMa; CUIP)

O desenvolvimento da intervenção psicoterapêutica com base em sólida evidência científica é hoje um imperativo da prática profissional, ainda que por vezes surjam dúvidas acerca da compatibilidade entre as exigências do processo de investigação e a natureza relacional e idiossincrática da psicoterapia. A compreensão dos mecanismos subjacentes aos resultados psicoterapêuticos continua a ser um importante objetivo de investigação. A identificação dos ingredientes ativos nos processos psicoterapêuticos e a compreensão do seu funcionamento são apontados como uma via importante para tal objetivo sendo salientado por alguns autores que esta abordagem deve alargar-se a todo o continuum clínico-translacional e não se cingir à fase relacionada com o cliente. Neste enquadramento, pretende-se contribuir para perceber se a diversidade de abordagens psicoterapêuticas pode ser vista como um continuum de recursos a disponibilizar em função das características do cliente, do terapeuta e do contexto. Para tal está a decorrer uma revisão da literatura, centrada em estudos de revisão e meta-análise de forma a apontar que evidências e lacunas existem na investigação dos últimos 10 anos, quanto à identificação de ingredientes ativos terapêuticos, nas diferentes fases do continuum clínico-translacional, relativamente a quatro dos paradigmas de intervenção mais comuns: psicodinâmico, cognitivo-comportamental, sistémico e existencial. Os resultados serão apresentados em função das diferentes fases do referido ciclo e discutidos como uma forma de diálogo inter-paradigmas. As conclusões focar-se-ão nas perspectivas futuras de investigação, salientando a importância de atender às especificidades da relação humana.

Palavras-chave: Psicoterapia; Mudança; Ingredientes ativos; Continuum clínico-translacional.

Dora Pereira

Professora Auxiliar Psicóloga e Terapeuta Familiar, Doutorada em Psicologia Clínica – Psicologia da Família e Intervenção Familiar; Universidade da Madeira (Departamento de Psicologia – Faculdade de Artes e Humanidades), Centro de Investigação Universitário em Psicologia (CUIP – Universidade do Algarve).

E-mail: dora.pereira@staff.uma.pt

ORDIC: 0000-0003-0874-7929

1.3 A PSICOÉTICA NA RELAÇÃO PSICÓLOGO/PESSOA. UMA LEITURA HERMENÊUTICA

Paula Ponce de Leão (ISPA/SPPE)

O poder da ação humana graças à macrotecnologia ganhou no século XX uma dimensão incomensurável que o obrigou a repor a casuística ética. Aprendiz de feiticeiro o homem começou a compreender a necessidade de dar valores éticos às suas ações, o que implicava encontrar critérios que não só permitissem realizar as suas escolhas como avaliar à distância as consequências dos seus atos. Nesta ótica, a Ética tornou-se um critério privilegiado para repensar a dimensão prática do viver, não só enquanto caminho para a felicidade pessoal, mas também como caminho para a paz social. O eu e o outro, a esta luz, vão ter de encontrar novas formas de pensar a relação entre si. Como conjugar as contradições mais profundas do eu com as contradições do outro sem ser pelo recurso à interpretação hermenêutica? A hermenêutica ao propor a noção de atestação alarga a forma de pensar a identidade pessoal e consequentemente a sua relação com o outro. A experiência do trágico que a cegueira de Édipo tão bem ilustrou nos gregos e que Saramago em «O ensaio sobre a cegueira» atualiza, obriga-nos a repensar o enigma do homem simultaneamente Agente e Sofredor. Mais ainda, a distinção entre ética e moral completa e alarga não só a noção de identidade pessoal como o acontecer da relação intersubjetiva. A simetria entre as identidades que a tradição abordava a nível lógico como equidade reduzia o poder criativo do homem ao fazê-lo esquecer a sua originalidade mais profunda, tal como ao limitar a sua relação a uma repetição de um modelo universal. Pensar de forma nova a relação com o outro implica pensá-lo a partir da reciprocidade, da presença, e da relação viva. Nesta ótica, o homem precisa de recorrer a princípios e a normas capazes de lhe devolverem a confiança, a justiça e o bem não só para si próprio, como para os outros em instituições justas. A compreensão psicoética ao procurar “fazer o bem” responde a uma dimensão fundamental do ser humano que não só visa a vida pessoal como a vida de relação. Importa assim contribuir para que o outro conserve ou recupere tanto a consciência da sua autonomia como o princípio de justiça que o situa no mundo. Nesta perspetiva as normas psicoéticas surgem como sendo as condições da aplicação prática dos princípios éticos ao homem no mundo. O objetivo desta comunicação é tratar das grandes categorias que nos permitem perceber a necessidade e o real sentido da praxis trágica da relação ética de forma que o homem jamais possa destruir ou ser destruído.

Palavras-chave: Psicoética; Reabilitação da Relação; Atestação e Diálogo.

Paula Ponce de Leão (ISPA/SPPE)

Professora jubilada do Instituto Universitário de Psicologia Aplicada (ISPA), em Lisboa. Licenciou-se em Filosofia na Universidade de Coimbra, fez o mestrado em Louvain, iniciou o seu trabalho como assistente no departamento de Filosofia na Universidade de Lisboa. Doutorou-se em Lisboa. Atualmente continua a lecionar os cursos de Filosofias da Existência e Hermenêutica da relação na Sociedade Portuguesa de Psicoterapias Existenciais.

E-mail: paulaponceleao@gmail.com

ORCID: 0000-0001-8305-5960

1.4 O QUE FAZER COM OS PSICANALISTAS? AMIGOS OU ADVERSÁRIOS?

Victor Amorim Rodrigues (SPPE/ISPA)

Será possível um diálogo frutuoso entre a psicanálise e a psicoterapia existencial? Após um início promissor desse diálogo, consubstanciado na correspondência publicada entre Binswanger e Freud, a evolução posterior de cada um destes campos terapêuticos afastou-os, pelo menos na Europa, com o mergulho metapsicológico, já muito afastado dos fenómenos clínicos das correntes kleinianas e neokleinianas, seguidos da correspondente reação da chamada British School da terapia existencial, fortemente antipsicanalítica, assim como muito crítica dos movimentos integrativos, ecléticos, multimodais, transteóricos e de última geração. O autor defende a fertilização cruzada da psicoterapia existencial com os desenvolvimentos da psicoterapia contemporânea, sem descaracterização mas também sem rejeição prematura, com o pretexto de que não pode haver diálogo com abordagens pertencentes à “Técnica”, sob pena de ficarmos irremediavelmente isolados e considerados irrelevantes. Propõem-se algumas pontes e caminhos de diálogo com a psicanálise relacional, algumas terapias cognitivo-comportamentais de terceira geração e abordagens integrativas e transteóricas que, admitindo-o ou não, já incorporaram elementos existenciais no seu saber fazer e, no mesmo movimento, reafirmar a psicoterapia existencial como espaço de liberdade, não dogmático e liberto de purismos asfixiantes.

Palavras-chave: Transteoria; Psicanálise; Psicoterapia existencial; Técnica.

Victor Amorim Rodrigues

Médico psiquiatra e psicoterapeuta. Docente do ISPA- Instituto Universitário. Presidente da Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial. Presidente do capítulo português da International Association of Relational Psychoanalysis and Psychotherapy. Diretor Clínico da Clinic of Change em Lisboa.

E-mail: vitoramorimrodrigues43@gmail.com

ORCID: 0000-0001-7721-235X

2 MESAS REDONDAS

2.1 A ATITUDE FENOMENOLÓGICA E A RELAÇÃO DO SER-NO-MUNDO NO TRATO CLÍNICO DA ANSIEDADE

Antônio Astério Rodrigues (IFEN)

Tendo-se a ansiedade como roupa apertada, desconfortável, mas como vestimenta usual dessa sociedade contemporânea, pós-moderna, líquida, caracterizando-se como um estado afetivo penoso, marcado pela expectativa de algum perigo que se revela indeterminado e impreciso, e de tão corriqueira, a ansiedade já ter sido classificada como “transtorno mental comum” pela Organização Mundial da Saúde, considerando ainda que é tratada muitas vezes apenas pelos sinais e sintomas, ou por entendimentos causalistas e explicativos e ponderando o sofrimento pelas perdas de não se viver o agora dela decorrente, este trabalho se propõe a investigar, sob uma perspectiva fenomenológica existencial, as contribuições da atitude fenomenológica e a relação ser-no-mundo na compreensão da ansiedade, clarificando, quiçá, neste ente em movimento de relações com o outro, novos entendimentos sobre si mesmo e seu poder-ser-no-mundo. Para tanto, nos propomos inicialmente a caracterizar a ansiedade, sua prevalência e relevância, e a visão patologizante dos enquadres biomédicos. Em seguida discorreremos sobre a atitude fenomenológica como reflexão sobre o fenômeno, a suspensão do imediatamente posto para as vivências puras da consciência constituinte. Depois verificamos a ansiedade como possível decorrência das vivências do ser-no-mundo, nesse espaço originário de sentidos onde o ente debate-se em seu poder-vir-a-ser. Enfim, analisamos a postura terapêutica sob o entendimento da atitude fenomenológica e o ser-no-mundo no atendimento clínico. Para o alcance desse objetivo, utilizou-se como suportes de fundamentação teórica para nortear este trabalho científico pesquisa básica, descritiva e exploratória, através de revisão de literatura nas plataformas SciELO, PePSIC, Google Acadêmico, LILACS, com artigos escolhidos arbitrariamente, livros, dissertações, teses. Observou-se a ansiedade como crise existencial interpretada pelas ciências naturais num diagnóstico inerente ao corpo biológico e percebeu-se a prevalência e decorrente relevância da ansiedade em nossa contemporaneidade como sofrimento corriqueiro em parte expressiva de nossa sociedade pós-moderna, assim como inexpressivo conhecimento desse público ansioso e sofrido sobre o melhor entendimento e tratamento desse transtorno que tanto desgasta, debilita, exaure e adoce seu portador. Assim, considera-se interessante questionar esta interpretação, posto que tal fenômeno deve ser largamente compreendido à luz da fenomenologia existencial em sua suspensão via atitude fenomenológica e compreensão ontológica do ser-aí, uma vez que esse ente se constitui como ser-no-mundo num horizonte temporal.

Palavras-chave: Ansiedade; Atitude fenomenológica; Ser-no-mundo; Impessoalidade; Singularidade.

Antônio Astério Rodrigues

Bacharel em Psicologia pela Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB). Associado do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN) e Pós-Graduando na Especialização em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial do IFEN, Rio de Janeiro/RJ, Brasil. CRP 22/05970.

E-mail: asteriopassarinho@gmail.com

ORCID: 0009-0004-3275-2415

2.2 A MINHA MÃE É PSICOTERAPEUTA

Carolina Félix (SPPE)

Este é um livro para crianças em idade escolar que explica de forma simples alguns fundamentos básicos da Psicoterapia existencial, através da visão da autora. O objetivo deste livro é transmitir aos pais uma visão simplista mas humana da psicoterapia existencial. E eventualmente utilizar estas metáforas e imagens para o público geral compreender este tipo de intervenção psicoterapêutica. O livro está dividido em 5 capítulos com ilustrações ao longo do mesmo para demonstrar as várias metáforas utilizadas para descrever as diversas temáticas apresentadas. A história começa com um menino que pergunta à mãe sobre o seu trabalho como Psicoterapeuta e ela utiliza várias metáforas para explicar os diferentes conceitos (motivos de procura de ajuda psicoterapêutica, sentido de vida, responsabilidade, isolamento e Angústia de morte). No final o menino consegue encontrar a sua própria imagem para aquilo que entendeu ser a psicoterapia existencial. Capítulo 1 explica o estabelecimento de objetivos e da relação terapêutica, através de uma ideia de existirem novelos de lã diferentes e em terapia existe a possibilidade de os ver, conhecer, aceitar, compreender e eventualmente modificar (ex: fazer um cachecol com o seu novelo). No capítulo 2 para ilustrar o conceito de Sentido de Vida, utiliza uma metáfora de construção de puzzles, onde cada pessoa tem a capacidade encontrar e construir a sua própria imagem, de acordo com os seus valores, contexto social e individual. Aborda também a dificuldade de algumas pessoas encontrarem o seu sentido de vida através da dificuldade em encontrar as peças do seu próprio puzzle. O capítulo 3 trabalha o conceito de responsabilidade, utilizando a ideia que até as crianças têm responsabilidade de escolher com consciência, especialmente se conhecerem os sinais emocionais do seu corpo. Este capítulo permite o menino pensar sobre as suas próprias responsabilidades (ex: ir à escola). No capítulo 4 o conceito de Isolamento é explicado com uma metáfora de flocos de neve, onde cada um de nós está ligado ao mundo como a neve mas ao mesmo tempo somos indivíduos diferentes e sozinhos. O último capítulo trata a angústia de morte, através da imagem de um jardim a passar pelas diversas estações do ano, cada pessoa tem a capacidade de se responsabilizar pela forma como cuida do seu jardim e isso leva a diferentes consequências a nível emocional e de realização pessoal (ex: cuidar do seu jardim e aceitar em paz que eventualmente as plantas vão morrer, ou não cuidar dele e viver em ansiedade porque o jardim tem ervas daninhas).

Palavras-chave: Psicoterapia Existencial; Livro infantil; Fundamentos base.

Carolina Félix

Psicóloga com especialidade em Psicologia Clínica e da Saúde pela Ordem dos Psicólogos Portugueses (Nº 21021); Mestre em Psicologia Clínica Dinâmica (Universidade de Lisboa) e Mestre em Cuidados Paliativos (Universidade Católica Portuguesa). A finalizar o processo para se tornar membro efetivo da SPPE. Psicóloga num lar de idosos e com prática clínica privada, exclusivamente online. Já conta com uma publicação de um livro infantil: “A magia dos Sonhos” (edição de autor).

E-mail: c.felix91@gmail.com

2.3 A TEORIA DOS FATORES COMUNS NA PSICOTERAPIA EXISTENCIALISTA: ELEMENTOS INICIAIS PARA UMA AVALIAÇÃO DE PROCESSO

Daniela Ribeiro Schneider (PPGP/UFSC)

Milene Strelow (PPGP/UFSC)

Raquel Wzorek (PPGP/UFSC)

A pauta da investigação científica em psicoterapia tem desafiado o campo da psicologia clínica nos últimos anos e como não poderia deixar de ser, provoca as psicoterapias fenomenológicas e existencialistas a se posicionarem frente a este tema e a adentrar na discussão das evidências. O foco nos resultados acaba colocando-se como contraponto aos pressupostos fundamentais desta abordagem, por esta se construir como uma perspectiva focada na abertura, no devir da existência, que se concretiza na clínica no acolhimento das idiossincrasias do paciente e na relação empática com o mesmo, com críticas ao modelo positivista de ciência. Desta forma, para enfrentar estes dilemas, é preciso complexificar a discussão de evidências, saindo da armadilha de uma mera relação causa-efeito. Nesta direção há pesquisas em psicoterapia que procuram investigar o ‘como ocorrem as mudanças em psicoterapia’ e ‘quais são os fatores envolvidos’, colocando-se como avaliações de processo. O chamado modelo contextual se sustenta na lógica de que fatores comuns associados e interrelacionados a fatores específicos em psicoterapia são os que de fato interferem no alcance da eficácia clínica. Pesquisas mostraram que diferentes modelos teóricos alcançaram desfechos positivos nas intervenções psicoterapêuticas de forma semelhante, em função do que se definiu como os fatores comuns, presentes em todas as abordagens. Envolvem as variáveis referentes ao psicoterapeuta, ao paciente e à relação estabelecida entre os dois, ou seja, descrevem o manejo clínico pelo terapeuta, o engajamento do paciente no processo e o “como” acontece a aliança terapêutica entre psicoterapeuta e paciente, levando ao compartilhamento dos objetivos clínicos. Com base em pesquisas empíricas, com métodos mistos, através de entrevistas e aplicação de questionários, uma primeira desenvolvida com psicoterapeutas existencialistas e outra com seus pacientes, serão discutidos como os fatores comuns podem ser abordados na psicoterapia existencialista, utilizando-se a teoria sartriana para promover algumas reflexões sobre indicadores de sua avaliação de processo. Do ponto de vista dos psicoterapeutas tem-se a posição de que o alcance dos resultados terapêuticos depende das características do paciente, de como chegou à psicoterapia, da disponibilidade para a mudança, do quadro psicopatológico, tipo de sofrimento, da existência ou não de rede de apoio, entre outros aspectos. Logo, o que esperam alcançar com primeiro objetivo é uma ampliação em geral da qualidade de vida e das relações estabelecidas pelo paciente. Mas, para além, procuram mediar processo que possibilitem a desalienação e a transformação da dinâmica psicológica dos pacientes e da retomada de seu projeto originário. Do ponto de vista dos pacientes, a corresponsabilização apareceu como um indicador importante para mudanças terapêuticas na psicoterapia existencialista. Quando reconhecem a extensão da sua responsabilidade, os pacientes percebem que suas ações têm repercussões muito maiores do que supunham inicialmente. A mediação psicoterapêutica convida o paciente a se dispor para explorar novas perspectivas existenciais e ser agente desta empreitada que é tomar seu projeto de ser em suas mãos. Alguns indicadores da importância da qualidade da aliança terapêutica auxiliam na avaliação da psicoterapia existencialista.

Palavras chaves: Psicoterapia Existencialista; Teoria dos Fatores Comuns, Avaliação de Processo; Jean-Paul Sartre.

Daniela Ribeiro Schneider.

Prof. Titular aposentada do Depto de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), orientadora voluntária no Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Psicóloga, Mestrado em Educação (UFSC), Doutora em Psicologia (PUC/SP), Pós-Doutora em Ciência da Prevenção (Universidad de Valencia - España, 2012 e University of Miami - USA, 2019). Especialista na obra de Sartre, com vários estudos, artigos e livros sobre psicologia e clínica existencialista. Bolsista Produtividade 2 pelo CNPQ. CRP12/00443.

E-mail: danischneiderpsi@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5847729124150252>

ORCID: 0000-0002-2936-6503

Milene Strelow

Psicóloga (FURB), Mestre e Doutora em Psicologia (UFSC). Professora da FURB e UNISSOCIESC e Psicoterapeuta Existencialista. CRP12/03113

E-mail: milene.strelow@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6645977197890297>

ORCID: 0000-0003-1426-9003

Raquel Wzorek

Psicóloga (UNISUL), Especialista em Psicologia Existencialista (UNISUL), Mestre em Psicologia (UFSC), Psicoterapeuta Existencialista. CRP 12/15847.

E-mail: wzorekquel@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9305370924349673>

ORCID: 0000-0002-9500-3452

2.4 ANALISAR OU ORIENTAR A FAMÍLIA EM PSICOTERAPIA INFANTOJUVENIL

Elaine Lopez Feijoo (IFEN)

A análise da situação familiar é o encontro psicoterapêutico do analista com os responsáveis legais pela criança, sejam eles seus pais, avós, tios, que pode acontecer também junto a criança ou jovem que chamamos de analisando. O termo análise vem do grego *analisein*, que significa libertar, soltar alguém ou alguma coisa de suas amarras. Nessa proposta, não cabe mais a utilização da terminologia orientador, mas sim analista, uma vez que cabe a esse acompanhar o analisando no tecer e destecer de seu caminhar. A clínica psicológica infantojuvenil muitas vezes é requisitada pelos responsáveis pela criança, outras vezes pela escola, ou ainda por um médico para que o psicólogo atue no sentido de normatizar, modelar ou adaptar o jovem no contexto atual. Fraco desempenho escolar, atividade motora acima do que é dito normal, déficit de atenção são motivos que chegam à clínica psicológica em diferentes idades. No mundo moderno, determinações como antecipação, normatização fazem parte de um modelo de perfeição a ser alcançado. A publicidade nos convida a ver o mundo de forma que se deve ser bem sucedido tanto profissionalmente como socialmente. Crianças e jovens que não correspondem a esse padrão são chamados de crianças-problema, fora de moda, ou ainda esquisitos. Há uma expectativa de que na psicologia clínica os resultados almejados sejam alcançados, segundo o modelo de normatização. Os responsáveis, consequentemente também recebem seus mais diferentes rótulos, como incapazes, ou como rígidos demais, gerando muitas vezes sentimento de culpa, frequente em nossa cultura. Dessa forma, busca-se na psicoterapia, respostas, critérios e orientações para pensar na lida dos responsáveis para com seus filhos. Cabe então, pensarmos a partir da perspectiva fenomenológico-existencial em psicologia, que pretende não interpretar a priori aquilo que se apresenta, mas sim seguir a mobilidade do fenômeno na medida que se apresenta. Ao adotarmos essa perspectiva devemos levar em conta algumas questões como a dinâmica constitutiva de nossa época, dar um passo atrás no que diz respeito à tendência de nos entregarmos a essa dinâmica, uma vez que somos atropelados por esses mesmos atravessamentos. Além de exercitarmos a paciência para que possamos acompanhar aquele que está tomado pela dinâmica de nossa época, analisarmos as questões presentes nas diferentes situações familiares que surgem nos atendimentos infantojuvenis, tecendo e destecendo essas tramas.

Palavras-chave: Análise; Infância; Adolescência; Fenomenologia. Existencial

Elaine Lopez Feijoo (IFEN)

Psicóloga. Especialista em Psicologia Clínica pelo IFEN. Pesquisadora pelo Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil, CNPQ na linha de Pesquisa Psicologia e Filosofia da Existência. Sócia mantenedora do IFEN, onde é professora, supervisora e coordenadora acadêmica do curso de Especialização em Psicologia Infantojuvenil. Organizadora de congressos e escritora de capítulos de livros com temas infantojuvenis. CRP 05/25783.

E-mail: elaine@ifen.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8267323151481542>

ORCID: 0000-0003-4612-2452

2.5 ANSIEDADE E VUNERABILIDADE NA PSICOTERAPIA CENTRADA NA PESSOA: ESTUDOS TEÓRICOS, EMPÍRICOS E APLICADOS

Paulo Coelho Castelo branco (UFC)

Esta pesquisa objetiva analisar teórica e empiricamente os fenômenos da ansiedade e vulnerabilidade, conforme uma perspectiva humanista centrada na pessoa. Ambos os fenômenos: (1) remetem à segunda condição clínica para desenvolver um processo psicoterapêutico de mudança de personalidade - a saber, que cliente esteja vivenciando um estado de incongruência; (2) são definidos em função do grau de tomada de consciência sobre os objetos tensionais; (3) expressam uma variação de quadro tensional que emerge de situações/problemas que afetam a pessoa, gerando incongruência a partir de desorganizações entre a experiência organísmica direta e o self, e entre as dimensões experiência (sentir via emoção), consciência (significação/simbolização da experiência) e comportamento (expressão dos sentidos e significados no ambiente). Argumenta-se que esta definição e operacionalização de intervenção sobre a ansiedade e vulnerabilidade deixou de ser tratada por Carl Rogers a partir de sua aposentadoria, na década de 1960, ocasião em que passou a se dedicar aos campos da Educação e dos Grupos de Encontros, sem considerar os aspectos desorganizadores da personalidade. O repercuto disso foi uma ênfase nas atitudes facilitadoras (congruência, consideração positiva incondicional e compreensão empática) e uma falta de aprimoramento na segunda condição clínica que é, justamente, o fator que motiva o cliente a pedir ajuda psicológica. Em razão disso, assume-se o mencionado objetivo conforme três métodos. O primeiro aborda uma pesquisa conceitual e interpretativa sobre as obras clínicas rogerianas, de modo a evidenciar, nas noções em tela, suas teses, termos adjacentes, lacunas, epistemes e recepção no Brasil. O segundo usa os achados do primeiro estudo como linguagem psicológica para compreender, via método fenomenológico empírico, experiências de ansiedade e vulnerabilidade em estudantes da Universidade Federal do Ceará. O terceiro, mediante uma validação de conteúdo e baseado em Rogers, elabora um instrumento de registro clínico de graus e mudanças de estados tensionais. Os achados teóricos indicam que: as matrizes e teses que adornam as explicações dos fenômenos investigados são funcionalistas, personalistas e gestaltistas; há problemas de tradução desses conceitos para o português brasileiro (por exemplo, Vulnerability foi traduzido como Angústia), que incorrem em leituras meta-rogerianas de estirpe fenomenológico-existencial. Os achados empíricos indicam que as experiências de ansiedade/vulnerabilidade são oriundas de pressões institucionais e culturais, e procedem de incongruências advindas do self-ideal. Em relação ao instrumento, este segue uma lógica de elaboração baseada em outras escalas e medidas desenvolvidas por Rogers e seus colaboradores, na década de 1950, e está escalonado em itens que medem os seguintes pontos: capacidade satisfatória de o cliente lidar com suas tensões; vulnerabilidade (presença de desacordo, com a tensão/sofrimento perceptível ou não pelo cliente); angústia (tensão/sofrimento perceptível, mas sem consciência de causa); ansiedade (tensão/sofrimento perceptível e com consciência de causa). Conclui-se que pesquisas teóricas e empíricas devem caminhar em conjunto e que essa organização metodológica dialoga com o campo nomotético da validade clínica presente do paradigma das Psicologias Baseadas em Evidências, porém considerando às dimensões idiossincráticas da experiência e os aspectos fenomenológicos presentes nas perspectivas da primeira pessoa (terapeuta), segunda pessoa (cliente) e terceira pessoa (instrumento de avaliação).

Palavras-chave: Ansiedade; Pesquisa Conceitual; Método Fenomenológico Empírico; Validação de Conteúdo; Vulnerabilidade.

Paulo Coelho Castelo Branco

Docente e Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Pós-Doutor e Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista Produtividade do CNPq (Nível PQ-2). Coordenador do Núcleo de Estudos em Psicologia Humanista. CRP 11/05321.

E-mail: pauloccbranco@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1820406648964972>

ORCID: 0000-0003-4071-3411

2.6 ATENÇÃO AO LUTO NO CONTEXTO DE EMERGÊNCIA SANITÁRIA: A ESCUTA FENOMENOLÓGICA ON-LINE

Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)

Durante o período de emergência sanitária da pandemia de Covid-19, os atendimentos on-line se mostraram como uma alternativa viável para atenção em saúde mental como forma de mitigar as contaminações pela doença e evitar a sobrecarga dos sistemas de saúde. Entretanto, muitos profissionais de saúde não tinham nenhum treinamento par o uso dessa ferramenta e a possibilidade de acesso das diferentes populações frequentemente era limitado. O desafio de compreender os aspectos de uma escuta atravessada e intermediada por meios virtuais precisou ser pensada ao mesmo tempo em que era exercida, impondo desafios e dificuldades de manejo, embora o uso das tecnologias seja amplamente utilizado pela população em geral. O presente trabalho é derivado de uma pesquisa realizada durante o período de emergência sanitária da pandemia de Covid-19, com grupos de acolhimento on-line a pessoas enlutadas. A escuta é uma ferramenta essencial da práxis em saúde mental, entretanto, nem sempre há uma preocupação em defini-la ou especificá-la. Neste trabalho, tomamos a escuta não como uma simples presença, mas como um gesto expressivo, corporal, que permite o encontro com a alteridade e a aparição de seus mundos e de seus sentidos existenciais. No luto, a escuta precisa incluir o acolhimento da experiência única e singular da/o enlutada/o que frequentemente questiona a lógica imposta socialmente de superação e esquecimento da/o ente querido. A escuta em situações grupais se engendra a partir da conexão e reconexão entre as pessoas enlutadas que frequentemente se sentem isoladas socialmente, sentimento intensificado em tempos de restrições sanitárias. Nos grupos acompanhados, notou-se que o espaço grupal permitiu que a escuta fosse uma ferramenta importante não só para a profissional psicóloga, mas também para as/os participantes. A escuta facilitou as relações, identificações, reconhecimento mútuo e laços, permitindo que alguns modos de expressão do luto geralmente interditados socialmente fossem expressos, que novos modos de enfrentamento do luto se abrissem como possível e que emergissem novas possibilidades de compreensão de si e do próprio existir como enlutada/o. Um dos maiores desafios de uma escuta qualificada em atendimento no ambiente on-line para enlutadas/os, onde a corporeidade e a relação intersubjetiva desafiam os modos tradicionais de espacializar e temporalizar, foi resguardar a possibilidade de que o sentido existencial pudesse emergir e ser acolhido, mesmo diante das limitações de conexão, assim como, permitir que as relações se tornassem significativas de modo a abrirem novas relações com a própria história e a memória de um modo mais livre e autêntico.

Palavras-chave: Luto; Covid-19; E-psicologia; Escuta; Fenomenologia.

Joanneliese de Lucas Freitas

Psicóloga (CRP 01/7143), mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília. Professora Associada da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPR. Foi pesquisadora visitante do Departamento de Antropologia da University of California Los Angeles (UCLA). Coordenadora do projeto de pesquisa e extensão: Luto: Vivências e Possibilidades. Membro do GT Psicologia e Fenomenologia da ANPEPP (Brasil). CRP 01/7143.

E-mail: joanne@ufpr.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4125030248428843>

ORCID: 0000-0002-0856-3460

2.7 ATENÇÃO PSICOLÓGICA E SAÚDE PÚBLICA: PESQUISAS FENOMENOLÓGICAS SOBRE VIVÊNCIAS COTIDIANAS

Vera Engler Cury (PUC-Campinas)

O Grupo de Pesquisa institucional "Atenção psicológica clínica em instituições: prevenção e intervenção", vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas, São Paulo, desenvolve investigações acerca de enquadres clínicos diferenciados praticados em contextos institucionais. A abordagem terapêutica que orienta estas intervenções caracteriza-se por favorecer a elaboração das vivências emocionais dos clientes, indivíduos ou grupos, de modo não invasivo, possibilitando a emergência de potencialidades para a saúde, facilitando a retomada da autonomia pessoal e a confiança em si como agentes de transformações no plano pessoal e coletivo. A ênfase recai sobre o desenvolvimento de relações dialógicas entre o profissional psicólogo e o cliente (ou usuário) que só se tornam concretas quando se confirma o potencial destes para exercer em algum grau sua autonomia pessoal. Uma escuta singularizada e contextualizada por parte do psicólogo a partir das demandas expressas pelos clientes/usuários pode facilitar o desenvolvimento de uma consciência de si e a reintegração da personalidade e das relações interpessoais. Pensar a clínica como um encontro contextualizado, não é apenas considerar os elementos sociais e culturais que atravessam as pessoas, mas é, principalmente, assumir um posicionamento ético e implicado diante do ser humano e de sua realidade. Assim, compreende-se como um caminho necessário à clínica psicológica na contemporaneidade transformar-se numa atenção ao sofrimento humano, vivido cotidianamente face a inúmeras formas de desigualdades e preconceitos que reverberam de maneira singular em cada pessoa. A partir de uma compreensão fenomenológica e humanista, temos desenvolvido pesquisas que se propõem analisar propostas inovadoras de intervenção psicológica, buscando compreender seu potencial para o desenvolvimento e preservação de auto (e hetero) conhecimento, crescimento e reintegração que possibilitem às pessoas reinventar-se sob novas bases num processo criativo de superação das limitações a partir da atribuição de novos sentidos a própria existência.

Palavras-chave: Atenção Psicológica; Psicologia Clínica; Pesquisa Fenomenológica; Intervenção Psicológica.

Vera Engler Cury

Psicóloga. Especialista em Psicologia Clínica. Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo, USP. Doutora em Saúde Mental pela Universidade de Campinas, UNICAMP. Professora titular da Faculdade de Psicologia e do Programa Stricto Sensu em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC-Campinas; orientadora de bolsistas de Iniciação Científica, mestrandos e doutorandos; supervisora de pós-graduandos. Atualmente exerce o cargo de Coordenadora do Programa de Psicologia da PUC-Campinas. Coordena o Grupo de Pesquisa "Atenção Psicológica em instituições: prevenção e intervenção" vinculado ao Programa de Psicologia. Coordena o Grupo de Trabalho da "Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia", ANPEPP, denominado "GT 48 Psicologia & Fenomenologia". Autora de artigos científicos em revistas científicas nacionais e internacionais; organizadora de livros e autora de capítulos. Temas preferenciais: psicologia clínica, saúde mental, abordagem centrada na pessoa atenção psicológica em instituições públicas, plantão psicológico, pesquisa fenomenológica. CRP 06/6020.

E-mail: vency2985@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3414308343809480>

ORCID: 0000-0003-2721-3367

2.8 BRAINSPOTTING E FENOMENOLOGIA UM DIÁLOGO SOBRE ABORDAGENS E NOVAS POSSIBILIDADES TERAPÊUTICAS

Débora Candido de Azevedo (UNIFESP/IFEN/SE&PQ)

O objetivo deste trabalho é apresentar o Brainspotting (BSP) como intervenção terapêutica brain-body-based, que tem como princípios norteadores: bases em neurociência, importância da relação paciente/terapeuta como fundamento e postura fenomenológica como fio condutor do processo. O BSP surgiu nos Estados Unidos em 2003 e sua criação resultou da experiência de psicoterapias com orientação dirigida para o corpo como Dessensibilização e Reprocessamento através de Movimentos Oculares (EMDR) e Experiência Somática (ES), aplicadas em situações de sofrimento intenso e traumas. Para apresentar esta ferramenta terapêutica inovadora, demonstrar-se-á uma pesquisa com metodologia mista que investigou o fenômeno da obesidade na adolescência. De modo quantitativo foi realizado um ensaio clínico randomizado para testar a eficácia do BSP. Os desfechos apontaram para a redução dos índices antropométricos apesar de não encontrar significância estatística. A perspectiva qualitativa com foco na compreensão das modificações ocorridas nos participantes e de suas próprias percepções acerca de si mesmos após a intervenção com BSP, foi analisada sob a ótica fenomenológica descritiva e interpretada à luz da filosofia husserliana sobre o corpo-vivente, tomando o conceito da percepção conforme Maurice Merleau-Ponty propõe e o conceito de cuidado segundo a hermenêutica de Martin Heidegger. Tais análises mostraram o alto benefício do tratamento a partir da narrativa dos sujeitos, que desvelaram grande modificação da autopercepção corporal, novos e melhores modos de cuidar do corpo e da saúde, maior sentimento de bem-estar, realização de um movimento em direção à liberdade de si mesmo, revelando abertura para o outro e para o mundo com novas perspectivas futuras. Os dados quantitativos não mostraram a amplitude do benefício que os dados qualitativos mostraram. A triangulação metodológica, com abordagens qualitativa e quantitativa possibilitou a avaliação da intervenção testada, tanto na dimensão explicativa quanto compreensiva do fenômeno da obesidade e consequente perda de peso entre os adolescentes. Para além da questão metodológica, é possível entender que esta junção de estratégias é como se a psicoterapia trabalhasse “de cima para baixo” e a medicina “de baixo para cima”. Os efeitos de um tratamento conjunto, ou seja, uma intervenção corpo-mente, empurrariam e puxariam o organismo de volta a um equilíbrio alostático mais saudável. Talvez esse tipo de intervenção tenha sido promissora, porque considerou, na obesidade, as questões orgânicas e psíquicas entrelaçadas.

Palavras-chave: Brainspotting; Obesidade; Adolescência; Fenomenologia; Métodos mistos.

Débora Candido de Azevedo

Doutora em Pediatria e Ciências aplicadas à Pediatria pela UNIFESP. Psicóloga e Mestre em Educação pela Universidade Paulista. Master em Brainspotting. Vice-presidente da Sociedade de Estudos e Pesquisas Qualitativos (SEPQ). Professor colaborador do Instituto de Psicologia Fenomenológico Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). Colaboradora na equipe de Nutrologia da Escola Paulista de Medicina (EPM). Pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em pediatria e ciências aplicadas à pediatria. CRP 06/32703.

E-mail: debora.azevedo@unifesp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9390962043063226>

ORCID: 0000-0003-1039-6507

2.9 CIÊNCIA, PSICOPATOLOGIA CONTEMPORÂNEA E FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS IRRECONCILIÁVEIS

Joelson Tavares Rodrigues (UFRJ)

A psicopatologia é a área do conhecimento que visa estudar o fenômeno psíquico patológico. Um dos seus grandes desafios tem sido o de encontrar caminhos para a objetivação da experiência subjetiva, caracteristicamente não facilmente permeável a esse esforço. Desde Pinel e Esquirol, passando por Kraepelin, Jaspers e também Freud, houve um esforço de ora caracterizar e definir, e em outros momentos compreender e explicar o processo do adoecimento psíquico. Esses movimentos diversos permitem que possamos falar de psicopatologias explicativas/compreensivas e psicopatologias descritivas. Desde o advento do DSM-III, a opção da ciência dominante tem sido a de aderência aos modelos descritivos/objetivantes, deixando de lado as psicopatologias explicativas/compreensivas, consideradas incapazes de se ajustarem a metodologia científica, por estarem marcadas por um debate teórico contínuo, sem possibilidade de solução. Buscamos no presente trabalho refletir sobre a possibilidade de aproximação e eventuais contribuições da fenomenologia, conforme concebida por Martin Heidegger, do modelo psicopatológico utilizado no contemporâneo, que se assume como um modelo descritivo, rompendo com os modelos explicativos, que imperavam até então. Utilizamos o método fenomenológico hermenêutico, em que buscamos, a partir daquilo que se mostra, no caso em questão a hegemonia crescente do modelo explicativo, o que se esconde, ou seja, o sentido subjacente ao mostrado. Entendemos que a tomada de posição oficial por um modelo descritivo, que inclusive se afirma fenomenológico, é uma renúncia ao questionamento acerca do sentido do sofrimento. Heidegger, nos entanto, nos adverte para a impossibilidade dessa pretensão, ressaltando que toda descrição é também compreensão/elaboração de sentido, razão pela qual o filósofo fala de uma fenomenologia hermenêutica. Vale dizer que o DSM-III busca exatamente dar subsídios às ciências do psiquismo para realizar pesquisas, pretendendo conferir às doenças mentais instrumentos de precisão já existentes em outras áreas médicas. Tradicionalmente, no entanto, a fenomenologia existencial tem estado muito mais próxima das psicopatologias explicativas/compreensivas, do que da psicopatologia descritiva. Isso decorre do fato de que o questionamento pelo sentido do sofrimento é ponto fundamental no nosso modo de aproximação do fenômeno psíquico patológico. Pretendemos então, pensar em que medida temos contribuições a dar ao modelo científico dominante, assim como quais seriam os limites intransponíveis, ou seja, os pontos em que precisamos marcar a nossa posição dissonante em relação aos saberes majoritariamente constituídos. Concluímos que a visão psicopatológica dominante tem trazido contribuições extremamente relevantes, mas peca quando destitui a experiência do sofrimento do seu campo existencial, a partir do qual os sentidos surgem. A contribuição trazida por Heidegger, sem desmerecer os caminhos tomados pela visão dominante, pode auxiliar a ampliar a compreensão da experiência do sofrimento para além das categorizações nosológicas.

Palavras chaves: Psicopatologia; Fenomenologia-hermenêutica; Sentido.

Joelson Tavares Rodrigues

Médico psiquiatra. Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ - Departamento de Saúde Coletiva, Saúde Mental e Saúde da Família. Diretor Geral do Instituto de Ciências Médicas do Centro Multidisciplinar UFRJ Macaé. Coordenador do projeto de

extensão Mentes em Ação: Saúde Mental e Cinema e do projeto de pesquisa Medicina, Psiquiatria e Sofrimento Psíquico na Era da Técnica.

E-mail: joelsonrodrigues@hotmail.com

Lattes: [http://lattes.cnpq.br/ 7537015581800213](http://lattes.cnpq.br/7537015581800213)

ORCID: 0000-0001-6635-3181

2.10 CONSCIÊNCIA INTERNA DO TEMPO EM PESSOAS COM CANCRO: PERSPECTIVAS E DESAFIOS DA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Catarina Ramos (Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz)

Nos últimos anos têm aumentado os estudos, na literatura, sobre as preocupações existenciais decorrentes da vivência de uma doença oncológica, como uma condição que desafia a consciência interna do tempo e que potencia reflexões existenciais sobre a incerteza e a finitude da vida. Pessoas com cancro podem experienciar um sofrimento existencial, o qual é uma condição muito debilitante e, por vezes, não compreendida pelos profissionais de saúde (Wang & Yu, 2021). Esta é uma área pouco explorada nos cuidados de saúde, devido à falta de definição e de compreensão do conceito e à existência de poucas intervenções psicológicas focadas na diminuição do sofrimento existencial. Grossman e colaboradores (2018) sistematizaram as intervenções psicológicas que têm sido realizadas com o objetivo de diminuir a ansiedade da morte em pacientes com cancro avançado, constatando-se inconsistência quanto à eficácia destas intervenções. O sofrimento existencial está relacionado com diversos fatores, entre os quais se enumeram, esperança, espiritualidade, fontes de sofrimento, fontes de significado, incerteza, finitude, temporalidade, etc. O sofrimento existencial pode, por seu turno, potenciar a procura de significado de vida e a dialética entre experiências de vida positivas e negativas no contexto da doença oncológica, moderando os efeitos adversos do sofrimento (Terao & Satoh, 2022; Wong et al., 2021). Ao nível dos cuidados de saúde prestados às pessoas com cancro não avançado e avançado, Pedersen e Onling (2020) salientam que, para além da intervenção ao nível do sofrimento existencial é necessário considerar os efeitos da doença oncológica na temporalidade e na consciência interna do tempo da pessoa com cancro, e explorar os efeitos da aceleração dos cuidados de saúde e da normalização das tecnologias na dissociação dos padrões temporais (tempo, sequência, duração e calendarização) do indivíduo. Os sistemas dissociados (sistema de saúde vs. indivíduo com cancro) tornam-se, assim, cada vez mais assimétricos em termos temporais, devido a mecanismos de fixação de padrões temporais no hospital. A presente comunicação é um estudo de revisão narrativa, não sistemática, que inclui artigos empíricos e de avaliação da eficácia de intervenções psicoterapêuticas com pessoas com cancro, com o principal objetivo de promover a reflexão crítica sobre a consciência interna do tempo e os restantes aspetos do sofrimento existencial em pessoas com cancro. Pretende-se, também identificar as lacunas na literatura e elaborar recomendações para a investigação e para a prática clínica e hospitalar.

Palavras-chave: Consciência Interna do Tempo; Sofrimento Existencial; Doença Oncológica; Doença em Estado Terminal.

Catarina Ramos

Psicóloga Clínica e da Saúde, mestre e doutorada pelo ISPA - Instituto Universitário e membro candidato da Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial. Exerce, como Psicóloga Clínica e da Saúde em clínica privada e na Clínica ISPA. É professora auxiliar e coordenadora do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde no Instituto Universitário Egas Moniz, Egas Moniz School of Health & Science. É membro integrado no Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz e tem desenvolvido investigação na área do trauma, crescimento pós-traumático, doenças autoimunes e doenças oncológicas. Foi responsável pelos grupos psicoterapêuticos para mulheres com cancro da mama no Núcleo Regional Sul da Liga Portuguesa Contra o Cancro.

E-mail: cramos@egasmoniz.edu.pt
ORCID: 0000-0003-2867-1466

2.11 CORPO, MOVIMENTO HUMANO E FENOMENOLOGIA: ENTRELAÇAMENTOS PARA UMA PRÁTICA PSICOLÓGICA INCORPORADA E EM SITUAÇÃO

Thabata Telles (IPMAIA – Instituto Politécnico da Maia, Portugal)

Esta proposta centra-se na compreensão do movimento humano na interseção da psicologia com as ciências cognitivas, neurociências e filosofia. Para tais discussões, apoia-se especialmente nos saberes produzidos no campo da fenomenologia e da cognição incorporada, mais especificamente em suas contribuições na temática do corpo e da percepção. O objetivo desta proposta consiste em apresentar uma abordagem interdisciplinar em perspectiva filosófico-metodológica para a relação entre psicologia e movimento humano. Neste âmbito, três eixos principais parecem coincidir: (1) um filosófico, particularmente através da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty (1945; 1953), (2) uma abordagem neurocientífica (Gallagher, 2005; Leder, 1990; Nöe, 2006; 2009) e (3) através de uma compreensão da cognição incorporada (Araujo et al, 2019; Raab, 2020; Raab & Araujo, 2019). Embora provenientes de diferentes campos, essas três abordagens corroboram a estreita relação do movimento humano com os processos perceptivos, especialmente na designação deste conceito em termos de percepção-ação. Entende-se, portanto, que a percepção já é uma ação realizada por um corpo em relação a um ambiente. Este ato é a nossa maneira original de nos envolver no mundo e também molda nossos movimentos. Trata-se fundamentalmente de uma experiência pré-reflexiva, que conta com inputs sensoriais em articulação com a memória, desempenhando papel crucial na organização da percepção. A partir desse processo, nossos corpos podem construir uma referência implícita de tempo e espaço em cada situação para se moverem. Um movimento, neste sentido, nunca é feito aleatoriamente, mas está constantemente relacionado a um processo intencional do corpo em direção ao mundo. Assim, a percepção não é algo que acontece conosco ou em nós, mas algo que fazemos relacionado a algo em um determinado tempo, espaço e situação. Este processo não ocorre no cérebro, como uma representação interna do mundo, mas sim no corpo inteiro, sob forma de uma atividade corporal hábil. Neste âmbito, o movimento humano é entendido através da tríade mente-corpo-mundo e se configura em seu aspecto corporal, ativo e em determinado contexto. O corpo, portanto, se move a partir daquilo que percebe e que é capaz de acionar em determinada situação. Defende-se, por fim, que só é possível compreender o movimento humano e sua relação com a psicologia na consideração do corpo em seu processo de percepção-ação, e através de uma experiência incorporada e em situação. Trata-se de sustentar uma abordagem fecunda e interdisciplinar para as relações entre psicologia e movimento humano.

Palavras-chave: Fenomenologia; Movimento humano; Cognição incorporada; Percepção; Corpo.

Thabata Telles

Professora e pesquisadora no IPMAIA, Portugal. Psicóloga (OPP 24893 – CRP 06/148224), Mestre em Psicologia (UNIFOR), Doutora em Psicologia pela (USP-FFCLRP) com estágio em Filosofia (Fenomenologia) nos Arquivos Husserl - Paris (ENS-CNRS), 2016-2018. Pós-doc em Educação Física e Esporte (USP) em colaboração com o I3SP-UParis. Foi presidente e vice-presidente da Associação Brasileira de Psicologia do Esporte (ABRAPESP). Coordena o Quiasma – grupo de trabalho em Psicologia e Movimento Humano.

E-mail: ttelles@ipmaia.pt.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7306332701033811>

ORCID: 0000-0002-9945-0209

2.12 DA NECESSIDADE DE CONEXÃO HUMANA

Claudia de Loureiro Carvalho (LAFEPE/UERJ)

Espaços virtuais de encontro para se conectar com alguém se tornaram parte do cotidiano contemporâneo. Ao falarmos em conexão humana, queremos aproximar e evidenciar a necessidade do vínculo nas relações humanas em nosso cenário hodierno, falamos do sofrimento de expressão singular em sua morada compartilhada, na presença constitutiva e impregnante da comunidade humana. O termo conexão, do latim ligar um ao outro, já nos diz do acontecimento próprio do humano: o seu sentido de ser relação. No uso do termo, vemos: um ao outro — um indivíduo singular que é tocado, afetado, se liga a outro indivíduo singular. O outro, a diferença, a alteridade, e também a igualdade na condição humana compõem a rede de conexões engendrada como coletividade, comunidade, pluralidade de indivíduos. Queremos pensar a necessidade dessas redes de ligações diante do sofrimento singular, diante da igualdade da condição humana e da diferença constitutiva e mobilizadora da existência. O que há de vital e curativo nessa rede de conexões? O que dessa necessidade de conexão se pode tocar e descrever no limiar mais originário na existência humana a partir do acontecimento cotidiano do ser? Sobre um necessário vínculo, união, relação, reverberam os relatos acerca dos sofrimentos na clínica psicológica, onde a mesma clínica já se efetiva para essa necessidade. Kierkegaard em suas obras descreve o ser do humano como uma relação que se relaciona, como também fala da necessária, ou melhor, da devida conexão amorosa com o próximo, com a diferença. Kierkegaard dialoga da dificuldade e do sofrimento constitutivo do ser do humano e por necessária presença, ao discorrer sobre e a partir da doença até a morte já revela, na costura do seu avesso, o que indica a saúde até morte. No toque da relação que conecta, liga um ao outro, esse limiar poderia nos indicar o convalescer do homem que sofre, que se preocupa sobre o que se dá em seus vínculos, em suas afetações? A clínica psicológica fenomenológica e existencial, que se inspira no pensamento de Kierkegaard, vê na desproporção do desespero humano de fixar-se em um isolamento, no hermetismo: o homem que pode desligar-se das relações em comunidade, pode desconectar-se de um sentido comum, coletivo ou por ele pode ser tão absorvido que se desconecta até de si mesmo, da relação que é, do poder-ser e tornar-se si-mesmo. No caminho de uma composição entre a psicologia indicada por Kierkegaard e o fazer clínico junto àquele que sofre em suas relações, este ensaio quer se aproximar do fenômeno que toca a condição humana em sua necessidade de conexão que estiola e convalesce o viver.

Palavras-chave: Amor; Clínica; Hermetismo; Liberdade; Sofrimento.

Claudia de Loureiro Carvalho

Psicóloga (IBMR) Especialista em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial (IFEN), Pesquisadora da Margem Kierkegaardina (LAFEPE/UERJ), Rio de Janeiro - RJ, Brasil. CRP 05/32596.

E-mail: claudiacarvalhoamaral@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9597710910139229>

ORCID: 0000-0003-3546-7164

2.13 DO PSICOTERAPEUTA EXISTENCIAL AO PSICOTERAPEUTA RESPONSIVO

Daniel Sousa (ISPA/SPPE)

A psicoterapia existencial é baseada em pressupostos teórico-práticos. Como todos os modelos terapêuticos. Contudo, a história e a tradição da abordagem existencial, é assente em alguns desígnios que promovem um enorme afastamento do diálogo com abordagens terapêuticas e, sobretudo, com a evidência empírica. Este hiato promove, por sua vez, implicações a nível da intervenção terapêutica, assim como, na formação de psicoterapeutas. A comunicação procurará enunciar uma parte dos pressupostos do modelo existencial que criam obstáculos a uma intervenção mais adaptada ao cliente/paciente. Pretende-se também evocar as principais linhas da evidência empírica que sugerem a necessidade do psicoterapeuta poder estar mais flexível na intervenção psicoterapêutica. Neste ponto serão enunciados diversos pontos da investigação em psicoterapia. Irão ser apresentados pontos que convergem para a importância do psicoterapeuta existencial poder integrar o conceito de responsividade por forma a realizar uma psicoterapia adaptada às problemáticas e às especificidades de cada pessoa.

Palavras-chave: Psicologia existencial; Evidência empírica; Diálogo; Psicoterapia.

Daniel Sousa

Psicólogo clínico, doutorado em psicoterapia pela Wales University, Professor Associado no ISPA – Instituto Universitário. É membro fundador da SPPE – Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial. Tem-se dedicado à atividade clínica, investigação, docência e formação nas áreas da psicologia clínica e da psicoterapia. É Diretor da Especialização Avançada em Psicoterapia do ISPA – Instituto Universitário. Publicou recentemente o livro “Treino em Psicoterapia – Como usar a prática deliberada para melhorar resultados clínicos” (Pactor). Publicou também “Investigação Científica em Psicoterapia e a Prática Psicoterapêutica – Os Dados Mais Relevantes Para os Clínicos (Fim de Século) e nos Estados Unidos o livro “Existential Psychotherapy – The Genetic Phenomenological Approach” (Palgrave). Tem outras publicações nacionais e internacionais nas áreas dos fatores do psicoterapeuta, da monitorização de resultados clínicos, no treino e formação de psicoterapeutas.

E-mail: clinica.ispa.pt

ORCID: 0000-0001-8213-4616

2.14 EMOÇÕES E PSICOSSOMÁTICA: RELAÇÕES COM O PROJETO DE SER

Gustavo Joaquim Marques Martins Machado (UEM)

Sylvia Mara Pires de Freitas (UEM)

O foco deste trabalho é discutir a noção clássica do conceito “psicossomática” pela perspectiva existencial de inclinação sartriana. Historicamente, o termo “psicossomática” é relacionado a um entendimento que parte das dimensões corpo e mente de forma dualística, mas que as integram para justificar alterações anotomofuncionais provocadas, principalmente, por emoções inconscientes. Isso significa que, mesmo na tentativa de integrar mente e corpo, elas continuam sendo entendidas como separadas, visto que na mente estaria a causa dessas alterações corporais. Jean-Paul Sartre nos esclarece que somos consciência corporificada, isso é, uma unidade psicofísica; portanto, seria impensável entendê-las enquanto “partes ajuntadas”. Isso porquê, como mencionado, consciência e corpo formam uma unidade interdependente. Ao ter consciência do mundo em que está inserido, o indivíduo sofre suas determinações e age sobre elas. No entanto, suas condições são limitadas pelas circunstâncias, que nem sempre são favoráveis ao seu projeto de ser. Sartre argumenta que há diversos modos de a consciência visar o mundo e um deles é pela emoção. Pela consciência emocionada o indivíduo altera a qualidade do que apreende, visando facilitar sua lida com ele e evitando que seu projeto seja constrangido. Esse é um projeto de má-fé, pelo qual o indivíduo mente para si mesmo. Ao não refletir sobre esse modo de ajustar as circunstâncias ao seu projeto – este que sustenta a noção de “eu” psicológico –, e sendo uma unidade psicofísica, de alguma maneira esses impasses que comprometem seu Ser são expressados. Não sendo a consciência que adoece e sim o Ser que se complica na trajetória de vida do indivíduo, essa complicação pode se evidenciar pelo corpo. À vista do exposto, primeiramente pretende-se percorrer as origens histórico-filosóficas do conhecimento sobre o corpo e as emoções, seguindo das atualizações e superações das práticas e teorias sobre a psicossomática, a fim de identificarmos qual o estado da arte desse conhecimento. Inspirando-se no método crítico proposto por Sartre, buscar-se-á entender a relação de alguns teóricos precursores na área da psicossomática com as condições históricas em que se inseriram e inserem, a fim de compreender como chegaram às respectivas noções sobre o fenômeno psicossomático. Será também abordado o pensamento de Sartre sobre a relação consciência-corpo e mundo, e as emoções, para fundamentar a discussão sobre se o termo “psicossomática”, conforme sua definição clássica, é coerente para uma compreensão fenomenológico-existencial.

Palavras-chave: Fenomenologia; Existencialismo; Sartre; Experiência; Adoecimento.

Gustavo Joaquim Marques Martins Machado

Bacharel em Psicologia; Mestre em Filosofia; Doutorando em Psicologia; Universidade Estadual de Maringá – Programa de Pós-graduação em Psicologia; Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisa em Psicologia, Fenomenologia e Existencialismo (LIEPPFEX); Departamento de Psicologia; Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil). CRP: 08/28443.

E-mail: gustavo.joakim@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7668537065905331>

ORCID: 0009-0009-6274-536X

Sylvia Mara Pires de Freitas (UEM)

Bacharel em Psicologia; Doutora em Psicologia; Universidade Estadual de Maringá – Programa de Pós-graduação em Psicologia; Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisa em Psicologia, Fenomenologia e Existencialismo (LIEPPFEX); Departamento de Psicologia; Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil). CRP: 08/05874.

E-mail: sylviamara@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4057123879317140>

ORCID: 0000-0002-5882-7065

2.15 ENTRE A NATUREZA E O HÁBITO: O CONCEITO DE DISPOSIÇÃO NA PSICOLOGIA DE ARISTÓTELES

Francisco Moraes (UFRRJ)

O conceito de disposição (héxis), tal como elaborado por Aristóteles, possui grande relevância para a determinação filosófica da existência humana e constitui uma das principais conquistas teóricas do pensamento científico na Antiguidade. Muito próximo ao que hoje entendemos como capacidade, e que Aristóteles conceitua como potência (dýnamis), a disposição corresponde ao que comumente chamamos de “segunda natureza”. Trata-se de um hábito arraigado, que se origina da ação reiterada, e que se estabiliza na fixidez de uma tendência de agir sempre de determinada maneira em determinadas circunstâncias. Aristóteles considera que virtude e vício, por exemplo, são disposições (héxeis), já que ninguém nasce simplesmente virtuoso ou vicioso, corajoso ou covarde, mas se torna um ou outro à medida que pratica, constantemente, ações nobres ou vis. O conceito de disposição se encontra, assim, no cruzamento entre a liberdade da ação e a ordem natural. Ao contrário de nós, Aristóteles não enxerga a natureza de maneira determinística, assim como tampouco admite a noção moderna de vontade racional. Crítico do intelectualismo moral socrático, que tomava a razão e conhecimento como suficientes para gerarem as ações virtuosas, Aristóteles advoga a importância do diálogo persuasivo entre razão e desejo no processo de formação do caráter virtuoso. A disposição, seja ela virtude ou vício, uma vez constituída, permanece referida às ações, já que estas possuem precedência ontológica sobre a primeira, o que significa dizer que sempre seria possível reverter uma disposição, por maior que seja a força do hábito. Já a figura moral do acrático ou incontinente se assemelha ao vicioso, na medida em que busca as mesmas coisas que este, embora, pelo fato de arrepender-se, demonstre que, nele, nenhuma disposição se encontra ainda constituída. O objetivo da apresentação é o de problematizar o conceito de liberdade como livre arbítrio, pressuposto fundamental da leitura que, desde a Antiguidade, por intermédio do comentador Alexandre de Afrodísias (sec. II), até os dias de hoje, só consegue enxergar no conceito de disposição uma espécie de condicionamento que inibe ou mesmo interdita o exercício da liberdade e o exame crítico de si. Quanto ao método do trabalho, adotaremos o procedimento hermenêutico de colocar em questão os preconceitos vigentes mediante o diálogo vivo com a tradição, sendo esta última entendida não como material disponível para a pesquisa historiográfica e sim como possível fonte de verdade para nós. Veremos que liberdade pode significar não o contrário da natureza, mas a própria força de uma segunda natureza que nasce unicamente por intermédio de nossas ações e do hábito.

Palavras-chave: Aristóteles; Disposição; Hábito; Determinismo; Natureza.

Francisco Moraes

Doutor em filosofia pelo PPGF da UFRJ. Professor Associado do Departamento de Filosofia da UFRRJ. Membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL) da UFRRJ e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) da UFRJ.

E-mail: fjdmoares@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1193021237189562>

ORCID: 0000-0002-2166-8048

2.16 ESCUTA CLÍNICA: MODOS DE PERCEBER O CORPO VIVENTE DA PESSOA TRANS

Candido Jeronimo Flauzino (SE&PQ)

A escuta clínica é um momento de fala expressiva em que o paciente coloca em destaque o acontecimento deste encontro com o psicoterapeuta expondo seu sofrimento para ser acolhido, em que este outro se torna fenômeno, possibilitado pela epoché, em uma perspectiva fenomenológica. Ele se mostra e aparece como expressividade da linguagem do seu corpo vivente, logo é expressão. Escutar é um ato que no encontro humano atravessa e acolhe as sedimentações humanas que causam sofrimento. Na psicoterapia, há o acolhimento do necessário, urgente e essencial para aquele que fala e se expressa para além do verbal, neste caso, pacientes que vivenciam seu processo de transição de gênero. A ciência positivista tem a função de dar respostas objetivas, já na perspectiva da fenomenologia, compreende-se o sentido daquilo que angustia o humano, a sua existência. O gênero é uma das categorias centrais que organizam o mundo social e uma das primeiras identidades a ser percebida e vivenciada no desenvolvimento humano. O movimento de construção identitária se estabelece como uma constante construção a partir da intersubjetividade entre o ser e o outro e entre o ser e a cultura. A discussão de gênero, no pensamento ocidental, se dá em uma lógica binária, em que o gênero se estabelece em relações de oposição e parte de aspectos corporais ainda em momentos tenros do desenvolvimento humano, e atribui ao indivíduo aspectos identitários antes mesmo que o intercâmbio eu/outro/cultura se estabeleça. Há quem perceba que o gênero vivido se contrapõe ao gênero atribuído baseado em aspectos corporais e se localize em um coletivo, heterogêneo, de pessoas que vivenciam variabilidade de gênero (transexual). O homem existe em função de seu corpo, e a transição, quando o atravessa fisicamente ou socialmente, materializa essa assertiva, ou seja, vivencia a sua variabilidade de gênero. O corpo, entendido como corpo próprio e corpo vivente, se movimenta de modo intencional para, como uma totalidade orgânica. É no corpo próprio que ele é intencionalidade e vivente da pessoa que nasceu com um sexo biológico e não se reconhece neste sexo; então, ele vai intencionalmente pinçando outras perspectivas identitárias e ao encontro de percepções e experiências. Falar de corpo vivente é falar da parte física e biológica; e falar da parte psíquica é abarcar a complexidade das sensações e desejos. O físico e o psíquico, na organicidade deste corpo, é uma totalidade carnal que se torna mais complexa somada a parte espiritual em que se dão os julgamentos. Por isso, o corpo vivente é uma síntese da totalidade dos acontecimentos. Falar de corpo próprio é falar de um ente sem intencionalidade, subjetividade e intersubjetividade. Já o corpo vivente é historicidade, intencionalidade; é vida e consciência, é saber-se vivendo; é abertura e possibilidade de significação. Corpo vivente é entendido como eu-mundo-outro. Nessa perspectiva, o indivíduo poderá expressar sua experiência e os significados do seu vivido, permitindo o sujeito revisitar e descrever o testemunho da sua história de vida. E ao instituir este lugar de escuta clínica, baseada no método fenomenológico, nasceu a questão norteadora: “Como o corpo vivente da pessoa trans é percebido por ela?” Com isso, instala-se uma escuta diferenciada e distante de todo saber prévio a respeito do tema investigado para tocar esse sujeito que vivencia seu modo de perceber seu corpo vivente. Ao acessar o outro, abre um campo para que ele se mostre e se coloque naquilo que é para ele a sua percepção de corpo como significação singular numa relação intersubjetiva. A escuta é talhada por um corpo vivente e alargada como abertura para o outro. É um colocar-se em um encontro que transcende o objeto do saber objetivado para acolher e compreender os modos de perceber o corpo vivente da pessoa trans.

Palavras-chave: Percepção de Corpo; Transgênero; Escuta Clínica; Fenomenologia.

Candido Jeronimo Flauzino

Psicólogo. Doutor e Mestre pelo IPUSP (Instituto de Psicologia – Programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano na Universidade de São Paulo). Especialização (latosensu) em Psicologia Hospitalar e Psico-oncologia pela Universidade de Santo Amaro (UNISA). Graduado pela Universidade Metodista (UMESP). Autor de livros, capítulos e artigos que versam sobre morte, processos de morrer e luto. Fundador e diretor da Liberté – Saúde Mental e membro da Sociedade Brasileira de Pesquisa Qualitativa (SE&PQ). CRP 06/73572.

Site: www.libertesaudemental.com.br/dr-candido-j-flauzino

E-mail: candidoj.f@bol.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2079881210856465>

ORCID: 0000-0003-1243-8862

2.17 EVIDÊNCIA EMPÍRICA E EVIDÊNCIA SENSÍVEL: REFLEXÕES PARA A CLÍNICA PSICOLÓGICA

Myriam Moreira Protasio (IFEN)

Em Psicologia, as práticas baseadas em evidências acompanham o movimento pela comprovação da eficácia e efetividade de métodos e práticas, que tem origem na Medicina, e que se fortalece na segunda metade do século XX. No entanto, o interesse pela comprovação científica via experimentação, indução ou dedução dos conteúdos apreendidos é bem mais antiga, remontando ao início do século XIX, momento em que Ciência e Filosofia começam a se separar. Até então, a Filosofia congregava a pluralidade dos estudos sobre os eventos da natureza, incluindo os estudos sobre a natureza humana. É dessa crise que surgem as ciências particulares como a Física, a Biologia, mas também a Ética e a Psicologia. Apesar do interesse de Kierkegaard pelas descobertas das ciências naturais, facilitadas pelo desenvolvimento de instrumentos como o microscópio e o estetoscópio, ele desconfiará do excessivo entusiasmo por esta forma de desvendar a natureza. Ele jamais perderá de vista a possibilidade de pensar uma ciência da existência. Por meio de suas obras, pseudonímicas ou não, o pensador dinamarquês tentará mostrar que o perigo está em que se perca a capacidade de acompanhar a experiência em seu próprio fluxo ou acontecimento. Em diversas obras, assim como em anotações de seus diários, ele deixará clara a importância da Psicologia como possibilidade científica de apreensão do movimento do existir, ou melhor, do movimento do existente em seu fluxo existencial. Para tornar visível as especificidades desta ciência ele usará tanto tramas existenciais, nas quais os personagens são desafiados a responder pelo que lhe vem ao encontro, como debates sobre temas eminentemente existenciais como, por exemplo, angústia e desespero. Sobre esse último tema, ele se pergunta, no prefácio da obra dedicada a este conceito, sobre a possível conciliação entre o rigor científico e a edificação, entendendo esta última como o movimento de apreensão e apropriação do existente em sua existência. Fazer Psicologia, ele dirá numa anotação de seus diários, é interessar-se por aquilo que interessa ao indivíduo. Para isso, é preciso considerar as evidências empíricas, previamente dadas ou não, sem, no entanto, perder o lastro com as evidências sensíveis, aquelas que se evidenciam no fluxo do acontecimento e que, portanto, dependem do tempo, pois só no tempo elas se deixam ver. O propósito deste trabalho é sustentar o debate de Kierkegaard sobre a possibilidade de uma Ciência da Existência, seguindo suas próprias trilhas, ou seja, acompanhando personagens e tramas que dão voz a conceitos como repetição, angústia e desespero. Tomando como exemplo aspectos da trama desenhada entre Constantin Constantius e o jovem apaixonado, na obra *A repetição*, esperamos acompanhar o esforço científico em seu movimento de trânsito entre a evidência empírica e a evidência sensível, refletindo sobre seus limites e possibilidades, assim como repercussões destas discussões para nosso próprio exercício clínico.

Palavras-chave: Søren Kierkegaard; Ciência Existencial; Desespero; Angústia; Repetição.

Myriam Moreira Protasio

Psicóloga. Doutora em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e com PósDoutorado em Psicologia na mesma universidade. Sócia Fundadora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN) e professora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica do Instituto. Vice-presidente da Asociación Latinoamericana de Psicoterapia Existencial (ALPE), no Brasil. Pesquisadora no projeto de extensão Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial LAFEPE/UERJ e membro do grupo Margem Kierkegardiana. CRP 05/07251.

E-mail: myprotasio@yahoo.com.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0910561871917401>
ORCID: 0000-0002-2156-9269

2.18 EVIDÊNCIA, RESISTÊNCIA E EXISTÊNCIA: PANORAMA DE TRÊS ANOS DE PESQUISA EM PSICOTERAPIA

Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR)

Ao longo de sua construção histórica, a fenomenologia vem travando um intenso debate com os modelos de ciência propostos, posicionando-se de forma crítica aos modelos hegemônicos centralizados sob o ditame das ciências naturais. Sua aproximação com as práticas clínicas, convoca o campo fenomenológico a se posicionar diante da ênfase em um modelo baseado em evidência que vem regendo as práticas psicoterápicas contemporâneas. A partir de uma lente crítica fenomenológica, resiste-se a um modelo cientocêntrico que, por vezes, negligência as dimensões da experiência e da existência. Ao longo dos últimos anos, o APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica vem desenvolvendo pesquisas em psicoterapia. Neste trabalho, a partir de um panorama dos últimos três anos de pesquisa com o projeto Cuidar-Psi (2021-2023), tem-se os seguintes objetivos: 1) (re)posicionar, a partir de uma lente merleau-pontyana, a crítica fenomenológica ao modelo das práticas psicoterápicas baseadas em evidência; 2) demarcar o papel de resistência imposto pela fenomenologia como norteador de práticas clínicas; 3) apontar possíveis direções de pesquisa clínica que possam, ao mesmo tempo, considerar aspectos existenciais e experienciais como norteadores e acenar para o cenário de pesquisa clínica atual. Como fio condutor do trabalho, três pesquisas serão apresentadas. Inicialmente, a partir de um ensaio clínico randomizado com pessoas em sofrimento durante a pandemia, discute-se os limites deste tipo de investigação e sua possível relevância para efetivação das psicoterapias de inspiração fenomenológica. Em seguida, explora-se duas pesquisas mistas. Na primeira, adentra-se no cenário da psicoterapia de grupo com uma pesquisa mista sobre progresso e mudança a partir da avaliação do processo de dois grupos ao longo de seis meses. Já na segunda, aborda-se o processo de recuperação de pessoas com transtornos alimentares, centrando-se na avaliação das intervenções e na experiência vivida da recuperação na perspectiva dos pacientes. Por fim, traz-se o questionário IDEA (Identity and Eating Disorders) como um exemplo, no campo da Psicopatologia Fenomenológica, do desdobramento de hipóteses, de base fenomenológica, que foram reorganizadas na direção de evidências comprobatórias. Pode-se dizer que há um cenário complexo e desafiador que é composto por diversos contornos (sociais, culturais, políticos, ideológicos e econômicos) que atravessam o campo da pesquisa em psicoterapia. Sob uma lente ambígua, conclui-se que é preciso, ao mesmo tempo, resistir às tentações da naturalização e aos modelos avaliativos que centram a psicoterapia nos resultados, e buscar formas criativas de desenvolver pesquisas que possam integrar dados de diferentes origens e naturezas. Sugere-se que a pesquisa fenomenológica pode ocupar um papel decisivo ao preservar a experiência naquilo que lhe é particular, em diálogo com o que é comum, e resistir à sobreposição inadvertida da ciência como atitude natural sobre a experiência em suas diferentes manifestações.

Palavras-chaves: Psicoterapia; Pesquisa; Fenomenologia.

Lucas Guimarães Bloc

Doutor em Psicopatologia na Université Paris Diderot - Paris VII. Possui diploma Universitário em Fenomenologia Psiquiátrica na Université de Nice. Formação em Psicoterapia Humanista-Fenomenológica. Mestre em Psicologia pela UNIFOR. Graduado em Psicologia pela UNIFOR, onde atualmente atua como docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. É coordenador do APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-

Fenomenológica, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR. Membro do GT Psicologia e Fenomenologia da ANPEPP. Atua como psicoterapeuta individual e de grupo. CRP 11/06231.

E-mail: blocpsi@unifor.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7062553560038741>

ORCID: 0000-0002-8528-131X

2.19 FENOMENOLOGIA DA MANIA E DESDOBRAMENTOS CONTEMPORÂNEOS EM MUNDOS VIVIDOS ACELERADOS

Juliana Lima de Araújo (UNIFOR)

Virginia Moreira (UNIFOR)

Os diagnósticos psiquiátricos têm moldado o modo como nomeamos nosso sofrimento e, se as décadas de 1980 a 2000 ficaram marcadas pelo aumento significativo do diagnóstico de depressão, atualmente, vivemos tempos maníacos onde a experiência maníaca tem se destacado. Este estudo teve como objetivo compreender uma fenomenologia da mania a partir do mundo vivido (Lebenswelt) de pessoas diagnosticadas com transtorno bipolar e transtorno esquizoafetivo, bem como refletir sobre desdobramentos contemporâneos de um modo de ser acelerado. Através da escuta de pessoas com estes diagnósticos, acompanhadas em hospital de referência em saúde mental na cidade de Fortaleza, Ceará, foi realizada uma pesquisa qualitativa com enfoque fenomenológico. A fenomenologia se posiciona como um elo na busca por unir subjetividade e objetividade. Em vez de explicar uma realidade pré-existente ela busca a realização de uma verdade que se configura como projeto de mundo. Na experiência dos colaboradores desse estudo, a mania se mostrou como uma expressão agitada e inquieta de estar no mundo e se exprime no corpo, na fala, na relação com o tempo e nos relacionamentos. Observou-se que muitas características associadas a um leve funcionamento maníaco podem se ajustar a um estilo de vida altamente valorizado, sendo percebidas com excesso de confiança, intensidade nos relacionamentos, desinibição social e sexual, diminuição da necessidade de sono e a realização de várias atividades simultaneamente. Um funcionamento maníaco parece funcionar bem em uma sociedade em que convivem tanto o estímulo a se fazer contatos e a estabelecer o máximo de ligações sociais, bem como o enaltecimento de valores individualistas, concebendo a capacidade de realizar e de ter sucesso como uma conquista pessoal. Em um funcionamento maníaco, a relação construída com o espaço e o tempo acontece de forma muito íntima com a própria experiência de estar-no-mundo, permeado por múltiplos sentidos em cada Lebenswelt. Na atualidade, a mania é frequentemente relacionada a uma condição psicopatológica. Esse estudo questiona se este é o único caminho para pensar esse fenômeno, ou se um modo de ser maníaco tem atravessado as vidas das pessoas por meio do estímulo a um estilo de vida pautado pelo aceleração das vivências. Funcionar de modo maníaco parece estar ganhado, em alguma medida, validação social. A experiência maníaca é compreendida como fenômeno situado em um horizonte que constitui e é constituído pelo mundo. Não se reduz a mania a um dado natural ou representação, mas a reconhece também como um fenômeno cultural, construída no mundo das relações humanas.

Palavras-chave: Mania; Psicopatologia; Fenomenologia; Aceleração.

Juliana Lima de Araújo

Doutora em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) com bolsa de pesquisa FUNCAP. Graduada em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Psicóloga clínica com formação clínica em Psicoterapia Humanista Fenomenológica. Professora do curso de Psicologia na Universidade de Fortaleza. Professora colaboradora do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica (APHETO) na Universidade de Fortaleza, Fortaleza/CE, Brasil. CRP 11/05915.

E-mail: julianalima@unifor.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4227445359967278>

ORCID: 0000-0002-5174-4398

Virginia Moreira

Foi Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq – PQ1D até 2022. Pós-doutora em Antropologia Médica pela Harvard Medical School. Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Fundadora emérita do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica (APHETO) na Universidade de Fortaleza, Fortaleza-CE, Brasil. É professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e membro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP.

E-mail: virginia_moreira@fulbrightmail.org

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5312038855744142>

ORCID: 0000-0003-2740-0023

2.20 FILOSOFIA, ANÁLISE DA RELAÇÃO EXISTENCIÁRIA E TRANSTORNOS DA EXISTÊNCIA

Josefina Daniel Piccino (SOBRAPHE)

Nos anos de 1970, depois de minha formação em Filosofia, ingressei na faculdade de Psicologia, formando-me em 1977. Nesse entretempo, fiz muitos estágios na faculdade, em hospitais e em clínicas psiquiátricas particulares. Passei, então, para a prática clínica. Ao exercitá-la, percebi que desses aprendizados todos, os que mais eu requisitava nas tratativas com meus clientes vinham da Filosofia. Este fato foi perturbador e me fez levantar questões relativas ao significado da clínica que eu realizava. O que exatamente estava eu fazendo? Estas questões me fizeram retornar à Filosofia onde tinha aprendido muitas coisas fundamentais como: a estrutura totalmente metafísica da construção dos conhecimentos desde Sócrates até a hoje em dia e o tipo do pensar filosófico que questiona as bases dos conhecimentos. Não concordava com a forma metafísica de compreender o humano e não me era possível clinicar usando concepções nascidas dessa metafísica. Voltei aos estudos da Fenomenologia de Edmund Husserl e Fenomenologia hermenêutica e analítica da existência de Martin Heidegger. Retomei imediatamente à total afinação com o pensamento desses filósofos. Comandada pela consideração de que ser um humano consiste em existência e não cogito, ou psiquismo, ou subjetividade ou comportamento, eu me envolvi com a tarefa de pensar maneiras daseinsaníticas fenomenológico-hermenêuticas de compreensão, investigação e intervenção em clínica como análise, e análise como deixar ver a existência cotidiana tal como ela se dá. Ou seja, a partir da facticidade cotidiana, veio a situação de pensar um projeto epistemológico com outros guias, outros pontos de partida, outro entendimento sobre teoria e teorizar, método e sua utilização, formulação de conceituações diferentes daqueles presentes nas ciências em geral. Diferentes significa estarem completamente adequados ao ‘ser do ente existente no mundo. Aí está a questão deste trabalho: com base na Filosofia, pensar uma ciência ôntica de caráter fenomenal hermenêutico que seja a sustentação da prática clínica como análise das relações cotidianas, uma ciência nova - a Ciência da Existência. Teria que fazer parte dela o estabelecimento de estruturas fundamentais específicas que garantissem legitimidade e rigor aos procedimentos dos clínicos para com os modos de cada pessoa, a cada vez, ser 'junto de e com' (relacionar-se), para a prática clínica que denominei Análise da Relação Existenciária” ou Análise Do Existir. É inexorável ter formas de estudo, investigação e atuação próprias à estrutura ontológica de ser do ente humano, do Dasein. A prática clínica com a cotidianidade obrigou a formulação de guias teóricos e metodológicos de caráter ôntico específico para a clínica das formas e maneiras de nosso ser-ai-no-mundo. Trabalhei insistentemente com essas questões usando, para isso, sessões terapêuticas gravadas e transcritas. Em um dado momento, foi necessário lidar com os desdobramentos que a Análise da Relação Existenciária não só permite, como também exige. Um deles foi fazer avaliações sobre os alcances da ARE quanto aos transtornos e perturbações da facticidade que, por incluir o existir como um todo têm produzido resultados muito promissores.

Palavras Chaves: Análise da Relação Existenciária; Fenomenologia Hermenêutica; Patologias da Existência.

Josefina Daniel Piccino (SOBRAPHE)

Mestre em Práticas Clínicas PUC/SP, Filosofia PUCSP, Psicologia Clínica UMESP, Mentora Da ARE-Análise Da Relação Existenciária, Presidente da SOBRAPHE - Sociedade Brasileira de Fenomenologia Hermenêutica e Análise do Existir SP.

E-mail: josefina@sobraphe.org.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4546235062451391>

2.21 O ABSURDO DA MORTE EM SARTRE: IMPLICAÇÕES PARA A CLÍNICA DOS CUIDADOS PALIATIVOS

Geórgia Sibele Nogueira da Silva (UFRN-RN)

Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/AWARE)

Este escrito é um ensaio teórico crítico fruto de um estágio pós-doutoral, no qual fizemos dialogar a perspectiva de Sartre sobre a morte, a clínica fenomenológica existencial sob sua inspiração e a clínica dos cuidados paliativos. Os cuidados paliativos visam proporcionar a melhoria da qualidade de vida de pacientes e de familiares que se deparam com uma doença ameaçadora da vida, promovendo atenção aos seus sintomas físicos, psíquicos, sociais e familiares e espirituais. É fato que, diante da cronicidade de uma doença e de sua terminalidade, a morte anuncia ao ser humano o fim dos seus projetos. No entanto, Sartre negava qualquer possibilidade de sentido à morte, como fora atribuído por Heidegger. A tarefa da clínica fenomenológica existencial, assentada na compreensão de que o homem constrói seu próprio projeto de ser ao lidar com sua liberdade de escolher e com os contextos que o alienam, é viabilizá-lo como sujeito desse processo. Inspirados por Sartre, podemos afirmar que o que morre, por meio da irreversibilidade das escolhas do homem enquanto ele ainda vive, é também o que determinou a sua existência até ali: “O que fiz de mim”? “Vivi meu projeto de ser”? “O que ainda posso fazer”? Dores que dizem respeito a um projeto de ser que pode ser reconhecido e vivenciado em seu fim, se tal encontro for favorecido, mas também ao longo da vida. São questões que emergem e que podem configurar parte da angústia diante da iminência da morte, mas não são responsáveis pelo sentido da vida. São as perdas durante a existência que conferem sentido. O pensamento de Sartre tem muito a contribuir na construção e redescoberta de projetos de ser individuais e coletivos diante do morrer e do viver, ao assumir o construto da liberdade por meio de uma perspectiva histórica, dialética, não subjetivista, tem muito a oferecer para a superação dos impasses enfrentados nessa clínica que intenta viabilizar o homem como sujeito de sua vida, e - por que não? - do seu morrer, última de suas obras. Nos convoca a olharmos de frente para esses processos e contribuirmos para que as escolhas e as decisões de quem está doente e/ou partindo possam ser reconhecidas e realizadas, desde o tratamento até depois da morte. Poder escolher em todas as circunstâncias é a máxima a ser perseguida também nos Cuidados Paliativos sob sua inspiração. Isso implica em mudarmos as condições de morte e vida de todos nós, em caminharmos em direção a uma existência mais solidária e justa no viver e no morrer.

Palavras chaves: Morte; Cuidados paliativos; Sartre.

Georges Daniel Janja Bloc Boris

Psicólogo, mestre em Educação e doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Fez estágio pós-doutoral em Filosofia Prática na Universidade da Beira Interior, em Covilhã, Portugal. Foi professor titular vinculado ao Programa de Pós-Graduação e ao Curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza. Foi coordenador do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica – APHETO. É sócio-fundador e um dos coordenadores do Aware – Centro de Gestalt-Terapia. É psicoterapeuta fenomenológico-existencial, supervisor e formador de psicoterapeutas em gestalt-terapia. Traduziu, organizou e é autor de livros em Psicologia. Foi presidente do Instituto de Psicologia Humanista e Fenomenológica do Ceará. Foi membro do grupo de trabalho Psicologia & Fenomenologia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia – ANPEPP. CRP 11-0145.

E-mail: geoboris@uol.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0059246441200692>
ORCID ID: 0000-0003-0726-1767

Geórgia Sibeles Nogueira da Silva

Psicóloga, Docente e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRN; Pós-doutora em Psicologia pela UNIFOR/CE (temática: Cuidados Paliativos e Luto); Doutora em Medicina Preventiva pela Faculdade de Medicina da USP/FMUSP-USP/SP; Coordenadora do LETHS-UFRN - Laboratório de Estudos em Tanatologia e Humanização das práticas de Saúde da UFRN, ancorado na abordagem fenomenológica existencial. CRP-17/0305.

E-mail: gsibeles@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1062059652170019>

ORCID: 0000-0002-5716-6262

2.22 O COMPLEXO DE JONAS NA SOCIEDADE DA PRODUTIVIDADE (E DO CANSAÇO)

Rafael Martinez-Cláudio

O complexo de Jonas, conceito introduzido por Abraham Maslow, designa o medo e o evitamento de cada indivíduo na prossecução e concretização do seu potencial. Este processo de afastamento de um desenvolvimento de si é, não raras vezes, influenciado pelo receio do isolamento e da adequação social, vivido assim como uma ameaça interrelacional. Assiste-se contudo, na sociedade contemporânea, “A Sociedade do Cansaço” como definiu Byung-Chul Han, a um paradoxo na realização do complexo de Jonas, dado que esta retirada é feita para um espaço de supremo esforço e realização de metas e objetivos, que contudo, não são os elementos de construção de autenticidade do sujeito que os concretiza, mas uma apropriação da obsessão societária pela produtividade e o “sucesso”. A reflexão em apreço visa explorar as relações entre estes conceitos, fundando-se na ideia de que os elementos constitutivos da sociedade do cansaço, contribuem para o processo de alienação do indivíduo da sua demanda pela autenticidade, enquanto simultaneamente o empurram, com a força conformação social, para uma demanda de realização e concretização que se consuma unicamente com a sua morte, dado que o crescimento prometido é infinito e inalcançável. Os indivíduos atingem assim o tão afamado estado de Burnout que é, sem dúvida, físico, mas também existencial, pois resulta de uma profunda erosão e desamentelamento do sentido de propósito. Por seu turno, o indivíduo na construção do seu projeto existencial redonda no seu medo simultâneo de falhar e ser condenado pelos padrões societários de sucesso ou de conseguir e ser condenado pela desconformidade do seu sucesso e da sua proposta autêntica com o enquadramento societário das mesmas. Este processo leva a um aprisionamento num ciclo perpétuo de fracassos projetados e sucessos vazios, onde as metas sociais se concretizam e se apresentam como aspetos identitários sem que delas cheguem ecos à constituição de significado do self. Visita-se, por fim, o papel da Psicoterapia Existencial na exploração e aluminação destas vivências, revisitando os conceitos de Becker relativamente à construção de um projeto autêntico que transcenda os construtos sociais e as expetativas que deles derivam.

Palavras-chave Autenticidade; Burnout; Maslow; Han; Becker.

Rafael Martinez-Cláudio

Psicólogo. Licenciado e Mestre em Psicologia pelo ISPA-IU. Membro candidato à Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial (SPPE)

E-mail: rafaelmartinezclaudio@gmail.com

2.23 O INFERNO SÃO OS OUTROS: ESTUDO DE CASO DE UM JOVEM COM VIVÊNCIAS PARANOIDES

Georges Daniel Janja Bloc Boris (APHETO/AWARE)

Yara Pimenta Rodrigues (AWARE)

Em contato com o mundo, projetamos muito de nós nele e introjetamos muito dele em nós. O problema, no que se refere à projeção de nossas posições prévias no mundo, é que ela é frequentemente carregada de medos, julgamentos, evitações e rejeições, pois também “criamos” o outro com o qual nos relacionamos. Portanto, o que é nosso pode ser atribuído aos outros de forma projetiva. É a partir desta concepção que apresentamos e discutimos, numa perspectiva fenomenológico-existencial articulada com a gestalt-terapia, o estudo de caso clínico de Mário, um jovem de 23 anos, perturbado pelo “inferno” de se relacionar e de viver em função dos outros, experienciando desejo expressivo de contato com o mundo, mas tentando fugir de julgamentos externos, muitas vezes imaginários. Assim, ele pensa muito antes de agir e, frequentemente, conclui que isolar-se do mundo é a forma mais adequada de diminuir seu sofrimento, pois, no seu contato com a alteridade, há a construção de julgamentos que, muitas vezes, não percebe, mas que são criados para si mesmo. Como é possível construir relacionamentos seguros se aprendemos a perceber o outro como ameaçador e, se quando olhamos para o outro, inevitavelmente olhamos para nós mesmos? O caminho que a psicoterapia de Mário parece ter indicado é exatamente arriscar-se por meio da experimentação e da identificação com o que imagina e atribui ao outro e o que de fato se dá conta em si mesmo. É desta forma que Mário teve a possibilidade de experienciar sua aproximação com o mundo sem perder o contato com a alteridade. Portanto, o outro pode ser o “inferno” deste jovem, mas, ainda assim, ele pode descobrir mais confiança em si mesmo ao assumir responsabilidade por seus atos, identificando sua antecipação dos julgamentos de si mesmo, o que deflagrava atitudes também antecipatórias de afastamento do outro. Assim, Mário tornou mais possível tomar decisões e se apropriar das suas escolhas.

Palavras-chave: Paranoia; Projeção; Psicoterapia Fenomenológico-Existencial; Gestalt-Terapia.

Georges Daniel Janja Bloc Boris

Psicólogo (CRP 11-0145), mestre em Educação e doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Fez estágio pós-doutoral em Filosofia Prática na Universidade da Beira Interior, em Covilhã, Portugal. Foi professor titular vinculado ao Programa de Pós-Graduação e ao Curso de Psicologia da Universidade de Fortaleza. Foi coordenador do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica – APHETO. É sócio-fundador e um dos coordenadores do Aware – Centro de Gestalt-Terapia. CRP 11-0145.

E-mail: geoboris@uol.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0059246441200692>

ORCID: 0000-0003-0726-1767

Yara Pimenta Rodrigues

Psicóloga (CRP 11-11079) pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Graduada em Administração pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Fez Formação em Psicoterapia Fenomenológico-Existencial com Enfoque em Gestalt-Terapia. É mestre em Saúde Coletiva pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Cursa Formação no Instituto de Terapia de Casais. Coordenadora do Aware - Centro de Gestalt-Terapia. CRP 11-11079.

E-mail: yarapimentapsi@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0868619828354729>

2.24 OS PARADOXOS DA ANSIEDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: REFLEXÕES EXISTENCIAIS

Carlos Campelo da Silva (IFEN)

O objetivo desse trabalho é apresentar a ansiedade como paradoxal e inerente a condição humana. No mundo contemporâneo muito se fala sobre ansiedade e, geralmente, o termo vem acompanhado da palavra controle e, também, de um manual de instruções, de técnicas e exercícios de como controlá-la. A ansiedade, de fato, não parece produzir uma sensação das mais agradáveis, no entanto, ela é essencial para as nossas experiências de autorrealização e criação. O filósofo dinamarquês Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855), definiu a ansiedade como a vertigem da liberdade. A vertigem envolve o corpo inteiro, não apenas a mente; podemos senti-la no estômago, nos braços e nas pernas. A vertigem pode ser agradável, como acontece quando se está andando em uma montanha russa ou desagradável como nos primeiros estágios do pânico. Pelo fato, de que a ansiedade envolve um aspecto psicossomático, observamos que a sociedade contemporânea, tem se dedicado frequentemente ao controle dos sintomas, entretanto, pouco temos nos dedicado ao que o sintoma quer nos dizer. Resistimos a ouvir o sintoma, porque muitas vezes ele pode nos dizer que precisamos fazer uma mudança maior em nosso estilo de vida, entretanto, em um mundo dominado pela técnica, queremos um conserto rápido para continuar levando a vida do jeito de sempre. Kierkegaard resumiu o paradoxo inerente a ansiedade em uma frase: a ansiedade é uma antipatia simpática e uma simpatia antipática. Ou seja, é algo que queremos fugir e, ao mesmo tempo, é algo que necessitamos para uma vida mais autêntica e criativa.

Palavras-chave: Ansiedade; Sintoma; Mundo Contemporâneo; Rollo May; Kierkegaard.

Carlos Campelo da Silva

Psicólogo, Psicoterapeuta Existencial-Humanista e Professor Universitário. Doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Mestre em Ciências da Religião pela mesma Universidade. Graduação em Psicologia pela Universidade Paulista (UNIP-Campinas). Professor do Curso de Psicologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Hortolândia (UNASP-HT). Líder do Grupo de Pesquisa: Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas da psicologia existencial-humanista (DGP-CNPq) do departamento de Psicologia do UNASP. Pesquisador do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial (LAFEPE-UERJ). Professor colaborador do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). CRP. 06/115883.

E-mail: carloscampelo.psi@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4078395538895280>

ORCID: 0000-0003-0786-0962

2.25 PARA UMA PSICOTERAPIA EXISTENCIAL EM DIÁLOGO FRUTÍFERO COM OUTROS PARADIGMAS PSICOTERAPÊUTICOS: “APRENDER COM A DIFERENÇA” EM VEZ DE “MARCAR A DIFERENÇA”

Edgar A. Correia (SPPE)

Nascida do pensamento (e das metodologias) da fenomenologia e do existencialismo, a psicoterapia existencial partilha, naturalmente, não só dos seus princípios teóricos, mas também dos seus princípios epistemológicos. Por conseguinte, na sua praxis, a psicoterapia existencial recusa qualquer visão ou abordagem universal e/ou determinista do paciente, salientando uma compreensão e intervenção individualizada, baseada 1. na experiência subjetiva/única do cliente e 2. no pressuposto da liberdade de fazer-se a partir da sua autenticidade, rompendo, dentro do possível, com as prescrições do impessoal. Desde as suas origens, esta corrente psicoterapêutica tem assumido uma postura de oposição: 1. oposição à investigação, em particular à investigação científico-natural, por rejeitar a dimensão qualitativa e pessoal; 2. oposição aos paradigmas psicoterapêuticos vigentes, por se basearem em teorias e procedimentos abstratos e universalizantes, onde a experiência qualitativa do sujeito é interpretada à luz dessas teorias totalitárias, que irão enquadrar o “problema” em categorias pré-estabelecidas e ditar as intervenções psicoterapêuticas universais para aquele tipo de “problemática”. Esta postura de oposição da psicoterapia existencial desempenhou um papel fundamental, não só na afirmação da sua atitude distinta face à unicidade do paciente, mas também para chamar a atenção, à sociedade em geral e à psicoterapia em particular, da falácia e da violência da alienação da experiência subjetiva. Todavia, passados mais de 75 anos, a psicoterapia existencial, na maioria dos casos, parece ainda optar pelo discurso de oposição, invés do diálogo aberto, construtivo e agregador; da negação/rejeição da qualidade dos avanços conseguidos pelos paradigmas parceiros, invés da integração de elementos que pudessem potenciar a qualidade do serviço prestado ao cliente. Na edição anterior deste congresso, o orador discorreu sobre a oposição à investigação e da possibilidade/congruência de a psicoterapia existencial dialogar com a investigação empírica. Neste congresso, o orador irá falar da oposição aos outros paradigmas psicoterapêuticos e da possibilidade/congruência de a psicoterapia existencial dialogar, beber e, quiçá, integrar ideias e avanços dos colegas psicoterapeutas não existenciais. Para ilustrar esta mais-valia de diálogo frutífero com outras correntes, o orador irá trazer exemplos da sua prática clínica, onde integra elementos, procedimentos e técnicas de outros paradigmas, mantendo um olhar e uma atitude para com o cliente que considera ser (ainda) essencialmente fenomenológica-existencial.

Palavras-chave: Psicoterapia Existencial; Prática Clínica; Diálogo Entre Psicoterapias; Psicoterapias Experienciais.

Edgar A. Correia

Psicólogo Clínico e da Saúde e Psicoterapeuta (PhD, AdvD, Post-MA, MA, PgD); Membro Fundador e Presidente do Conselho de Ensino da Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial (SPPE), onde leciona e supervisiona no curso de formação de psicoterapeutas; trabalha como psicoterapeuta a título privado, com consultório em Lisboa e na Madeira.

E-mail: edgar.agrela@gmail.com

ORCID: 0000-0003-4200-5160

2.26 POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS DE UM FAZER CLÍNICO DASEINSANALÍTICO NA PERSPECTIVA Do fazer ARTÍSTICO

Laíza Carreira Domingos (PUC-SP)

A leitura apresentada a seguir é um convite para que possamos investigar as possíveis formas de um fazer clínico daseinsanalítico através da peculiar importância do cuidado próprio do fazer artístico. Colocar essa indagação em movimento dispara a seguinte pergunta, quais as contribuições de sentido que o propiciar artístico abre no fazer clínico? A arte como potência de imagens produz encontro com a matéria: barro, papel, tinta, colagem, tela, som, palavra, poesia etc e abre mundo para possibilidade. Esse trabalho não tem como pretensão concluir algo, ele contribui com alguns devaneios entre o diálogo da clínica e arte pela perspectiva fenomenológica. Ambos são modos de se compreender o cuidado como algo que é fundamental para o existir humano, pois se tratam de verdades vinculadas a experiência singular e que se é descoberta. A proposta parte de um estudo de caso, que abriu possibilidades para viabilizar diferentes maneiras de um fazer clínico social antiracista poético, através do fazer artístico, tendo como recursos materiais plásticos. No seguinte trabalho iremos jogar luz nas obras feitas da analisanda sobre uma das sessões, onde o uso da pintura contribuiu para a metodologia. Para isso vamos ao encontro da queixa que trouxe a paciente para a psicoterapia através de um breve relato do caso. Em seguida levantaremos alguns devaneios filosóficos artísticos que permitam o diálogo com a fenomenologia na clínica. A discussão das contribuições que a arte proporciona para a clínica psicoterapêutica é compreendida no campo literário, todavia na prática de um fazer clínico pouco se sabe sobre as artes. A metodologia utilizada na seguinte pesquisa será qualitativa, visto um compromisso com a desnaturalização do receituário metódico positivista podendo compreender o fenômeno que aparece a partir de uma perspectiva hermenêutica-política. A leitura apresentada a seguir é um convite para que possamos investigar as possíveis formas de um fazer clínico daseinsanalítico através da arte. A proposta parte de um estudo de caso, que abriu possibilidades para viabilizar diferentes maneiras de um fazer clínico social antiracista poético, através do fazer artístico, tendo como recursos materiais plásticos. Esse estudo contribui para possíveis descobertas que preserva a autenticidade possibilitado percepções sobre o que dá voz à dor e as vulnerabilidades humanas. O fazer artístico na clínica pode ser uma abertura de compreensão onde verdades são postas em obra e podem vir-a-ser na linguagem do compartilhar.

Palavras chaves: Arte; Daseinsanalyse; Encontro; Autenticidade.

Laíza Carreira Domingos

Formada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); especializada em Corpo na Clínica (PUC-SP); Arteterapia pelo Instituto Sedes Sapientiae; Associação Brasileira de Daseinsanalyse (ABD) na Leitura de Ser e Tempo de Martin Heidegger e Mestranda em Educação: Psicologia e Educação pela (PUC-SP), integrante do grupo ECOFAM; São Paulo, Brasil.

E-mail laizacarreira.psi@outlook.com

Lattes: lattes.cnpq.br/5483790430181861

ORCID: 0000-0003-1575-1360

2.27 POSVENÇÃO, SUICÍDIO E RODA DE CONVERSA: AGENTES UNIVERSITÁRIOS DE SEGURANÇA ¹

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa (IFEN)

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ/IFEN)

Este trabalho tem como proposta mostrar como acontece uma atuação de posvenção ao suicídio, em uma proposta de roda de conversa coordenada por profissionais de psicologia, junto a Agentes Universitários de Segurança de uma instituição universitária estadual. A solicitação dessa atividade, com o objetivo de prevenção e posvenção ao suicídio, insere-se no Programa de Capacitação Especial dos Agentes Universitários de Segurança. Esse treinamento, que prevê a atualização anual desses profissionais na prevenção ao suicídio, tem fundamental importância diante do contexto dessa instituição universitária em relação aos casos de tentativa e de suicídio por defenestração que ocorrem no campus da universidade. Os agentes universitários, por estarem na linha de frente, muitas vezes, atuam em situações que envolvem uma tentativa ou um suicídio consumado, bem como acabam lidando com os familiares do tentante ou do morto e o seu entorno – estudantes e servidores envolvidos na situação. Essas experiências, muitas vezes, abalam emocionalmente esses profissionais, comprometendo a saúde mental do agente e afetando sua vida social e afetiva. Depois dessas ocorrências, alguns profissionais se veem impedidos de manter sua rotina laboral, necessitando de afastamento do trabalho, e podem até mesmo solicitarem a transferência para outro campus da instituição. E muitos deles passam a apresentar ideações suicidas. A modalidade de acompanhamento psicológico, antes de ser colocada em prática, fez parte de um projeto de extensão em suas três modalidades: pesquisa, ensino e ação clínica, que vem sendo desenvolvido desde 2016, por um Laboratório de Estudos em Psicologia da universidade em questão. Esse projeto foi desenvolvido por meio de subprojetos, assim nomeados: Por um núcleo de atendimento clínico em situações de suicídio, A clínica psicológica com pais enlutados por suicídio, prevenção e posvenção do suicídio em contexto escolar e A prevenção e posvenção do suicídio com aqueles que presenciaram o ato. Este último tem como objetivo compreender o sentido das experiências em presenciar uma tentativa ou um suicídio consumado e, a partir de então, foram desenvolvidos manejos clínicos considerando as especificidades desse grupo de profissionais. As atividades presenciais realizaram-se na modalidade denominada roda de conversa, que consistiu em propiciar um espaço de discussão colaborativa entre os participantes do grupo, de modo que a cada um dos membros foi oferecida a oportunidade de contribuir com seus relatos – inquietações, experiências, dúvidas e contribuições reflexivas – acompanhados pelas psicólogas que coordenaram as atividades. Os encontros realizados com os agentes universitários de segurança revelaram como imperativo a necessidade de acolhimento e acompanhamento clínico para o profissional que lida com situações de suicídio imediatamente após presenciar um evento de tentativa e consumação do ato de precipitação da morte.

Palavras-chave: Suicídio; Acolhimento; Saúde Mental; Psicologia.

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa

Psicóloga. Especialista em Psicologia Clínica na perspectiva fenomenológico-existencial. Sócia fundadora e atual presidente do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro – IFEN. Professora e supervisora do Curso de Formação de profissionais de Psicologia e áreas afins para atuação clínica em situações de suicídio na perspectiva fenomenológico-

¹ Pesquisa submetida ao comitê de ética e aprovada pelo CAAE 02867218.9.0000.5282, nº do Parecer: 6.076.035

existencial do IFEN. Pesquisadora pelo Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil, CNPq na linha de pesquisa Psicologia Clínica e Filosofia da Existência da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Coordenadora Editorial da Edições IFEN. Atua na área de psicologia clínica em consultório na perspectiva fenomenológico-existencial.

E-mail: bernadete@ifen.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8057941692412679>

ORCID: 0000-0003-0769-5127

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Psicóloga. Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Departamento de Psicologia Clínica - DPC e Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social - PPGPS da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do projeto de extensão: Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia da Existência – LAFEPE e do projeto de Iniciação Científica sobre suicídio. Membro do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia. Sócia fundadora e benemérita do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro – IFEN e coordena o Núcleo de Pesquisas do IFEN. Organizadora e autora de livros, capítulos e artigos publicadas em revistas nacionais e internacionais, que versam sobre a pesquisa e a clínica psicológica na perspectiva fenomenológico-existencial. Bolsista produtividade CNPQ e Cientista do Nosso Estado.

E-mail: ana.maria.feijoo@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6262781863415292>

ORCID: 000-0002-3064-3635

2.28 PSICOLOGIA E FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA DA FACTICIDADE

Paulo Sérgio Lopes Gonçalves (PUC-SP)

Este estudo tem por objetivo analisar as contribuições da fenomenologia hermenêutica da facticidade, desenvolvida por Martin Heidegger, especialmente em suas obras *Ontologie. Hermeneutik der Faktizität* de 1923 e *Phänomenologie des Religiösen Lebens* de 1920-21, para a Psicologia, em sua condição de ciência do ser humano, concebido em sua estrutura psíquica. Justificam-se esse objetivo dois fatores fundamentais intrínsecos ao próprio filósofo alemão. O primeiro é que Heidegger constatou filosoficamente que a metafísica havia se esquecido do ser e, por conseguinte, suscitou a possibilidade de recuperar a história do ser, mediante a centralidade da *faktische Lebenserfahrung* compreendida como a própria hermenêutica do fenômeno da experiência fática de vida. Para levar a cabo essa centralidade, Heidegger mergulhou fenomenologicamente na religião, concebendo-a como experiência religiosa na vida e encontrando-se com a “via interior”, principalmente ao analisar o livro X das *Confessiones* de Santo Agostinho, analogamente concebida como estrutura psicológica do ser humano. O segundo fator é que pela fenomenologia hermenêutica da facticidade heideggeriana torna-se possível e plausível proceder com análise fenomenológica acerca do “como” – “Wie” – o ser humano se vê si mesmo diante das tensões – *tentationes* em linguagem heideggeriana tomada do pensador de Hipona – presentes na vida humana. Para atingir esse objetivo, conceituar-se-á a fenomenologia hermenêutica da facticidade e se procederá com a análise fenomenológica de como o ser humano se movimenta, se concebe a si mesmo e se afirma no mundo, diante das tensões que encontra em sua história de vida. O objeto material da pesquisa será constituído das obras supracitadas do filósofo alemão, cujo auxílio será encontrado em comentadores dessa vertente da fenomenologia heideggeriana. Espera-se que a investigação resulte em contribuições fenomenológicas, especificamente no âmbito da facticidade da vida humana, para a Psicologia, enquanto é uma ciência do humano, imbuída de seu *positium* específico e que se movimenta para auxiliar o ser humano na sua experiência de *humanum*, constituído do desejo de felicidade – *beata vita* segundo essa fenomenologia – a ser buscada no percurso a ser feito na estrada existencial da vida humana.

Palavras-chave: *Faktische Lebenserfahrung*; Fenomenologia hermenêutica; Ser humano; Psicologia.

Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália), Pós-doutor em Filosofia pela Universidade de Évora (Évora, Portugal) e Pós-doutor em Teologia pela FAJE (Belo Horizonte, Brasil). É docente-pesquisador do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião e dos cursos de graduação em Teologia e Filosofia, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (SP). É líder do Grupo de Pesquisa Religião: Epistemologia e Fenomenologia, coordenou o IX Congresso da Associação Nacional dos Programas de Teologia e Ciências da Religião, contribuiu com outros eventos científicos da área 44 da CAPES, Ciências da Religião e Teologia e é membro do Grupo de Trabalho da ANPEPP “Psicologia e Fenomenologia Existencial”. Possui publicações de artigos qualis, comunicações, livros e capítulos de livros referentes à Fenomenologia Hermenêutica da Facticidade, análise fenomenológica da religião, epistemologia da religião, análise filosófica do problema de Deus, análise teológica do problema do ser humano, articulação entre hermenêutica e psicologia analítica e relação entre religião e ciência.

E-mail: paselogo@puc-campinas.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6264934038329902>
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3495-6540>

2.29 PSICOPATOLOGIA DO SUICÍDIO E A TRAVESSIA PELA “TERCEIRA MARGEM” DA ARTE

Elina Eunice Montechiari Pietrani (UERJ)

Este estudo tem como objetivo refletir sobre a questão do suicídio a partir da arte literária como outro modo de pensar tal temática que não seja apenas pelo olhar médico-científico e suas determinações de causalidade. Como procedimento metodológico, o estudo se baseia no método fenomenológico-hermenêutico, tal como proposto pela pesquisadora Ana Maria Feijoo, e inspirado em Heidegger, em seus três momentos: reconstrução, desconstrução e construção. Na reconstrução retomamos aquilo que historicamente constituiu a temática, no caso, a questão do suicídio e suas concepções ao longo do tempo; na desconstrução, buscamos poder questionar a verdade dessas concepções por meio da literatura, em especial o conto de Guimarães Rosa, *A terceira margem do rio*. Por fim, passamos a construir outro modo de pensar o tema da morte voluntária, nesse caso amparando-nos na literatura como possibilidade de reflexão sobre a existência, em alinhamento com a psicologia fenomenológico-existencial. Sabemos que em todos os tempos o suicídio sempre aconteceu, mesmo que com outras denominações. Nesse sentido, várias foram também as concepções sobre tal fenômeno, sendo visto ora como vergonha ou como gesto heroico na Antiguidade, ora como pecado no mundo cristão, até chegarmos na modernidade quando o terminar com a própria vida, influenciado pelo saber médico-científico e pela defesa à soberania da vida a qualquer custo, se inseriu na categoria de patologia e visto como um aspecto da existência a ser interditado. Como patologia, estudiosos defendem que o suicídio guarda em si fatores predisponentes ora relacionados a transtornos mentais, como depressão, transtorno bipolar, esquizofrenia ou ainda à dependência de álcool e outras drogas psicoativas, ora causado por aspectos do social em seu caráter de produtividade incessante. Recorremos à literatura a fim de trazer luzes às nossas reflexões acerca da relação do homem moderno em sua decisão voluntária de morrer. A literatura, como modo de pensamento voltado ao caráter originário, essencial, da existência, abarca as possibilidades múltiplas em que esta pode se apresentar. A psicologia fenomenológico-existencial, por sua vez, vai ao encontro da literatura, ao manter em seu fundamento o interesse pela experiência, ou seja, o interesse por resguardar o caráter sensível do existir humano. Ambas nos ensinam que assumamos uma postura fenomenológica, antinatural, frente ao fenômeno do suicídio, sem partir de premissas, sejam elas quais forem, seja como transtorno ao modo do desespero, da instabilidade emocional ou de outro. seja por supostas determinações do contexto social em que nos encontramos. Em seu conto, Rosa acentua a impossibilidade de delimitar, de restringir a existência a algumas probabilidades. Ao promover a suspensão de explicações causais, a arte literária nos possibilita pensar tal decisão pelo caráter de abertura do homem frente à existência. É a partir dessa relação, que pode escapar a qualquer tentativa de apreensibilidade, que o suicídio pode ser compreendido, e não apenas pela mensurabilidade de suas causas. A vida, assim apresentada no conto de Rosa, carrega o enigma que pode nos surpreender e, ao mesmo tempo, ampliar nossa compreensão sobre a existência.

Palavras-chave: Suicídio; Literatura; Psicologia fenomenológico-existencial.

Elina Eunice Montechiari Pietrani

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestra em Psicologia Social também pela UERJ, psicóloga graduada pela PUC-Goiás, especialista em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-existencial do Rio de Janeiro (IFEN). Docente na Universidade Veiga de

Almeida, Rio de Janeiro. Coordena o grupo de pesquisa Suicídio, literatura e psicologia fenomenológico-existencial no IFEN. CRP 05/34045.

E-mail: elinapietrani@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6133798090456690>

ORCID: 0000-0003-4596-1596

2.30 QUANDO O SUICÍDIO INVADE A INSTITUIÇÃO DE ENSINO: A PERDA E O LUTO POR SUICÍDIO NA VIVÊNCIA DE ESTUDANTES E EDUCADORES

Geórgia Sibele Nogueira da Silva (UFRN-RN)

Camilla Danielle Silva de Lima Queiroz (UFRN-RN e IFRN-RN)

O número de mortes violentas e prematuras entre adolescentes e jovens no Brasil e no mundo vem aumentando, sendo o suicídio a segunda causa de morte dos mesmos à nível mundial. No suicídio de um estudante, o impacto é ainda maior, por ser uma morte inesperada, violenta e estigmatizada, envolvendo uma pessoa jovem, gerando mais comoção na comunidade escolar. Impacta os mais próximos ao falecido, e uma rede de pessoas que no continuum de sobrevivência estão entre os expostos, afetados e enlutados. Os educadores também são atingidos, não encontram espaços de acolhimento e se sentem despreparados para lidar com seus alunos. Diante desse cenário realizamos uma tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRN- RN, no nordeste do Brasil, com o objetivo de compreender como estudantes e educadores vivenciam a perda e o luto diante de suicídio de aluno. Foi realizada uma pesquisa qualitativa ancorada na hermenêutica gadameriana, utilizando a entrevista narrativa com uso de cenas projetivas. Foram entrevistados 6 estudantes e 3 professores, sobreviventes de diferentes suicídios de 3 unidades de uma instituição educacional, aprovado pelo comitê de ética (CAAE 29242419.1.0000.5537). A análise resultou em 4 eixos temáticos. “O luto por suicídio e o desamparo dos estudantes” revelou o significado do suicídio transitando entre uma escolha diante do desespero e da solidão e o não querer morrer de fato; a ausência de culpabilização; e como resultado de um contexto suicidante. Os impactos da perda ocorreram nos níveis intrapessoal, interpessoal e transpessoal. Dentro do continuum de sobrevivência, os estudantes estiveram entre expostos, afetados e enlutados por suicídio, e muito desamparados. Em o “Luto por suicídio e estratégias de enfrentamento dos estudantes” constatamos o enfrentamento vivenciado entre a solidão e poucas conversas com amigos; busca pela religiosidade; pouco/descontínuo suporte institucional. No “Luto invisibilizado dos educa(dores)” temos os impactos nos três níveis, localizando-os no continuum entre os expostos, afetados e enlutados. Destaca-se o pouco suporte relacionado a posvenção pela instituição, com suas dores invisibilizadas e dificuldades em lidar com os estudantes sobreviventes. No “Enfrentamento dos educa(dores) e os desafios da posvenção”, apesar da presença de alguns rituais de despedida e da ajuda de pares, não houve suporte institucional. Algumas dificuldades no retorno ao trabalho, a desarticulação da equipe multiprofissional e a ausência de rituais acerca do legado do estudante também estavam presentes. Por fim, destacamos que olhar sensível possibilitado pela abordagem hermenêutica favoreceu o acesso aos sofrimentos invisibilizados de estudantes e educadores. É imprescindível a formulação de programas prévios de posvenção do suicídio em ambientes educacionais, que contemplem estudantes e educadores, considerando suas especificidades e necessidades, próximos ou não dos falecidos, os aspectos culturais, e sua localização dentro das categorias do continuum de sobrevivência, para fundamentar as ações de cuidado e prevenção de comportamentos suicidas nos impactados pelo suicídio no contexto das instituições de ensino. Há luto entre os estudantes e professores(as), com suas dores não cuidadas e dificuldade de reconhecimento por si e pelos outros.

Palavras-chave: Suicídio; Luto; Estudantes; Professores; Instituições de Ensino.

Camilla Danielle Silva de Lima Queiroz.

Psicóloga, Doutora em Psicologia (PPgPsi-UFRN-RN). Psicóloga do Instituto Federal do RN, atua na área da psicologia escolar e da saúde com alunos adolescentes e adultos, na orientação fenomenológica-existencial. Membro do LETHS/UFRN (Laboratório de Estudos em Tanatologia e Humanização das práticas em Saúde). CRP 17/1535.

E-mail: camilla.lima@ifrn.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6313941497685710>

ORCID: 0000-0003-3021-4934

Geórgia Sibeles Nogueira da Silva, CRP-17/0305

Psicóloga, Docente e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRN; Pós-doutora em Psicologia pela UNIFOR/CE (temática: Cuidados Paliativos e Luto); Doutora em Medicina Preventiva pela Faculdade de Medicina da USP/FMUSP-USP/SP; Coordenadora do LETHS-UFRN - Laboratório de Estudos em Tanatologia e Humanização das práticas de Saúde da UFRN, ancorado na abordagem fenomenológica existencial.

E-mail: gsibeles@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1062059652170019>

ORCID: 0000-0002-5716-6262

2.31 RENASCIMENTO PSICADÉLICO E PSICOTERAPIA EXISTENCIAL: OPORTUNIDADES E DESAFIOS PARA A PRÁTICA CLÍNICA

João da Fonseca (SPPE)

O “Renascimento Psicadélico” é uma expressão que marca o regresso da investigação científica e, conseqüentemente, da prática clínica, à exploração do potencial, da eficácia e da segurança das substâncias psicadélicas como a Psilocibina, o MDMA ou a Cetamina, dentro do campo da saúde mental. Tal regresso dá-se agora após um interregno que desperdiçou uma geração inteira de investigadores e terapeutas devido a uma agenda, muito mais embrenhada de razões políticas do que científicas ou terapêuticas, que foi precipitada por um clima de tensão social vivido nos EUA, durante os meados dos anos 70. Embora se tivesse nessa altura a alcançar resultados surpreendentes no tratamento de perturbações como a depressão, ansiedade, abuso de substâncias ou angústia em fim de vida, o governo norte-americano executou uma indiscriminada “war on drugs” com uma propaganda agressiva que resultou na injusta definição destas substâncias como perigosas para a saúde e sem qualquer potencial médico ou terapêutico. Nos tempos que correm, a ciência tem vindo cada vez mais a esclarecer e desconstruir muitos dos preconceitos e receios que ficaram associados a estas substâncias, nomeadamente através do desenvolvimento de inúmeros ensaios clínicos com metodologias mais robustas que tem alcançado resultados promissores que vão permitindo e justificando, em vários países, o sentido de descriminalizar, legalizar e regulamentar o seu uso de modo a torná-lo acessível nos sistemas e cuidados de saúde primários. A (Psico)Terapia Assistida por Psicadélicos, volta a demonstrar ser um procedimento seguro para endereçar as perturbações de saúde mental mais desafiantes dos nossos dias, como são os casos da Depressão Refratária e do Stress Pós-Traumático, mas mais ainda estará por comprovar relativamente ao seu potencial para além dos parametros do uso médico, nomeadamente em pessoas que não tem propriamente um diagnóstico de “doença mental” mas que buscam a psicoterapia como forma de autoconhecimento, desenvolvimento e posicionamento perante a existência. É fundamental mencionar que estas substâncias têm o potencial de criar experiências altamente significativas para a situação da pessoa e a sua mundivisão, aumentando a capacidade de empatia, de abertura à experiência e de neuroplasticidade na pessoa, através de um estado modificado de consciência que promove uma maior conexão do individuo consigo mesmo, com os outros e com a existência no geral. Nesta apresentação faremos um enquadramento deste renascimento psicadélico, uma definição do que é a (psico)terapia assistida por psicadélicos e de como esta se poderá entrelaçar com a prática clínica existencial, refletindo sobre as oportunidades e desafios que nos aguardam.

Palavras-chave: Terapia Assistida por Psicadélicos; Psicoterapia Existencial.

João da Fonseca

Psicólogo Clínico, Psicoterapeuta, Mestre em Relação de Ajuda pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), Lisboa, Portugal, e Membro Efectivo da Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP) com Especialidade Avançada em Psicoterapia; Formador na Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial – SPPE, Psicoterapeuta na Liminal Minds e em Clínica Privada.

E-mail: joaodafonseca@psi@gmail.com

2.32 SENTIDO DA VIDA EM TEMPOS DE CONFINAMENTO

Thaís Leite Reis (UGB)

O presente trabalho apresenta a Antropologia Filosófica de Viktor Frankl, na qual o homem é um ser livre e responsável. E é a partir da vontade de sentido que esse indivíduo encontra motivação maior para a sua sobrevivência. Em tempos de crise podemos questionar: Qual o sentido da vida? Ou como dizia o autor: O que ela espera de nós? Objetivamos refletir filosófica e existencialmente experiências de isolamento social, principalmente no período da pandemia. Para isso examinamos, por meio de uma revisão bibliográfica e uma produção cinematográfica, material publicado em livros, artigos científicos e filme. As experiências de Frankl nos campos de concentração influenciaram no surgimento da logoterapia que é considerada uma terapia centrada no sentido. Apesar das condições ambientais, a Liberdade não está condicionada a elas, o indivíduo pode escolher conservar sua dignidade mesmo com todo o sofrimento, pois não é somente uma vida de realização que tem sentido tanto o belo como a morte fazem parte da existência e dão sentido a ela. O sofrimento só será digno ao tormento se conseguimos mudar uma tragédia moral numa conquista pessoal. Para Frankl, não eram os prisioneiros mais fortes fisicamente que sobreviveram aos campos de concentração, mas àqueles que tinham o “porquê” viver. Nos momentos sublimes, os fatos do dia a dia estavam presentes na imaginação dos prisioneiros desde um simples banho com água quente, o cheiro de uma flor e a contemplação do pôr-do-sol. De um modo geral, o humor era um modo de existir meditativo que sintonizava o indivíduo com o momento presente, mesmo que durasse pouco tempo, para esquecer o sofrimento. Em meio as dolorosas experiências, outros momentos era necessário ficar sozinho e transcender ao tempo e ao espaço para não enlouquecer. Com isso, o indivíduo poderá recriar sua história e se apropriar do seu novo projeto existencial, que foi forjado, em Liberdade não por meio do que foi feito dele, mas o que ele irá fazer com o que fizeram dele conforme afirmou Sartre. Desse modo, a logoterapia, estudo do sentido da vida, é inaugurada em ato com a vontade de Frankl em publicar a construção do seu pensamento, a partir das vivências no campo de concentração transformando sua tragédia pessoal, pela morte de seus familiares, queima de seus escritos e sofrimentos pelas experiências, em um crescimento humano dando sentido para a sua vida. Com isso, permite esse encontro de outros caminhos, onde o homem não é um mero processo histórico, mas estabelece um sentido nas suas vivências. Acrescentamos, o posicionamento do sujeito responsável na existência que pôde auxiliar mais criativamente no enfrentamento do período de confinamento que vivenciamos pelo coronavírus. Consideramos uma reflexão sobre um sentido da vida possivelmente encontrado por alguns indivíduos no cenário de isolamento social vivido mundialmente. Por meio das artes mostradas nas varandas dos apartamentos como socialização e expressão de afetos em analogia ao filme Phoenix, que relata a experiência de uma cantora no Pós Segunda Guerra Mundial, foram alguns modos possíveis de recriar uma realidade.

Palavras-chave: Existencialismo; Liberdade; Pandemia.

Thaís Leite Reis

Psicóloga. Universidade de Vassouras (2008). Mestre em Psicologia. UFRJ (2021). Especialista em Psicologia Jurídica. PUC (2018). Especialista em Psicologia Clínica. IFEN (2010). Docente no UGB (2019-2024), Volta Redonda-RJ, Brasil. CRP 37791/05.

E-mail: thaisreispsico@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0297444578091758>

ORCID: 0000-0001-6298-8710

2.33 UM PARADIGMA FENOMENOLÓGICO DE ADOECIMENTO

Ida Elizabeth Cardinalli (PUC-SP/ABD)

Rafael Monho Ribeiro (PUC-SP)

O pensamento fenomenológico nos ensina a deixar que os fenômenos se mostrem por eles mesmos. Retomando o caminho inicial deste pensar, o presente estudo teve como objetivo apresentar e refletir sobre o paradigma de adoecimento proposto por Medard Boss. O que caracteriza o adoecer humano? Qual é sua correlação com o pensamento fenomenológico heideggeriano? Como este adoecer pode ser compreendido por meio dos casos clínicos? E, o que se pode observar a respeito do manejo clínico segundo este paradigma de adoecimento? Estas, foram algumas das perguntas que nortearam a presente pesquisa. A fim de encontrar um caminho que levasse a este norte, primeiramente, foi realizado um estudo a respeito da origem do termo “fenomenologia”, tal como, a respeito do desenvolvimento do pensamento fenomenológico até Martin Heidegger, para que então, em um segundo momento, fosse estudado sua relação à proposta daseinsanalítica bossiana e apreciado no horizonte dos casos clínicos conduzidos e apresentados por Boss. No percurso até ao norte buscado outros importantes horizontes foram avistados, dentre eles aquele que se refere a uma emblemática constatação presente nos Seminários de Zollikon (1959-1969), que diz que a natureza da atuação terapêutica deve ser da ordem de oferecer uma ocasião para um desvelamento e não a de operar segundo um procedimento corretivo. Deste modo a estrutura do adoecer humano se revelou enquanto restrição existencial de abertura aos fenômenos, e de privação aos fenômenos experienciados. Sua característica se apresentou segundo o modo da repetição, ou dos fenômenos que insistem em aparecer até que sejam compreendidos segundo eles mesmos e não segundo o modo representacional ou ao modo restritivo. Em decorrência pudemos observar como, a despeito de uma dada criação, de uma certa formação, e de modos bem fixados de se dispor, entender e sentir, que pretendem dar forma e sentido para tudo que é experienciado, ocorrem fenômenos que nunca desaparecem por completo e que exigem a seu modo, um certo reconhecimento. Assim se tornou possível apontamentos sobre o ocasionar clínico e sobre o entendimento clínico do psicoterapeuta segundo suas orientações compreensivas, seus focos de sentido e seus horizontes fenomênicos. Em consequência, além de observações que revelaram o norte do trabalho clínico de orientação daseinsanalítica, explicitou-se o movimento daquilo que para os pacientes da clínica psicológica simplesmente não pode desaparecer e exige desvelamento e correspondência.

Palavras-chave: Adoecimento; Daseinsanalyse; Medard Boss.

Ida Elizabeth Cardinalli

Psicóloga clínica, Professora Curso de Graduação em Psicologia e do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC/SP. Mestrado e Doutorado em Psicologia Clínica pela PUC/SP. Membro efetivo e professora da Associação Brasileira de Daseinsanalyse (ABD). Membro do GT Psicologia e fenomenologia (ANPEPP). Autora dos livros: "Daseinsanalyse e esquizofrenia" e "Transtorno de estresse pós-traumático - uma compreensão fenomenológico-existencial da violência urbana" e vários artigos.

E-mail: icardinalli@pucsp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2026429176149603>

ORCID: 0000-0002-0075-9004

Rafael Monho Ribeiro

Doutorando e mestre em Psicologia Clínica pela PUC/SP, especialista em Daseinsanalyse pela Associação Brasileira de Daseinsanalyse, possui curso de aprimoramento em Psicologia Clínica pela PUC/SP, psicólogo pela Universidade Anhembí Morumbi, bacharel e licenciado em Filosofia pela PUC/SP. Atua como psicoterapeuta clínico em consultório particular e desenvolve pesquisas nos campos da Filosofia Contemporânea e Daseinsanalyse Clínica sob fomento da CAPES. CRP 06/123953.

E-mail: monhorafael@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9870756037395490>

ORCID: 0000-0002-8883-1604

3 SESSÕES COORDENADAS

3.1 A CONSCIÊNCIA DO FIM: UM ESTUDO QUALITATIVO DA VISÃO DOS PSICOTERAPEUTAS SOBRE A PRESENÇA DA MORTE EM PSICOTERAPIA

David Neto (ISPA)

Filipa Morais (ISPA)

Victor Amorim Rodrigues (ISPA)

A morte está sempre presente na vida e, conseqüentemente, na psicoterapia. A literatura tende a associar o estudo da morte aos clientes, porém, é fundamental compreender o ponto de vista dos psicoterapeutas, uma vez que é um tema que suscita dificuldades de abordar em psicoterapia, devido a potenciais barreiras. Deste modo, o presente estudo pretende compreender a visão dos psicoterapeutas sobre a presença da morte em psicoterapia, bem como a relação entre a perspectiva dos psicoterapeutas sobre a morte e a intervenção dos psicoterapeutas face à morte. Para tal, realizaram-se seis entrevistas semiestruturadas a três psicoterapeutas cognitivo-comportamentais e a três psicoterapeutas fenomenológico-existenciais. As entrevistas foram analisadas de acordo com o método da Análise Temática. Para efeitos de triangulação de dados, aplicou-se a Escala de Avaliação do Perfil de Atitudes acerca da Morte. Após a análise das entrevistas, foi possível identificar três temas e sete subtemas relativos à presença da morte em psicoterapia e foram criados oito temas e 25 subtemas relativos à relação entre a perspectiva dos psicoterapeutas sobre a morte e a intervenção na morte. Verificou-se que os psicoterapeutas percebem a morte como presente em psicoterapia associada ao cliente, não referindo formas de estar presente através dos próprios. Além disso, até mesmo para os psicoterapeutas que nunca haviam refletido sobre se existe relação entre a perspectiva da morte e a intervenção na morte, esta é percebida como positiva. Foi discutida a capacidade de autorreflexão dos psicoterapeutas, bem como a sua relação com a morte. Identificou-se dificuldades em abordar a morte e a dimensão pessoal dos psicoterapeutas.

Palavras-chave: Psicoterapeutas; Morte; Psicoterapia; Autorreflexão; Análise temática.

David Neto

É Professor auxiliar no ISPA - Instituto Universitário e membro do APPsyCI – Applied Psychology Research Center Capabilities & Inclusion. Concluiu o doutoramento em 2011, atribuído pela Universidade de Lisboa e de Sheffield. Foi presidente (2017-20) do Conselho de Especialidade de Psicologia Clínica e da Saúde da Ordem dos Psicólogos Portugueses. Publicou vários artigos e livros nas áreas de investigação em psicoterapia, psicologia clínica e da saúde e psicopatologia.

Filipa Morais

É Mestre em Psicologia Clínica pelo ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.

Victor Amorim Rodrigues

É Médico psiquiatra, Psicoterapeuta. Professor universitário e atual Presidente do capítulo português da International Association of Relational Psychoanalysis and Psychotherapy (IARPP- Portugal) e da Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial (SPPE). Past President da Federação Portuguesa de Psicoterapia (FEPPSI). Tem Licenciatura em Medicina,

Mestrado em Filosofia e Doutorado em Psicologia. Tem formação em Psicoterapia Psicodinâmica, Existencial, Intervenção Sistêmica e Terapia Assistida por Psicodélicos. É o Diretor Clínico da The Clinic of Change em Lisboa.

E-mail: vitoramorimrodrigues43@gmail.com

ORCID: 0000-0001-7721-235X

3.2 A EXPERIÊNCIA DA RECUPERAÇÃO DE ADOLESCENTES COM TRANSTORNOS ALIMENTARES

Sofia Cruz Mendes de Abreu (UNIFOR)

Francisco Luan de Souza Carvalho (UNIFOR)

Lara Maria Dias da Silva (UNIFOR)

Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR)

A utilização da recuperação como referência de cuidado de adolescentes com transtornos alimentares busca ampliar a compreensão clínica, indo além da simples remissão de sintomas para um processo dinâmico de desenvolvimento pessoal que reconhece a importância do engajamento em comportamentos e atitudes que promovam uma melhor qualidade de vida a partir da particularidade de cada caso. O objetivo deste trabalho é compreender a experiência de adolescentes no processo de recuperação dos transtornos alimentares. Esta pesquisa, de caráter qualitativo, utiliza como método o IPA - Análise Fenomenológica Interpretativa. Trata-se de uma proposta de método que permite ao pesquisador o acesso a aspectos detalhados do fenômeno investigado, viabilizando a apreensão dos significados e sentidos da experiência com o intuito de compreender a experiência de recuperação de adolescentes com Transtornos Alimentares. Compuseram o estudo sete adolescentes, do gênero feminino, com faixa etária entre 14-17 anos, que eram atendidas em um programa de atendimento interdisciplinar à pessoas com transtornos alimentares em uma universidade particular. Os instrumentos da pesquisa foram: Body Shape Questionnaire (BSQ) e a entrevista fenomenológica. A coleta de dados foi realizada, inicialmente, pela aplicação do BSQ durante o início, meio e ao final de seis meses do processo de psicoterapia. As entrevistas fenomenológicas foram realizadas após finalizados os seis meses do processo terapêutico. A análise dos dados foi feita a partir dos passos propostos pelo IPA. A partir da análise fenomenológica das entrevistas foram criadas três categorias fenomenológicas a partir dos temas emergentes: O processo de recuperação; As ferramentas de apoio; e o Papel do Cuidado Profissional. Na primeira categoria, discute-se as dificuldades, limites, sucessos, recaídas e sentimentos no processo de recuperação. Na segunda categoria, são apresentados os benefícios do uso da medicação e dos questionários como apoio no processo de recuperação. Na terceira categoria, desenvolve-se sobre a relevância do cuidado profissional, dentre esses fatores a aceitação, atenção, respeito, empatia, interesse, honestidade e escuta foram apontados pelos pacientes como essenciais ao cuidado oferecido pelos profissionais de saúde. Conclui-se que a importância de vínculos terapêuticos por parte dos profissionais são essenciais para o processo de recuperação das adolescentes, assim como as ferramentas de apoio que serviram de suporte de acompanhamento para o processo terapêutico no processo.

Palavras-chaves: Recuperação; Transtorno Alimentar; Adolescência.

Sofia Cruz Mendes de Abreu

Graduanda em Psicologia pela Universidade de Fortaleza-UNIFOR; Iniciante científica vinculada ao APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica; – Fortaleza - CE, Brasil. Aluna da Formação da Prof. Virgínia Moreira em Humanismo Fenomenológico. Organizadora do VI Colóquio Internacional sobre a Clínica Humanista Fenomenológica. Ex líder social do Projeto da Comunidade Titanzinho Amor Salva Vidas. Experiência em estudos do Humanismo Fenomenológico.
E-mail: psi.sofia.abreu@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7737930145213156>

ORCID: 0009-0000-2594-7573

Lucas Guimarães Bloc

Doutor em Psicopatologia na Université Paris Diderot - Paris VII, com bolsa Capes de Doutorado Pleno no Exterior; Psicólogo pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Mestre em Psicologia – UNIFOR; Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Coordenador do APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR. Pós-doutorado em Psicologia pela UNIFOR. CRP 11/06231.

E-mail: blocpsi@unifor.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7062553560038741>

ORCID: 0000-0002-8528-131X

Francisco Luan de Souza Carvalho

Mestre e doutorando em Psicologia/UNIFOR, vinculado ao Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica/APHETO. Psicólogo e Psicoterapeuta. Especialista em Psicologia Social e Psicologia Existencial, Humanista e Fenomenológica. Professor do Curso de Psicologia UNIATENEU. Supervisor clínico e do Plantão Psicológico Fratelli. Diretor pedagógico e fundador do Instituto Fratelli. Formação em Psicoterapia Humanista-Fenomenológica (Virgínia Moreira). CRP 11/16560.

E-mail: luan.smb@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0595523817731163>

ORCID: 0000-0002-2089-2611

Maria Eduarda Matos de Oliveira

Graduanda em Psicologia pela Universidade de Fortaleza-UNIFOR; Iniciante científica vinculada ao APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica; – Fortaleza - CE, Brasil. Organizadora do VI Colóquio Internacional sobre a Clínica Humanista Fenomenológica. Experiência em estudos do Humanismo Fenomenológico.

E-mail: m.eduardamatosoliveira@gmail.com

Lara Maria Dias da Silva

Graduanda em Psicologia pela Universidade de Fortaleza-UNIFOR; Iniciante científica vinculada ao APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica; – Fortaleza - CE, Brasil. Aluna da Formação da Prof. Virgínia Moreira em Humanismo Fenomenológico. Organizadora do VI Colóquio Internacional sobre a Clínica Humanista Fenomenológica. Experiência em estudos do Humanismo Fenomenológico.

E-mail: laradias593@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2152517980278238>

3.3 A FENOMENOLOGIA DE GASTON BACHELARD E A PSICANÁLISE DE WINNICOTT: A IMAGINAÇÃO E A SITUAÇÃO CLÍNICA

Daniel França Stanchi (USP)

Raphaela de Jesus Correia

Compreendendo a situação clínica na fronteira entre contribuições da filosofia fenomenológica de Gaston Bachelard (1884-1962) e a psicanálise fenomenológica de Donald Winnicott (1896-1971), esta pesquisa busca tecer reflexões sobre o lugar da Imaginação como gesto fundador do ser humano. Tomando como ponto de partida as contribuições fenomenológicas desenvolvidas por Bachelard, em especial em seu livro *A Poética do Espaço*, trabalho no qual propõe uma fenomenologia da imaginação, podemos compreender o cotidiano como lugar de revelação da condição humana, sendo a Imaginação um gesto fundante que possibilita ao ser humano habitar o mundo po-eticamente. A mesma perspectiva parece-nos fecunda também na relação psicoterápica como possibilidade de os pacientes criarem sentidos pessoais para suas existências no mundo com os outros e com as coisas a partir e para além da relação com o psicoterapeuta. Considerando a situação clínica como um lugar privilegiado que pode promover a criação de sentidos pelo paciente através do encontro com o psicoterapeuta e com a materialidade da atmosfera que envolve a dupla, esta investigação procura apresentar alguns benefícios de assentar a prática psicoterápica numa perspectiva que não considera nem reduz a imaginação a um desdobramento de funções e dinâmicas reprimidas no inconsciente. A partir do trabalho de Bachelard, no qual podemos reconhecer um profundo resgate da imaginação como um gesto inerente ao processo criativo do ser humano de descoberta de si e do mundo e, em diálogo com a perspectiva clínica desenvolvida pelo psicanalista inglês Winnicott em suas *Consultas Terapêuticas*, na qual podemos reconhecer uma postura de acolhimento diante dos fenômenos que eclodem no encontro clínico a partir da linguagem pessoal do paciente e do modo como cada paciente descreve sua própria condição, sem que o clínico teorize de antemão sobre o paciente, propomos apresentar uma perspectiva em que o psicoterapeuta precisa ocupar e sustentar um lugar paradoxal diante da singularidade de cada paciente e de cada sessão. Neste vértice, acreditamos ser fecundo o diálogo entre Bachelard e Winnicott como possibilidade de resgatar os fundamentos ontológicos e éticos do ofício clínico assentado na compreensão do paciente a partir de um lugar paradoxal, lugar, portanto, fundamentalmente poético: entre espaços da intimidade e espaços de abertura, momentos de encontro e momentos de solidão, fronteiras nas quais a imagem pode eclodir, revelando a vocação do ser humano para a Poesia.

Palavras-chave: Bachelard; Winnicott; Fenomenologia clínica; Imaginação; Situação clínica.

Daniel França Stanchi

Psicólogo Clínico e Psicanalista. Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Professor do curso de Graduação em Psicologia da Universidade Centro de São Paulo, onde ministra a disciplina de Filosofia para graduandos em Psicologia. Coordenador do Espaço Ethos e Polifonia em São Paulo. CRP 06/103090.

E-mail: daniel.stanchi@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1510639571011864>

ORCID: 0000-0001-7299-8621

Raphaela de Jesus Correia

Psicóloga Clínica com Graduação em Psicologia pelo Centro Universitário das Américas com Iniciação Científica sobre a obra psicanalítica de Winnicott em diálogo com a Filosofia de

Michel Foucault. Realiza projeto de pesquisa de Mestrado sobre Psicologia, articulando Psicologia Clínica e contribuições da Literatura de Virginia Woolf. Estudante e pesquisadora do Espaço Ethos e Polifonia. CRP 06/180048.

E-mail: raphazcorreia@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5324890346910024>

3.4 A PSICOTERAPIA DE GRUPO HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PSICOTERAPEUTA INICIANTE

Karla Carneiro Romero (UNIFOR)

Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR)

Pamela Bérvely Cipriano Teixeira (UNIFOR)

A abordagem humanista-fenomenológica é um desdobramento contemporâneo do pensamento humanista rogeriano, com influências da psicopatologia fenomenológica de Binswanger, Tatossian e outros e fundamentada na fenomenologia merleau-pontyana. Compreende o sujeito em mútua constituição com o mundo onde homem-mundo estão entrelaçados. Assim, na clínica humanista-fenomenológica, psicoterapeuta e cliente são vistos atravessados pela mundaneidade, constituindo uma relação intersubjetiva. Na psicoterapia de grupo, os lebenswelten (mundo-vivido) de ambos (psicoterapeutas e participantes) são considerados. Cada participante pode compartilhar sua história, possibilitando o encontro de vivências que ora se entrecruzam e, por meio das trocas nesse espaço, processos de mudanças podem acontecer. Este trabalho é um recorte dos atendimentos realizados na clínica-escola da Universidade de Fortaleza nos meses de fevereiro e abril de 2024, facilitado por três estagiários, sob supervisão de uma professora-orientadora. O objetivo é relatar a experiência de uma das psicoterapeutas iniciantes na facilitação do grupo, destacando a percepção do processo grupal, a potencialidade do encontro consigo através do encontro com o outro e os desafios na facilitação dessa modalidade de intervenção clínica. O recrutamento dos participantes ocorreu a partir de entrevistas de triagem, onde 20 passaram a participar do grupo, com duração de duas horas semanais, seguido à elaboração da versão de sentido e supervisão coletiva. O instrumento utilizado para coleta de dados foram as 09 versões de sentido, uma escrita livre que possibilita captar os atravessamentos da relação psicoterapeuta-pacientes-mundo, analisadas a partir do método fenomenológico crítico. A partir da análise, nota-se que no processo grupal muitos participantes chegam desconectados de seu vivido, com dificuldades em nomear seus sentimentos e resistentes em mergulhar verdadeiramente em suas histórias e compartilhá-las com os demais integrantes. Nesta modalidade de intervenção clínica, os facilitadores adotam uma postura compreensiva e não julgadora, o que possibilita ao grupo se sentirem livres para se aprofundarem em suas experiências. Durante o processo, pouco a pouco cada um passa a se conectar com seus sentimentos e (re)avaliar seu funcionamento. As trocas intersubjetivas possibilitam aos pacientes acessar seu mundo-vivido e pensar em novas possibilidades de enfrentamento no aqui-agora, uma grande teia de sustentação é criada e novos movimentos podem acontecer. Considerando a ambiguidade da existência, onde num mesmo movimento, aquele que toca é também tocado, os psicoterapeutas também são atravessados em suas múltiplas singularidades, cabendo a cada um atentar-se no cuidado consigo para favorecer a facilitação grupal. Nessa conjectura, alguns desafios são vivenciados pela psicoterapeuta iniciante como questionamentos sobre como facilitar e como sustentar o contrato construído com o grupo. A escuta qualificada da professora-orientadora nas supervisões e o comprometimento dos membros facilitadores em aprimorar os estudos e em enriquecer as vivências pessoais foram fundamentais para oportunizar o encontro do grupo e de cada um consigo mesmo. Esse estudo possibilitou a ampliação da prática de facilitação de processos grupais, seus desafios e contribuições, bem como o impacto potencializador de mudanças ocasionados pelas trocas de experiências num espaço seguro e livre de preconceitos e a relevância de se trabalhar essa modalidade como proposta de atendimento.

Palavras-chave: Psicoterapia de grupo; Fenomenologia; Mundo-vivido; Psicologia.

Karla Carneiro Romero

Mestre em Psicologia pela UNIFOR. Formação em Psicoterapia Humanista Fenomenológica e Formação em Orientação Profissional. Especialista em Administração de RH e MBA em Gestão Empresarial. Graduada em Psicologia pela UNIFOR, onde atualmente atua como docente. Psicoterapeuta individual e de grupo, atua na clínica com Orientação Profissional e de Carreira. CRP 11/02747.

E-mail: karlacarneiropsi@gmail.com

Lattes: 1703556037876882

ORCID: 0000-0003-3015-9672

Lucas Guimarães Bloc

Doutor em Psicopatologia pela Paris VII. Diploma Universitário em Fenomenologia Psiquiátrica na Université de Nice. Formação em Psicoterapia Humanista-Fenomenológica. Graduado e Mestre em Psicologia pela UNIFOR, onde atualmente atua como docente na Pós-Graduação. Coordenador do APHETO. Membro do GT Psicologia e Fenomenologia da ANPEPP. Psicoterapeuta individual e de grupo. CRP 11/06231.

E-mail: blocpsi@unifor.br

Lattes: 7062553560038741

ORCID: 0000-0002-8528-131X

Pamela Bérvely Cipriano Teixeira

Graduanda em psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

E-mail: pamacademicaeprofissional@gmail.com

Lattes: 6821569373199126

ORCID: 0009-0004-3077-1997

3.5 ANOREXIA NERVOSA E ESQUEMA CORPORAL EM MERLEAU PONTY: O CASO DE TATIANA

Elvira Ribeiro Madeira (UNIFOR)

Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR)

Esta pesquisa tem como objetivo compreender os significados da experiência de corpo à luz da noção de esquema corporal na experiência de anorexia vivida por Tatiana. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso único. A discussão do caso desenvolveu-se a partir de um diálogo com a psicopatologia fenomenológica e a fenomenologia de Merleau Ponty. A coleta de dados foi realizada durante seis meses a partir dos atendimentos em psicoterapia individual e semanal em um Programa Interdisciplinar de Tratamento de Transtornos Alimentares. Foram utilizados os registros de sessões de psicoterapia. Tatiana possui IMC 13 (Descrito como desnutrição grave) e apresenta grau 3 de desnutrição, além de uma descrição de um intenso sofrimento relacionado à forma que experiência seu corpo extremamente magro e as relações intersubjetivas que decorrem deste existir enquanto corpo no mundo. A Anorexia Nervosa (AN) compreendida a partir das categorias nosológicas é caracterizada por um IMC muito baixo (<18) devido a restrição de ingesta calórica, associada ou não a comportamentos compensatórios, além de apresentar uma intensa preocupação com a forma corporal. Segundo a psicopatologia fenomenológica, a AN apresenta-se como um desequilíbrio na dialética entre o corpo sujeito e corpo objeto. O desequilíbrio desta dialética e a compreensão da noção de esquema corporal em MP que coloca esse corpo como uma forma de expressão no mundo que se dá em um tecido relacional que envolve o corpo, o mundo e os outros, nos ajuda a compreender alguns significados importantes da experiência de corpo de Tatiana. A paciente em sua vivência extrema de existir entre a vida e a morte desafia a compreensão do seu quadro para além da extensa privação de alimentos que impõe ao seu corpo. Em sua unidade de corpo sempre em relação com o mundo, Tatiana expressa seu modo de ser no mundo como corpo que demanda cuidados, olhares e tensões, e que afeta e mobiliza o mundo ao seu redor, seja a comunidade, a família ou a equipe que a cuida. Seu corpo é visto, avaliado, tocado, temido. Na medida em que compreendemos a experiência de Tatiana a partir de sua relação consigo, mas também como esta relação aparece com o outro, saímos de uma leitura de adoecimento no sujeito, para uma leitura deste sujeito no entrelaçamento com o mundo e o outro, buscando nesse entre, sentidos que podem ser preciosos para o entendimento do processo do sujeito e consequentemente para pensarmos em formas de cuidado. É a partir do conceito de esquema corporal que partimos para compreender o modo adoecido de ser no mundo de Tatiana, em sua relação dialética entre o corpo que vive e que possui, engessados, sem movimento. Concluímos que o conceito de esquema corporal em MP pode auxiliar grandemente a clínica psicológica na compreensão de experiências limites de sujeitos que experienciam o diagnóstico de anorexia grave e que necessitam de uma amplitude de significações e compreensões que ultrapassem a nosologia classificatória.

Palavras-chave: Anorexia Nervosa; Corpo; Fenomenologia.

Elvira Ribeiro Madeira

Psicóloga e Psicoterapeuta, possui formação em Clínica Humanista Fenomenológica, Profissional colaboradora do PRONUTRA (Programa de tratamento em Transtornos Alimentares), Mestranda do Programa de Pós Graduação da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) - Integrante laboratório Apheto - Pesquisa sobre Mulheres adultas com TDAH. Estudo financiado com Bolsa PROBIC pela Universidade de Fortaleza. CRP 11/19504.

E-mail: elvira.madeira@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5789821989448202>
ORCID: 0009-0002-5522-686X

Lucas Guimarães Bloc

Doutor em Psicopatologia na Université Paris Diderot - Paris VII (2014-2018). Diploma Universitário em Fenomenologia Psiquiátrica na Université de Nice (2015-2016). Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Coordenador do APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR. Possui formação em Psicoterapia Humanista-Fenomenológica. CRP 11/06231.

E-mail: bloclucas@gmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7062553560038741>
ORCID: 0000-0002-8528-131X

3.6 AS CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY PARA A EXPERIÊNCIA DO USO E ABUSO DE SUBSTÂNCIAS QUÍMICAS

Sofia Cruz Mendes de Abreu (UNIFOR)

Juliana Lima de Araújo (UNIFOR)

Esta pesquisa tem como proposição central compreender o campo das dependências químicas na contemporaneidade, sob a perspectiva da Fenomenologia existencial de Merleau-Ponty, objetivando identificar suas contribuições para o campo científico do uso e abuso de substâncias. Para tanto, essas contribuições serão delineadas por meio da investigação dos principais escopos teóricos da dependência química à luz dos pressupostos da fenomenologia de Merleau-Ponty, como aporte teórico-filosófico da pesquisa. O consumo de álcool e de medicamentos psicotrópicos alcança números de extrema expressividade e nocividade, considerando os aspectos sociais, culturais e econômicos na contemporaneidade. A atual fase de intensa produção capitalista, exacerbação de consumo e desigualdades intrínsecas ao sistema atual, tais como: exclusão, desintegração e desamparo, soam como uma fórmula essencial às questões expostas acima. Por essa ótica, reconhece-se a relevância da sustentação teórica da fenomenologia e suas contribuições ao campo de estudo que compreende o uso abusivo de substâncias químicas pois, uma das maiores contribuições do pensamento fenomenológico é a constatação de que não podemos estudar e compreender o homem da mesma forma como o fazemos com outros seres e objetos. Em adição a isto, apresentamos uma pesquisa realizada em bases de dados científicas a fim de aumentar o material a ser discutido no presente estudo. Como critério inclusivo, foram eleitas publicações latino-americanas nas bases de dados a seguir: Scientific Electronic Library Online (SciELO) e a Google Scholar. Para tanto, foram empregados os seguintes descritores: “Abuso de substâncias químicas OR Dependência química OR Drogas ilícitas OR Transtornos relacionados ao uso de substâncias AND Fenomenologia Existencial OR Merleau-Ponty”. A partir da análise nas bases de dados, no período de 2019 até o ano de 2024, entrelaçado com a noção de Corpo na obra “A Fenomenologia da Percepção” de Merleau Ponty, o mais notório que surgiu neste estudo foi como o caráter do viés proibicionista de tratamento é ultrapassado e a redução de danos mais eficaz a respeito do uso e abuso de substâncias químicas, a importância de vínculos afetivos para o tratamento do uso abusivo de substâncias quanto a um tratamento alternativo de transtornos, principalmente ansiedade e depressão, tem crescido e requer atenção. Concluiu-se na pesquisa, a falta de preparação e capacitação dos profissionais da área da saúde na rede pública para com o tratamento do uso abusivo de substâncias químicas, assim como o desamparo familiar no processo de recuperação do uso abusivo de substâncias e a necessidade de mais pesquisas acerca desta temática. Além disso, os pressupostos da filosofia de Merleau Ponty, e principalmente da concepção do Corpo em sua obra “A Fenomenologia da Percepção” dialoga com o campo científico atual da experiência do uso e abuso de substâncias químicas, assim como a sua percepção e seu impacto corpóreo no ser humano.

Palavras-chave: Fenomenologia Existencial; Merleau-Ponty; Abuso de Substâncias Químicas.

Sofia Cruz Mendes de Abreu

Graduanda em Psicologia pela Universidade de Fortaleza-UNIFOR; Iniciante científica vinculada ao APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica; – Fortaleza - CE, Brasil. Aluna da Formação da Prof. Virgínia Moreira em Humanismo Fenomenológico. Organizadora do VI Colóquio Internacional sobre a Clínica Humanista Fenomenológica. Experiência em estudos do Humanismo Fenomenológico.

E-mail: psi.sofia.abreu@gmail.com
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7737930145213156>
ORCID: 0009-0000-2594-7573

Juliana Lima de Araújo

Doutora em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) com bolsa de pesquisa FUNCAP. Graduada em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Psicóloga clínica com formação clínica em Psicoterapia Humanista-Fenomenológica. Professora no curso de Psicologia na Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Pesquisadora do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica (APHETO), Fortaleza/CE, Brasil. CRP 11/05915.

E-mail: julianalima@unifor.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4227445359967278>
ORCID: 0000-0002-5174-4398

3.7 COMPREENDENDO OS “EMBOLADOS” DE CARLOS: ESTUDO DE CASO CLÍNICO SOB A LENTE HUMANISTA FENOMENOLÓGICA

Alice Maria Timbó Mororó (UNIFOR)

Karla Carneiro Romero (UNIFOR)

Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR)

Pamela Bérvely Cipriano Teixeira (UNIFOR)

Este trabalho desenvolvido por uma psicoterapeuta iniciante, na prática de estágio clínico I, na clínica-escola da Universidade de Fortaleza, tem como objetivo apresentar, sob a lente humanista-fenomenológica, os “embolados” da existência de Carlos - dificuldade de comunicação e não clarificação dos sentimentos - a partir de uma compreensão mundana do sujeito, na Fenomenologia da ambiguidade de Merleau-Ponty e apontar possíveis contribuições da psicoterapia ao processo de apropriação de si. Os atendimentos aconteceram entre os meses de agosto e dezembro de 2023. Foram realizados 14 atendimentos individuais, com duração de 50 minutos semanalmente, de forma presencial, sendo produzidos ao término de cada sessão, versões de sentido como via de acesso à experiência intersubjetiva da relação, seguido de supervisão em grupo com a professora-orientadora e colegas de estágio da mesma turma. Para a presente pesquisa, foram utilizadas como instrumento de coleta de dados 14 versões de sentido, analisadas por meio do método fenomenológico crítico. O paciente em questão é Carlos (nome fictício), 25 anos, solteiro, ensino médio completo, filho único, mora com a mãe. Buscou atendimento psicológico com a queixa de não conseguir um emprego, pois nas entrevistas fica engasgado e gaguejando. Nas sessões, sua fala traz o incômodo com a situação, em contrapartida, não é percebido uma apropriação da real necessidade e significado para si do que é estar nesse lugar. Existia uma desconexão consigo mesmo e dificuldades em descrever o que sente e como sente, nas múltiplas relações estabelecidas com o meio. Carlos apresenta uma fala embolada (dificuldade na vocalização das palavras), atravessados pela dificuldade em entrar em contato com o que sente e nomeá-los. Numa perspectiva merleau-pontyana, o corpo se expressa e atravessa seu vivido, por ser imbricado no mundo. A partir de uma compreensão global, o embolado não é um fato isolado, comunica algo sobre si e na relação clínica é fundamental considerá-lo empaticamente. As intervenções fenomenológicas de descrição, redução fenomenológica, fala autêntica, ver e ouvir fenomenológico e intuição eidética embasaram os atendimentos e favoreceram o contato com a experiência singular do paciente, oportunizando a ele entrar em contato com sua própria história e caminhar à uma apropriação de si. No decorrer do processo psicoterápico, o cliente se mostrou mais ativo e implicado no desenvolvimento de habilidades interpessoais, enfrentando os medos de conhecer novas pessoas e sentir-se constrangido. Ele começou a conseguir identificar alguns sentimentos e descrevê-los com mais consciência sobre como se sente. Além disso, no final dos atendimentos, se mostrou disposto a iniciar um processo de psicoterapia de grupo, um espaço que pode ajudar no desenvolvimento de habilidades sociais e (re)conexão consigo através das trocas no grupo. Este estudo possibilitou a ampliação do olhar clínico ao sentido da experiência vivida para o sujeito enraizado no mundo, não se limitando às causalidades dos acontecimentos e experienciar a prática clínica fenomenológica e suas possíveis contribuições, a partir da relação intersubjetiva paciente-psicoterapeuta-mundo.

Palavras-chave: Psicoterapia; Clínica Humanista-Fenomenológico; Estudo de Caso; Psicologia Clínica.

Alice Maria Timbó Mororó

Graduanda em psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

E-mail: alicemariatmm@gmail.com

Lattes: 9702350203533688

ORCID: 0009-0004-3192-7578

Karla Carneiro Romero

Mestre em Psicologia pela UNIFOR. Formação em Psicoterapia Humanista Fenomenológica e Formação em Orientação Profissional. Especialista em Administração de RH e MBA em Gestão Empresarial. Graduada em Psicologia pela UNIFOR, onde atualmente atua como docente. Psicoterapeuta individual e de grupo, atua na clínica com Orientação Profissional e de Carreira. CRP 11/02747.

E-mail: karlacarneiropsi@gmail.com

Lattes: 1703556037876882

ORCID: 0000-0003-3015-9672

Lucas Guimarães Bloc

Doutor em Psicopatologia pela Paris VII. Diploma Universitário em Fenomenologia Psiquiátrica na Université de Nice. Formação em Psicoterapia Humanista-Fenomenológica. Graduado e Mestre em Psicologia pela UNIFOR, onde atualmente atua como docente na Pós-Graduação. Coordenador do APHETO. Membro do GT Psicologia e Fenomenologia da ANPEPP. Psicoterapeuta individual e de grupo. CRP 11/06231.

E-mail: blocpsi@unifor.br

Lattes: 7062553560038741

ORCID: 0000-0002-8528-131X

Pamela Bérvely Cipriano Teixeira

Graduanda em psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

E-mail: pamacademicaeprofissional@gmail.com

Lattes: 6821569373199126

ORCID: 0009-0004-3077-1997

3.8 CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY PARA O PLANTÃO PSICOLÓGICO

Francisco Luan de Souza Carvalho (UNIFOR)

Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR)

O Plantão Psicológico é uma modalidade de atendimento de curta duração que tem como foco acolher a pessoa no momento da urgência psicológica ou o mais próximo possível a isso. Apesar de ter suas raízes epistemológicas e sistemáticas na Abordagem Centrada na Pessoa, de Carl Rogers, seu desenvolvimento no Brasil vem possibilitando a atuação em outras abordagens psicológicas, principalmente naquelas de cunho fenomenológico-existencial. Este trabalho tem como objetivo discutir as contribuições da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty para a prática do Plantão Psicológico com adolescentes e adultos em situações de urgência psicológica. Discutiremos, inicialmente, alguns fundamentos da prática clínica do plantão psicológico sob o viés fenomenológico, tal como a possibilidade de uma lente ambígua e mundana na clínica. Esta compreensão viabiliza um olhar crítico sobre o mundo vivido (Lebenswelt), recusando a centralidade sobre o indivíduo ao compreendê-lo em seu radical “atolamento no mundo”. Em seguida, descreveremos a experiência de Plantão Psicológica desenvolvida em um Serviço de Psicologia Aplicada que teve a duração de cinco meses, acontecendo uma vez por semana, disponibilizando entre seis e sete vagas distribuídas para atendimentos por um grupo de cinco estagiários e um plantonista voluntário. Os atendimentos eram de encontro único e o olhar clínico e de supervisão aconteciam sustentados na fenomenologia clínica, trabalhando durante o processo intervenções fenomenológicas como: descrição fenomenológica, redução fenomenológica, intuição eidética e a busca pela compreensão do Lebenswelt da pessoa em crise. As supervisões aconteciam logo após cada atendimento, utilizando também a versão de sentido como instrumento fenomenológico para uma melhor compreensão dessa experiência por parte dos plantonistas. No projeto em questão, desenvolvemos uma atuação clínica Humanista-Fenomenológica, nos embasando em atitudes fenomenológicas tanto para os atendimentos quanto para as supervisões. Concluímos com a compreensão de que houve nesse serviço uma priorização de um olhar crítico e mundano para a urgência psicológica no Plantão por meio da Fenomenologia de Merleau-Ponty, com atendimentos que aconteceram sem tempo determinado, mas percebendo essa prática como uma via de desvelamento da experiência e de sua compreensão no momento presente, percebendo o movimento existencial e de busca por essa ajuda atravessado pela urgência por uma escuta e acolhimento.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; Merleau-Ponty; Urgência.

Francisco Luan de Souza Carvalho

Mestre e Doutorando em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza-UNIFOR; Psicólogo e pesquisador vinculado ao APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR; Professor do curso de Psicologia do Centro Universitário Ateneu e do Instituto Fratelli – Fortaleza - CE, Brasil. CRP: 11/16560.

E-mail: luan-smsb@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0595523817731163>

ORCID: 0000-0002-2089-2611

Lucas Guimarães Bloc

Doutor em Psicopatologia na Université Paris Diderot - Paris VII, com bolsa Capes de Doutorado Pleno no Exterior; Psicólogo pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR. Mestre em Psicologia – UNIFOR; Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR. Coordenador do APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR. Pós-doutorado em Psicologia pela UNIFOR – Fortaleza - CE, Brasil. CRP: 11/06231.

E-mail: blocpsi@unifor.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7062553560038741>

ORCID: 0000-0002-8528-131X

3.9 CORPO, MÍDIA E A EXPERIÊNCIA DE SER ADOLESCENTE: ENTRELAÇAMENTOS SOB A LENTE DE MERLEAU-PONTY

Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR)

Nayana Leão e Silva de Castro (UNIFOR)

Atualmente, existe uma tendência global de valorização de corpos magros e atléticos, o que pode levar a uma homogeneização da beleza e à exclusão de corpos que não se enquadram nesse padrão. Juntamente com o fato do uso e da influência de redes sociais na internet serem fenômenos relativamente recentes, observamos novos desdobramentos na experiência de ser adolescente: novos modos de pensar, se expressar e agir no mundo. A busca por um corpo considerado ideal leva, muitas vezes, os adolescentes a adotarem comportamentos alimentares prejudiciais. A preocupação excessiva com o peso e a forma corporal pode levar a dietas restritivas, uso de substâncias para emagrecer e até mesmo transtornos alimentares. A filosofia de Merleau-Ponty se apresenta como fonte de compreensão sobre o corpo e, assim, como possibilidade de discutirmos sobre a experiência mundana de ser adolescente que é atravessada por um cenário midiático. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo discutir, através de uma revisão de literatura, os aspectos socioculturais e fenomenológicos do corpo e suas possíveis implicações na experiência de ser adolescente. A filosofia de Merleau-Ponty enfatiza amplamente a experiência do corpo em seu caráter perceptivo e sensível compreendendo o corpo não como objeto, mas como o meio através do qual nos relacionamos com o mundo. Desse modo, no primeiro momento, apresentamos a fenomenologia do corpo, destacando a contribuição da filosofia merleau-pontyana para a superação da perspectiva dualista que divide o homem em corpo e alma. Em seguida, abordamos a noção de esquema corporal como reveladora da arquitetônica da corporeidade e como unidade do corpo, sempre em relação com o mundo, vivida em um espaço de experiência, sendo uma condição de abertura original ao mundo, polarizada pela relação com os outros. Então, discorreremos sobre a noção de carne (chair) como via de aprofundamento da compreensão da experiência corporal na relação com o mundo e como possibilita para compreender os modos de existência de ser adolescente, através do entendimento de (co)existência no mundo e (co)pertencimento. Por último, apresentamos algumas reflexões sobre o fenômeno do espelho e uma analogia com o cenário midiático presente no contexto contemporâneo, com suas possíveis implicações na experiência de ser adolescente. Concluímos, que é de suma importância que psicólogos se envolvam em práticas de promoção à saúde com adolescentes, visando à prevenção e à redução da vulnerabilidade diante dos desafios de ser adolescente. Dessa maneira, é fundamental entender o (des)equilíbrio entre ser e ter um corpo.

Palavras-chave: Fenomenologia; Merleau-Ponty; Corpo, Adolescência; Mídia.

Lucas Guimarães Bloc

Doutor em Psicopatologia na Université Paris Diderot - Paris VII. Graduado e mestre em Psicologia pela UNIFOR. Professor efetivo do curso de Psicologia. Coordenador do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO) do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR. CRP 11/06231.

E-mail: blocpsi@unifor.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7062553560038741>

ORCID: ? 0000-0002-8528-131X

Nayana Leão e Silva de Castro

Graduada em Psicologia (UNIFOR) e em Pedagogia (UECE). Mestranda pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia (UNIFOR). Participante do Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO).

E-mail: nayana.leao3@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7018159110439441>

3.10 DASEIN, COTIDIANIDADE E ANGÚSTIA

Jamily Fernandes Rodrigues (FIB)

João Paulo Martins (UNESP/FIB)

Este trabalho pretende expor prismas que envolvem a angústia como possibilidade de abertura e compreensão. Considera os desdobramentos ontológicos da cotidianidade numa ótica fenomenológico-existencial. As apropriações conceituais se encontram em um mundo pré-determinado e ordenado, ou seja, na medida em que há a possibilidade de compreensão ou interpretação acerca do mundo e dos outros, há sempre articulações dadas. Nesta perspectiva, entende-se que a autenticidade demarca um horizonte onde as pessoas acreditam que sermos autênticos é sermos felizes e, às vezes, a autenticidade é um modo de existência onde há sofrimento. Nesta linha de raciocínio, as reflexões heideggerianas consideram a ruptura do cotidiano possibilitada pelos estados de ânimo, neste caso, a angústia. Deste modo, Heidegger afirma que o questionamento sobre aquilo em que está imerso é o afinamento para uma relação mais livre com aquilo que se apresenta. Então, pensando sobre a angústia como um modo de existência, é interessante compreendê-la como possibilidade que se desdobra em horizontes diversos de modos particulares, que conduzem a um estilo próprio, e que são desvelados pela intencionalidade. Em relação ao modo de abertura, é a angústia que desvela as estruturas mais originárias e constitutivas da existência. A angústia como *befindlichkeit* aponta nosso modo mais básico de existência através dos afetos e, a maneira como somos afetados, *stimmung*, é um modo determinado de sentirmos, indicando sempre modos particulares de aberturas (OLIVEIRA, 2006). Assim, a existência naturalmente dada é contínua, em um sentido onde pessoas vivem modelos exuberantemente esgotantes de extrema produção em ambiente de trabalho, implica no fechamento de aberturas de experiências significativas. A cotidianidade do Dasein, então, é recheada de fenômenos de ocupação e desvelamento de afeto e, uma vez angustiado, o Dasein se afasta de suas preocupações. Vivendo em suas ocupações, um ou vários afetos são manifestados, tornando as ocupações irrelevantes. Sem a disposição que abre sentido para as vivências, o ente fica diante de si mesmo, tendo a possibilidade da revelação de sua existência. Todavia, um ente disposto aos moldes de produção excessiva relaciona o estresse do ambiente de trabalho a uma existência inibida diante de vivências significativas, sintonizando fenômenos onde a angústia é desvelada. Não obstante, um dasein, em seu modo de existência imediatamente dado, adquire hábitos, integrando-os aos seus esquemas corporais e gestuais, desenhando um estilo e sendo esse corpo dotado de adaptações ocupacionais. Contudo, a cotidianidade epistemológica fez-se necessária para o desenvolvimento da reflexão presente na pesquisa, onde a análise aconteceu em um sentido de participação e compreensão da angústia como uma disposição dada, tendo em vista que é um modo de existência. É importante que as pessoas tenham espaço para a angústia, entendendo o que é obscurecido. Em um sentido onde a rotina aparece como fenômeno de ocupação excessiva, ocorre certo velamento, uma vez que o sofrimento é considerado um aspecto negativo de maneira ontológica. Assim, as relações como um todo aparecem de formas intransponíveis, não sendo passíveis de determinação, e são através das manifestações de nossas redes dispositivas que remetem ao que é mais próprio da cotidianidade.

Palavras-chave: Cotidiano; Angústia; Existência.

Jamily Fernandes Rodrigues

Discente em Psicologia nas Faculdades Integradas de Bauru.

E-mail: jamily_f.r@hotmail.com

João Paulo Martins

Psicólogo, Especialista em Clínica Fenomenológica (Instituto Dasein), Mestre em Filosofia, com ênfase em filosofia da mente, lógica e epistemologia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP campus Marília, Doutorando em Psicologia pelo programa de pós-graduação em Psicologia e Aprendizagem pela Universidade Estadual Paulista – UNESP campus Bauru. Docente das Faculdades Integradas de Bauru e da Faculdade Eduvale de Avaré. CRP: 06/118699.

E-mail: joao.martins.psi@gmail.com

3.11 ENTRE A DOR E A SUPERAÇÃO: LUTO MATERNO E O PAPEL DOS FILHOS VIVOS

Guilherme Martinez (ISPA-IU)

Victor Amorim Rodrigues (SPPE/ISPA)

No desenvolvimento humano, em todo o ciclo de vida, a morte é o último estágio de desenvolvimento. O luto pode ser definido como um processamento de reação à perda de um ente querido, evocando nos enlutados, a sua própria condição humana, a sua finitude e toda a inevitabilidade que é a morte. Mais precisamente sobre o luto materno, é considerada uma experiência profundamente dolorosa e complexa, que tem sido amplamente estudada na literatura psicológica. Vulgarmente conhecida como a morte “contranatura”, este tipo de luto é caracterizado por um intenso sofrimento emocional, que pode impactar significativamente a saúde mental e física da mãe. A literatura destaca o impacto do luto na dinâmica familiar, mostrando que o luto materno pode desestabilizar a família, afetando todos os membros. O papel dos irmãos neste tipo de luto é um aspeto relevante, na medida em que, podem oferecer suporte emocional à mãe, ajudando-a a lidar com a dor da perda, através de várias maneiras. Esta investigação tem como objetivo explorar as dinâmicas complexas do luto materno e o papel dos irmãos através de uma análise qualitativa fenomenológica interpretativa (IPA). Pretende-se, desta forma, entender como as mães vivenciam o luto após a perda de um filho e identificar as estratégias de suporte e mudanças da relação com os restantes filhos vivos. Deste estudo fazem parte oito mulheres portuguesas, em luto pela perda de um filho. Como parte dos critérios de inclusão, as progenitoras tinham de ter passado pela experiência da perda e ter ainda um ou mais filhos vivos. A idade dos filhos bem como o tempo de falecimento não fazem parte dos critérios de inclusão. Esta pesquisa seguiu uma metodologia qualitativa por meio de entrevistas semiestruturadas com um conjunto de perguntas pré-estabelecidas e programadas. As transcrições foram analisadas por meio do processo da Análise Interpretativa Fenomenológica (IPA). Decidiu-se utilizar este processo visto que um dos objetivos primordiais desta investigação é de analisar a experiência individual das progenitoras, logo, este tipo de metodologia possibilita uma interpretação da experiência, em busca de significados. Através dos resultados obtidos, foi possível ter uma visão mais ampliada sobre a forma única como os irmãos contribuem no processo de luto das mães e de toda a experiência subjacente de perda materna. Foram identificados cerca de seis temas principais, com várias subtemáticas subjacentes: (1) transformação do dasein, visão de ser-no-mundo, papel materno e estado de alienação; (2) singularidade e individualidade de cada filho; (3) intersubjetividade do luto, proteção emocional e dor dupla - impacto na família e controlo da narrativa; (4) medo da morte dos outros filhos; (5) busca pela continuidade simbólica do filho falecido e (6) filhos como fonte de propósito, força, significado. As conclusões apresentadas podem ter implicações significativas na abordagem do luto materno em psicoterapia, bem como no investimento da relação dos irmãos com as mães durante esta experiência. Esta pesquisa permitiu igualmente destacar que a experiência do luto materno vai além da perda individual, reforçando o lado mais relacional deste tipo de luto.

Palavras-chave: Luto Materno; Papel dos Irmãos; Qualitativo; Experiência de Luto; Apoio Psicológico.

Guilherme Martinez

Estudante de 5º ano de Mestrado em Psicologia Clínica no ISPA-IU, em Lisboa. Formação de 3 anos de licenciatura mais 2 de mestrado, em regime de mestrado integrado.

E-mail: guilherme.martinez4@gmail.com

Victor Amorim Rodrigues

Orientador da investigação – Professor do ISPA-IU. Médico psiquiatra e psicoterapeuta. Docente do ISPA- Instituto Universitário. Presidente da Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial. Presidente do capítulo português da International Association of Relational Psychoanalysis and Psychotherapy. Diretor Clínico da Clinic of Change em Lisboa.

E-mail: vitoramorimrodrigues43@gmail.com

ORCID: 0000-0001-7721-235X

3.12 ENVELHECIMENTO DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS NO BRASIL: COMPREENSÃO DAS VIVÊNCIAS DAS PERDAS E LUTOS

Ana Carolina Ferreira Castanho (UNIP)

Maria Goretti Alves Moreira (UNIP)

Márcia Helena Archilha Rani (UNIP)

Lilian Cláudia Ulian Junqueira (UNIP)

As percepções do processo do envelhecimento podem ser apreendidas observando a sociedade e seus valores, dado que a forma como os idosos são tratados está intimamente relacionada à cultura e a época em que estão inseridos em uma sociedade. A Psicologia vem contribuir para o entendimento do processo de envelhecimento ativo nos estudos recentes, destaca entre outros pontos, o deslocamento do olhar para a finitude prescritiva do homem, seus conflitos e os seus diversos lutos por perdas previstas ao longo da vida, sejam essas perdas de pessoas ou situações nas relações estabelecidas. O modo como lidamos com essas situações quando a dicotomia entre a dependência e a autonomia já estão presentes, ou seja, na velhice, deve ser levado em conta que temos uma sociedade que cada vez mais delega os cuidados de seus idosos às instituições de longa permanência no Brasil denominadas ILPIS. Esta pesquisa qualitativa, exploratória buscou compreender como é o processo do envelhecimento na nossa sociedade atual através da historiobiografia dos idosos com foco na investigação da vivência do luto e das perdas ao longo do envelhecimento. A pesquisa consistiu na investigação das vivências dos idosos de duas instituições de abrigamento de uma cidade do interior do Estado de São Paulo, localizado no Brasil, sendo uma pública e outra privada. O corpus de análise contou com 11 participantes que responderam uma entrevista semiestruturada. Foi realizada a análise fenomenológica das entrevistas e construídas as seguintes categorias que envolveram dois eixos sendo: A) processo de envelhecimento e sua reconstrução de vida e B) Processo de Luto e o enfrentamento das diferentes perdas. Os resultados versaram sobre o envelhecimento ser um momento possível de elaborar as perdas, sendo as categorias descritas como: cuidado à saúde por toda a vida, cultivo das amizades, amparo psicológico, atividades conjuntas na instituição como uma escola do envelhecer. Referente às vivências de perdas, seguem as categorias: a perda dos pais, perda do trabalho seja por aposentadoria ou adoecimento, perda da autonomia corporal e social ocasionada pela aposentadoria precoce e perdas relacionais sendo por morte ou divórcio do cônjuge. Com esta pesquisa, também foram encontradas evidências diferentes para instituições públicas e privadas de abrigamento. Os idosos de instituições privadas tiveram menos amparo psíquico referente às vivências de perdas, mesmo que a instituição disponha de equipe mínima, o que dificultou eles entenderem algumas das principais dificuldades do processo do envelhecimento na nossa sociedade, mostrando-se mais vulneráveis ao cotidiano e relações vinculares. Os idosos das instituições públicas revelaram suas perdas em aprendizado e apresentaram melhores condições de enfrentamento das adversidades advindas dos agravos da saúde. A atual pesquisa trouxe evidências importantes ao compreender a historiobiografia desses idosos, em que a vivência que os idosos tem das possíveis perdas e seus modos de enfrentamento dos agravos tenham qualidade de vida. As crises esperadas pelo envelhecimento, mostraram como a Psicologia pode contribuir para que o envelhecimento e os processos de luto ao possibilitar a escuta ativa, apresentaram respostas significativas na elaboração das perdas vividas ao longo do tempo, traduzindo uma passagem significativa e menos solitária.

Palavras-chave: Envelhecimento; Luto; Historiobiografia, Instituições de longa permanência.

Ana Carolina Ferreira Castanho

Professora Titular do Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental da Universidade Paulista UNIP, SP - Brasil. Psicóloga clínica CRP – SP 06/77171. Doutora em Ciências, na área de Enfermagem Psiquiátrica, pela Escola de Enfermagem - Universidade de São Paulo USP - Ribeirão Preto. CRP 06/77171.

E-mail: ana.castanho@docente.unip.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9043519461458469>

ORCID: 000-0002-3162-5957

Maria Goretti Alves Moreira

Graduanda do Curso de Psicologia, aluna de Iniciação Científica da Universidade Paulista (UNIP).

E-mail: mariagorettialvesmoreira@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2711823360669372>

ORCID: 0009-0001-8854-3266

Márcia Helena Archilha Rani

Graduanda do Curso de Psicologia, aluna de Iniciação Científica da Universidade Paulista (UNIP).

E-mail: marcia.ha.rani@gmail.com

ORCID: 0009-0009-85325923

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8035621829364818>

Lilian Cláudia Ulian Junqueira

Professora Titular do Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental da Universidade Paulista UNIP, SP - Brasil. Psicóloga clínica CRP - SP 06/78190. Doutora em Ciências, na área de Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo FFCLRP- USP. CRP 06/78190.

E-mail: lilian.junqueira@docente.unip.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5795121881110384>

ORCID: 0000-0001-5052-8530

3.13 GRUPO DE ACOLHIMENTO ONLINE AOS ENLUTADOS: ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DAS NARRATIVAS E RITUAIS DE LUTO

Laiane Paula Andreoleti (UNIP)

Lilian Cláudia Ulian Junqueira (UNIP)

Os serviços funerários vêm se preocupando com a demanda de cuidado aos enlutados enquanto processo de finitude que envolvem diferentes prismas: o envelhecer e o luto antecipatório dos clientes, os cuidados com o luto imediato durante o ritual de velório, e os cuidados pós-luto com os familiares enlutados por meio do acolhimento em grupo online, com especial atenção aos cuidados com os rituais de luto. O relato descreve a experiência do grupo no acompanhamento quinzenal aos enlutados em encontros abertos via plataforma Zoom. O grupo também contou com apoio de alunas estagiárias e voluntárias no acolhimento via grupo de WhatsApp em escuta ativa das narrativas subsequentes ao grupo, em que versaram sobre a escuta e o pertencimento ao sofrimento, bem como a partilha de diferentes rituais de luto. Utilizou-se um método de estudo descritivo, de abordagem qualitativa, com enfoque na Psicologia fenomenológico-existencial, baseado no relato de experiência, com embasamento metodológico fenomenológico na Versão de Sentido. Esta pesquisa visou compreender as narrativas e os rituais de luto realizados pelos enlutados. Apoiada no referencial teórico e metodológico da Psicologia fenomenológico-existencial. A coleta de dados foi realizada no grupo de apoio, sendo realizadas transcrições das vivências. Como resultados preliminares do primeiro semestre de 2024, participaram ativamente cerca de 25 pessoas por grupo e se mantiveram até o final de duas horas de encontro online. Os enlutados receberam um suporte pontual dos próprios integrantes e das terapeutas, formando um laço humano contínuo, configurando uma rede de cuidados com postagens posteriores de acolhimento no grupo criado no aplicativo WhatsApp para comunicação entre os participantes e suporte entre as reuniões, e quando necessário encaminhamento para seguimento individual na rede de saúde ou serviços conveniados na cidade. Os rituais de luto foram construídos por cada participante em razão de sua proximidade afetiva com o ente querido perdido, sendo eles: tomar café na xícara do ente; cheirar as roupas das pessoas; realizar um passeio que contenha o sabor afetivo; escrever uma poesia para a pessoa; cantar uma música que lembre a pessoa querida; voltar ao projeto profissional que era expectativa e iniciar novos projetos pessoais. O luto materno foi o mais difícil de ser narrado, os participantes expressaram muitas pausas e momentos de choros durante a reunião, revelando a dor de mais difícil manejo pelo grupo. O sentimento de saudades foi partilhado por todos como tendo habitado ao amor, ficaria o vínculo. O grupo mostrou-se como uma experiência importante na ventilação da dor e alívio do sofrimento, compartilhando o apoio mútuo e a instilação de esperança nos encontros online. Os resultados foram relevantes ao reinventar práticas de acolhimento ao luto e seus rituais, oportunizando a expressão e integração dos afetos, minimizando riscos à saúde mental tais como relata a literatura: depressão, estresse pós-traumático, ansiedade, incapacidades laborais e isolamento social, podendo evitar riscos de desistência da própria vida. Não houve até o momento enfoque nestas temáticas, sendo o grupo configurado com sua identidade de apoio e abrigo das perdas, em tempos que a dor vem sendo evitada escuta e visibilidade em nossa sociedade moderna.

Palavras-chave: Enlutados; Grupo de Acolhimento; Rituais de Luto; Fenomenologia; Atendimento Online.

Laiane Paula Andreoleti

Psicóloga, Mestranda do Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental da Universidade Paulista – UNIP. Financiamento de Instituição parceira em acolhimento ao Luto “Rede Ideal” cuidados funerários. CRP 06/167219.

E-mail: laianepalima@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9503991638672439>

ORCID: 0009-0009-9376-4707

Lilian Cláudia Ulian Junqueira

Professora Titular do Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental da Universidade Paulista - UNIP, SP - Brasil. Psicóloga clínica. Doutora em Ciências, na área de Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo FFCLRP- USP. Financiamento de Instituição parceira em acolhimento ao Luto “Rede Ideal” cuidados funerários. CRP 06/78190.

E-mail: lilian.junqueira@docente.unip.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5795121881110384>

ORCID: 0000-0001-5052-8530

3.14 INFLUÊNCIA MIDIÁTICA NA CONSTRUÇÃO DA BELEZA: UMA VISÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

Lucas da Silva Santos Costa (UV)

Thaís Leite Reis (UGB)

Thayna Cristine Portilho Afonso (UV)

O trabalho busca conhecer a influência de um modelo padronizado de beleza na constituição do sujeito e analisar como a mídia impõe uma verdade universal sobre o corpo e interfere na vida singular em seus modos de sentir, pensar e agir. Colocando em pauta, o quanto a exagerada propagação de conteúdos estéticos proporciona o surgimento de uma beleza moldada, a qual muitas vezes impulsiona o sujeito a se encaixar nesses modelos, movido na maioria das vezes, pela busca da aceitação social. Contextualizar as noções históricas de padrões de beleza é fundamental para a reflexão proposta nesse estudo, discorrendo sobre o surgimento da ditadura da beleza, conceito recentemente criado e que problematiza a dinâmica de imposições de padrões que devem ser seguidos para determinada aceitação social. Relevante também é abordar as possibilidades advindas da internet, através das mídias sociais, que fixam determinados padrões a serem aceitos por seus seguidores, com isso desempenhando um papel importantíssimo no processo de padronização estética, isso porque no contexto histórico atual elas se tornaram um meio influenciador e propagador desses modelos. Utiliza-se a visão fenomenológica-existencial a partir da teoria do filósofo francês Jean-Paul Sartre, focando no modo como o homem se insere e se posiciona frente à realidade da ditadura da beleza. Para tal, abordam-se os conceitos de noção de corpo, constituição do homem, a forma como ele se relaciona com o mundo e a liberdade. O estudo se divide em quatro partes principais. Na primeira, é exposto um breve histórico sobre a beleza e a construção de padrões em diferentes épocas. Na segunda, conceitua-se “ditadura da beleza”, explanando como esse conceito impera na atualidade. Na terceira parte, apresenta-se a influência das mídias sociais e o seu caráter facilitador na propagação dos padrões. Na quarta parte, por meio da fenomenologia existencial baseada em Jean-Paul Sartre, desenvolve-se acerca das noções sobre a constituição do homem, seu corpo e sua existência sendo liberdade. Empregou-se a metodologia de revisão bibliográfica, utilizando como fontes principais livros e artigos científicos, que permitiram a conceituação e colocação de saberes de diferentes áreas, como história, psicologia, medicina e filosofia. Os materiais utilizados foram, em sua maior parte, extraídos de bases de dados online de revistas reconhecidas, também foram utilizados livros autorais de Jean-Paul Sartre, principalmente a sua obra “O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica”, e outros escritos baseados e fundamentados em suas teorias. No final do estudo, ficou claro o quanto a ditadura da beleza opera sobre o sujeito, utilizando como ferramenta de propagação o poder midiático, ressaltando que o homem, sendo liberdade, possui a escolha de se inserir ou não nessa busca constante por se encaixar nos padrões, porém vale lembrar que em grande parte da existência, o indivíduo experimenta momentos autênticos e inautênticos, ou seja, poderá seguir o padronizado em busca da aceitação, agindo assim de forma irreflexiva, existindo como ser-objeto ou se apropriar de suas escolhas, agindo de modo mais autêntico, fugindo de estilos de vida já pré-moldados.

Palavras-Chave: Ditadura da beleza; Mídia; Constituição do sujeito; Existencialismo.

Lucas da Silva Santos Costa

Psicólogo. Universidade de Vassouras (2021). Pós-graduando. Psicologia Clínica Existencialista Sartriana. NUCAFE (2023). Vassouras-RJ, Brasil. CRP 05/64747.

E-mail: psilucassscosta@gmail.com

Thais Leite Reis

Psicóloga. Universidade de Vassouras (2008). Mestre em Psicologia. UFRRJ (2021). Especialista em Psicologia Jurídica. PUC (2018). Especialista em Psicologia Clínica. IFEN (2010). Docente no UGB (2019-2024), Volta Redonda-RJ, Brasil. CRP 37791/05.

E-mail: thaisreispsico@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0297444578091758>

ORCID: 0000-0001-6298-8710

Thayna Cristine Portilho Afonso

Psicóloga. Universidade de Vassouras (2021). Especialista em Psicologia Clínica Fenomenológica-Existencial. NUCAFE (2023), Vassouras- RJ, Brasil. CRP 05/64439.

E-mail: portilhothayna@outlook.com

3.15 O PLANTÃO PSICOLÓGICO: UMA PROPOSTA DE PESQUISA INTERVENÇÃO PARA FAMILIARES DE PACIENTES CRÔNICOS

Francisleine Gomes da Silva (UNIP)

Lilian Cláudia Ulian Junqueira (UNIP)

O Plantão Psicológico consiste em uma prática clínica, utilizada comumente em atendimentos emergenciais, de caráter breve para acolhimento às pessoas que buscam ajuda psicológica. A pesquisa teve o intuito de compreender as vivências de cuidado dos familiares/acompanhantes, avaliando a importância da prática do plantão psicológico enquanto abertura de possibilidades. Foi realizada na modalidade pesquisa-intervenção, de base qualitativa, apoiada no referencial teórico-metodológico da Fenomenologia-existencial, por meio de entrevistas com questões norteadoras que fundamentaram tais práticas. A pesquisa foi realizada com oito atendidos em plantão psicológico, prática oferecida semanalmente aos familiares/acompanhantes de pessoas com doenças crônicas e em tratamento em um hospital público do interior do estado de São Paulo, em um período de seis meses. Ocorreram em uma hospedaria de uma instituição religiosa que acolhem pacientes e acompanhantes de diversos estados brasileiros, impossibilitados de custear suas estadias enquanto aguardam o tratamento em curso. Os achados em tais vivências, revelaram unidades de significados para construção das seguintes categorias, seguindo os passos da análise fenomenológica dos discursos: a) vivência de amparo nas relações como suporte emocional, b) luto antecipatório nos modos de ser família, c) luto social e espiritual pela proximidade à finitude e d) luto nos cuidados paliativos com a morte se avizinando. Os resultados destacaram a importância do plantão psicológico como um espaço significativo, que reconheceu e atendeu demandas antes veladas, como às experiências dos familiares/acompanhantes da dor, do sofrimento dos seus entes queridos e seus enfrentamentos conjuntos. Esse espaço permitiu-lhes abordar questões como mudanças nas relações afetivas, diferentes formas de luto, desafios sociais e inversões de papéis. A escuta ofertada permitiu aos familiares antecipar e lidar com a dor da perda, bem como confrontar a negação da finitude. O plantão proporcionou um espaço de reflexão, de construção e exploração de novos horizontes enquanto possibilidades diante de uma escuta atenta e sensível do plantonista, cauteloso ao desenraizamento do ser que se apresenta. A prática possui o intuito de tornar o atendimento um encontro significativo para o paciente dentro da urgência que se apresenta, tornando-se uma vivência de cuidado (sorge), estrutura ontológica do dasein, do ser-aí, conceito trazido por Martin Heidegger na sua principal obra de 1927 “Ser e tempo”, que possibilita a compreensão de que o cuidado vai além de uma simples preocupação prática e revela as profundezas da existência humana em sua relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo, mas que em momentos de “crises”, muitas vezes se veem restritas em suas possibilidades. A pesquisa fenomenológica facilitou uma compreensão das experiências da prática de plantão, permitindo que os participantes expressassem suas vivências de forma acessível e significativa. Valorizou-se a riqueza dos encontros e a complexidade das experiências humanas, oferecendo um espaço para explorar e compreender as interações envolvidas no contexto do plantão psicológico.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; Fenomenologia; Cuidado; Pesquisa-Intervenção.

Francisleine Gomes da Silva

Psicóloga e Mestranda em Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental da Universidade Paulista UNIP. Departamento de Psicologia, campus Ribeirão Preto SP – Brasil. Especialista em Psicologia Clínica na perspectiva fenomenológica-existencial pela Faculdade

Unyleya, em cooperação técnico-científica com o IFEN - Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro.
E-mail: francisleine.silva@aluno.unip.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1624955345105679>
ORCID: 0009-0007-6005-8668

Lilian Cláudia Ulian Junqueira

Professora Titular do Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental da Universidade Paulista - UNIP, Ribeirão Preto SP - Brasil. Doutora em Ciências, na área de Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo FFCLRP- USP. CRP 06/78190.
E-mail: lilian.junqueira@docente.unip.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5795121881110384>
ORCID: 0000-0001-5052-8530

3.16 O SONHO COMO POSSIBILIDADE DE SER-COM-OS-MORTOS: UMA EXPERIÊNCIA DE RECONCILIAÇÃO

Zélia Alves da Mota e Costa

Eugénio de Andrade chamou-lhes: “mortos difíceis que não acabam de morrer... tão difíceis, os amigos”. Fenomenologicamente a pessoa não desaparece quando morre. O corpo físico desaparece, mas a pessoa continua a existir enquanto fenómeno para aqueles que a conheceram e que se recordam dela e é este campo fenomenal que permite o ser-com-os-mortos. Pela via dos sonhos podemos voltar a estar com aqueles que foram importantes para nós, conversar com eles e abraçá-los. Existem elementos comuns quando sonhamos com mortos. A título de exemplo, uma dessas experiências consiste na surpresa do reencontro com alguém que se pensava morto. Estes reencontros podem ser ambivalentes: por um lado, há como que uma consciência de que a pessoa morreu e não poderia estar “ali” presente, que pode vir acompanhada por uma sensação de estranheza, por outro lado, pode haver alegria no reencontro e até a uma racionalização onírica do porquê de aquela pessoa estar viva. Uma variante deste tipo de sonhos é, num primeiro momento haver a surpresa do reencontro, mas, aos poucos, a condição de morto ir-se infiltrando e a pessoa voltar a ser reconhecida como estando morta ou até voltar a morrer no sonho. Existem igualmente sonhos póstumos, com experiências semelhantes às descritas, com animais de estimação. Uma outra característica deste tipo de sonho é a recorrência, onde podem ir acontecendo variações na forma como termina o sonho. É nesta repetição que podem ir ocorrendo mudanças na relação com os mortos, instantes que possibilitam a transformação, podendo inclusivamente levar à reconciliação. Uma reconciliação vívida, afetiva e que ganha o estatuto de experiência. No presente trabalho irá ser apresentado um recorte de um estudo de caso, com o intuito de ilustrar como a relação com os mortos pode continuar a evoluir, encontrando no mundo onírico possibilidades que o mundo da vigília não oferece, como seja sentir um abraço de alguém que, reconhecidamente, já não tem manifestação física. Este olhar fenomenológico-existencial para a relação com os mortos no mundo dos sonhos, coloca a tónica no como se dá esta manifestação, ao invés do porquê, e visa contribuir para sublinhar a importância que o trabalho com sonhos pode ter na clínica psicológica.

Palavras-chave: Fenomenologia; Relação; Relação Terapêutica; Reconciliação; Clínica Fenomenológico-Existencial.

Zélia Mota e Costa

Psicóloga e Psicoterapeuta, Licenciada em Psicologia pelo ISPA, com Especialização em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial pelo IFEN, Especialização em Psicoterapia Existencial pela SPPE, Associada Psicoterapeuta da SPPE e Associada do IFEN. E-mail: zelia.motaecosta@gmail.com

3.17 OS LIMITES E AS POSSIBILIDADES DA PSICOTERAPIA DIANTE DA POBREZA: UMA ANÁLISE HUMANISTA-FENOMENOLÓGICA

Alice Maria Timbó Mororó (UNIFOR)

Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR)

Pamela Bérvely Cipriano Teixeira (UNIFOR)

A psicoterapia humanista-fenomenológica se apresenta como um desenvolvimento contemporâneo a partir da interseção entre a Psicologia Humanista e a Psicopatologia Fenomenológica, tendo como fundamento filosófico a fenomenologia de Merleau-Ponty. Neste trabalho, apresentamos um estudo de caso a partir de atendimentos individuais realizados em uma clínica-escola por uma psicoterapeuta iniciante. O objetivo é discutir, a partir do estudo de caso, os limites e possibilidades da psicoterapia, sob a lente humanista-fenomenológica, diante da pobreza. Apresentaremos o caso de Carolina, 39 anos, baixa renda, mora sozinha, beneficiária do INSS, ensino superior incompleto, realiza acompanhamento e uso de medicações psiquiátricas. Foi atendida entre os meses de setembro de 2023 a abril de 2024, no formato presencial em sessões de 50 minutos. O instrumento utilizado para a construção deste estudo foram as versões sentido elaboradas ao final de cada sessão, proporcionando uma descrição do que foi vivido pela psicoterapeuta na relação com a paciente. Carolina buscou atendimento psicológico com queixa de ansiedade, sendo encaminhada para psicoterapia de grupo, porém não se adaptou e foi direcionada para o individual. Ela chegou ao primeiro atendimento bastante desorganizada, passando parte da sessão com dificuldades de compartilhar seu vivido, com uma fala repetitória, além de fazer interrupções durante a facilitação da psicoterapeuta. Foi perceptível, com o decorrer do processo, a fragilidade presente nas relações interpessoais vivenciadas no contato com a família e na relação com os vizinhos, demonstrando que há um entrelace entre a pobreza e suas relações. A grande demanda de fala da paciente, que não permitia intervenções, gerou na estagiária questionamento sobre o sentido da psicoterapia para a mesma. Carolina relatava o interesse na psicoterapia por ter alguém para conversar. No processo psicoterapêutico, compreende-se o fenômeno da pobreza para além da dimensão econômica, atingindo questões relacionais, atravessando o mundo vivido da paciente, também, nas suas condições de possibilidade de ser, inclusive seus pensamentos, ideias e sentimentos. Carolina relatava as prestações de serviço realizadas para os vizinhos e, em troca, eles lhe ajudariam com comida, lhe proporcionando o sentimento de gratidão. A paciente evidenciava não estabelecer limites em suas relações, pois, para ela o ato de trocar serviços por comida era significativo. Quando não lhe ofereciam comida, dizia se sentir desvalorizada e, ao ser questionada sobre, falava que não a incomodava. Por diversas sessões, Carolina mostrava incongruência em relação às suas experiências, com o estabelecimento do vínculo, houve espaço para as intervenções da psicoterapeuta. Diante da pobreza vivida, o cuidado psicoterapêutico, por vezes, parecia ser insuficiente. Por meio da redução fenomenológica - a psicoterapeuta se distanciando dos a priori - e da descrição exaustiva da experiência, foi possível que a paciente entrasse em contato com seus sentimentos de frustração em relação ao modo como vivia e mantinha suas relações. Conclui-se que, ao final do semestre, foram observadas mudanças na paciente, como o estabelecimento de limites em suas relações e a percepção de que seu trabalho exigia uma remuneração. Apesar dos limites impostos pela situação de pobreza vivenciada, a psicoterapia propiciou a possibilidade de ressignificação da experiência de Carolina.

Palavras-chaves: Pobreza; Estudo de caso; Clínica Humanista-Fenomenológica; Psicoterapia.

Alice Maria Timbó Mororó

Graduanda em psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

E-mail: alicemariatmm@gmail.com

Lattes: 9702350203533688

ORCID: 0009-0004-3192-7578

Lucas Guimarães Bloc

Doutor em Psicopatologia pela Paris VII. Diploma Universitário em Fenomenologia Psiquiátrica na Université de Nice. Formação em Psicoterapia Humanista-Fenomenológica. Graduado e Mestre em Psicologia pela UNIFOR, onde atualmente atua como docente na Pós-Graduação. Coordenador do APHETO. Membro do GT Psicologia e Fenomenologia da ANPEPP. Psicoterapeuta individual e de grupo. CRP 11/06231.

E-mail: blocpsi@unifor.br

Lattes: 7062553560038741

ORCID: 0000-0002-8528-131X

Pamela Bérvely Cipriano Teixeira

Graduanda em psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

E-mail: pamacademicaeprofissional@gmail.com

Lattes: 6821569373199126

ORCID: 0009-0004-3077-1997

3.18 PARA UMA CARACTERIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE PSICOTERAPIA EXISTENCIAL EM TODO O GLOBO

Edgar Correia (SPPE)

Rita Estanislau (SPPE)

Tiago Gomes (Universidade Católica)

A Psicoterapia Existencial, uma das mais antigas formas de intervenção psicológica, que conta já com um século de existência, encontra-se nos dias de hoje representada nas suas múltiplas abordagens um pouco por todo o mundo. Com este estudo pretende-se desenvolver uma compreensão empírica de algumas características sociodemográficas, teóricas e metodológicas das instituições de psicoterapia existencial, na sua distribuição pelas diferentes geografias, com vista a desenvolver uma perspetiva global de quem são, onde estão e que perspetivas ou modelos existenciais advogam. Partindo de uma lista de instituições de psicoterapia existencial previamente existente, fez-se uma pesquisa sistemática online no intuito de atualizar essa listagem. Com vista a recolher informações que nos ajudassem a caracterizar estas instituições, desenvolveu-se um questionário online (em português e inglês), com recurso a plataforma SurveyMonkey, que foi enviado para as 222 instituições encontradas. Terminado o período de recolha de dados, a 15 de Dezembro de 2023, procedeu-se à sua análise estatística, utilizando o SPSS. Dos 213 convites entregues com sucesso, responderam 98 instituições, de 37 países, distribuídos pelos sete continentes habitáveis. As instituições participantes deram conta dos principais autores e/ou teorias que informam a sua compreensão teórica e intervenção clínica, bem como dados sociodemográficos que nos permitem caracterizar melhor a distribuição, alinhamento teórico e dinamismo da psicoterapia existencial pelo planeta. Comparando os dados deste estudo com dados publicados há 10 anos, foi possível compreender com maior clareza o desenvolvimento da Psicoterapia Existencial a nível mundial, nesta última década. Os dados recolhidos ao longo do presente estudo sustentam as conclusões previamente encontradas de que a Psicoterapia Existencial tem expressão ao redor do globo e sublinha a importância contemporânea e dinamismo deste paradigma psicoterapêutico.

Palavras-chave: Psicoterapia Existencial; Instituições de Psicoterapia Existencial; Orientação Teórica.

Edgar Correia

Psicólogo Clínico e da Saúde e Psicoterapeuta (PhD, AdvD, Post-MA, MA, PgD); Membro Fundador e Presidente do Conselho de Ensino da Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial (SPPE), onde leciona e supervisiona no curso de formação de psicoterapeutas; Trabalha como psicoterapeuta a título privado, com consultório em Lisboa e na Madeira.

E-mail: edgar.agrela@gmail.com

ORCID: 0000-0003-4200-5160

Rita Estanislau

Psicóloga Clínica e da Saúde e Psicoterapeuta; Trabalha como psicoterapeuta na Clínica ISPA e a título privado, num consultório em Lisboa.

E-mail: ritaestanislau.psi@gmail.com

Tiago Gomes

Bacharel em Psicologia e Mestre em Gestão de Empresas. Fundador da Clarapy Therapeutics, um ecossistema de saúde mental que simplifica a conexão entre indivíduos e organizações com profissionais de psicologia.

E-mail: tiagoispa@gmail.com

3.19 PROCESSOS CLÍNICOS DA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIALISTA: PONTOS CENTRAIS DO PONTO DE VISTA DE PSICOTERAPEUTAS BRASILEIROS

Daniela Ribeiro Schneider (UFSC)

Milene Strelow (UFSC, FURB e UNISOCIESC)

A Psicoterapia Fenomenológica-Existencialista é uma proposta teórico-metodológica para a psicologia clínica sustentada na obra filosófica de Jean-Paul Sartre desenvolvida por psicoterapeutas em diferentes partes do mundo. No Brasil há um movimento muito consistente de sua elaboração e prática desde a década de 1990. Na área de investigação em psicoterapia, um dos primeiros passos para se pensar num futuro processo de avaliação de sua prática é a de demarcar quais são os processos clínicos realizados, chamados de estudos de avaliabilidade, mais comuns na área da avaliação em saúde. Este estudo teve como objetivo compreender quais são os processos clínicos e os indicadores de resultados da psicoterapia fenomenológico-existencialista, conforme desenvolvida e realizada no Brasil, na perspectiva de seus psicoterapeutas. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa com 12 psicólogos com reconhecida atuação nesta abordagem, tanto no âmbito da produção científica quanto da prática em diferentes regiões brasileiras. Como instrumento para a coleta de dados, foi utilizada uma entrevista semidirigida. Os dados foram organizados com o auxílio do software Atlas.ti e submetidos à análise de conteúdo proposta por Ruiz-Olabuenaga. Aqui apresentamos como um dos principais resultados as cinco grandes categorias que emergiram das falas dos psicoterapeutas quanto ao processo clínico: a) sobre a organização de uma metodologia psicoterapêutica existencialista; b) sobre o processo psicoterapêutico em si; c) sobre o entendimento de seus resultados e indicadores; d) sobre a relação terapêutica; e e) sobre a inteligibilidade do trabalho clínico. Aqui serão destacadas posições convergentes entre os psicoterapeutas sobre o trabalho clínico existencialista, entre estas, identificou-se que o processo se inicia com a atitude de acolhimento do paciente em sua condição singular e suas queixas, estabelecimento do vínculo, escuta atenta e descrição fenomenológica das situações atuais vividas pela pessoa. Em seguida, investe-se no aprofundamento das questões ali descritas, nos seus sentidos, significados e na historicidade (passado-presente-futuro). O resultado esperado é a ampliação em geral da qualidade de vida e da consciência crítica do paciente. Destacam-se o uso do método comparativo, biográfico, presentes na psicanálise existencial e do método progressivo-regressivo. Foi unanimidade também entre os psicoterapeutas a importância do investimento na relação terapêutica, no protagonismo do paciente e na cooperação/acordos conjuntos quanto aos objetivos terapêuticos. O presente estudo possibilitou uma maior compreensão acerca dos processos clínicos e dos indicadores de resultados da psicologia fenomenológica-existencialista realizada por psicoterapeutas brasileiros e ofereceu uma contribuição para pensar o início de uma sistematização destes processos, de modo a fomentar pesquisas futuras de sua eficácia e fundamentar o ensino da metodologia para psicoterapeutas em formação interessados nesta orientação teórica.

Palavras-chave: Psicoterapia Fenomenológica-Existencialista; Processos Clínicos; Psicoterapeutas; Jean-Paul Sartre.

Daniela Ribeiro Schneider

Prof. Titular aposentada do Depto de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), orientadora voluntária no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, membro do Núcleo de Pesquisa em Clínica da Atenção Psicossocial – PSICLIN. Psicóloga, Mestrado em

Educação (UFSC), Doutora em Psicologia (PUC/SP), Pós-Doutora em Ciência da Prevenção (Universidad de Valencia - España, 2012 e University of Miami - USA, 2019). Especialista na obra de Sartre, com vários estudos, artigos e livros sobre psicologia e clínica existencialista. Bolsista Produtividade 2 pelo CNPQ. CRP12/00443.

E-mail: danischneiderpsi@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5847729124150252>

ORCID: 0000-0002-2936-6503

Milene Strelow

Psicoterapeuta existencialista, Professora da Universidade Regional de Blumenau (FURB) e da Faculdade Sociesc de Jaraguá do Sul (UNISOCIESC), Mestre e Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), membro do Núcleo de Pesquisa em Clínica da Atenção Psicossocial – PSICLIN. CRP12/03113.

E-mail: milene.strelow@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6645977197890297>

ORCID: 0000-0003-1426-9003

3.20 “QUEM É ESSA MULHER” RELATOS DE UMA EX USUÁRIA

Sofia Cruz Mendes de Abreu (UNIFOR)

Yara Gomes de Freitas (UNIFOR)

Os Centros de Atenção Psicossociais (CAPS) são serviços de saúde de caráter aberto e comunitário, especializados em tratamento de saúde mental e reinserção social de pessoas com algum transtorno mental severo e persistente. Existem diversos tipos de CAPS e segundo o site do serviço, a Rede de Atenção Psicossocial do Município de Fortaleza, é disposto para a população 15 Centros, os quais se dividem em seis: CAPS Geral, CAPS AD - Álcool e Drogas e CAPS Infantil. O indivíduo que pretende solicitar os serviços do CAPS pode procurar os próprios centros ou então ser encaminhado pelos Postos de Saúde. Neste trabalho, de natureza qualitativa e constituído como um estudo de caso de uma paciente de nome fictício V., a qual procurou assistência no CAPS AD (Álcool e outras Drogas), localizado na cidade de Fortaleza. Foram utilizadas como ferramentas entrevistas semi abertas, previamente estruturadas, a fim de ouvir a história singular dessa paciente, seus enfrentamentos no cotidiano e o que a levou ao serviço. Após a estruturação foi realizada sua aplicação em três encontros no CAPS AD e autorizado pela paciente. Esse estudo tem como objetivo discutir a respeito da experiência de V. frente aos seu processo de recuperação através da lente fenomenológica de Merleau-Ponty. Utilizamos a lente teórica da fenomenologia para embasar nosso entendimento acerca do caso clínico, sendo a psicopatologia fenomenológica a que investiga as condições de possibilidade das vivências patológicas, assim como o corpo sendo condutor potencial dessas vivências. Ademais, discorre-se sobre a aplicação direta da Lei 10.216 que transforma o CAPS - Centro de Atenção Psicossocial como principal lugar de tratamento dos transtornos mentais. Entende-se o sentido fenomenológico do uso de substâncias para a vida da paciente, pois o campo de interesse fenomenológico ultrapassa a descrição das experiências subjetivas, penetrando em sua estrutura pré-reflexiva intersubjetiva de significação, ou seja, explorando as condições, inadvertidas pela consciência, que determinam comportamentos, valores e expectativas na vida, suspendendo-se de qualquer status patológico ou rótulo que “enquadre” o conjunto vivido de experiências de V. em apenas um “diagnóstico”. Após os estudos de campo e literários do caso clínico, chegamos a conclusão que um ponto importante em toda a intervenção é a sensibilidade e a educação permanente dos profissionais, estudantes, pacientes e familiares para os fenômenos da vida mental e emocional e da dimensão social presente e atuante nas situações.

Palavras-chave: Alcoolismo; Caps; Fenomenologia.

Sofia Cruz Mendes de Abreu

Graduanda em Psicologia pela Universidade de Fortaleza-UNIFOR; Iniciante científica vinculada ao APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica; – Fortaleza - CE, Brasil. Aluna da Formação da Prof. Virgínia Moreira em Humanismo Fenomenológico. Organizadora do VI Colóquio Internacional sobre a Clínica Humanista Fenomenológica. Experiência em estudos acerca do Humanismo Fenomenológico.

E-mail: psi.sofia.abreu@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7737930145213156>

ORCID: 0009-0000-2594-7573

Yara Gomes de Freitas

Graduanda em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Membro do Laboratório de Estudos sobre Processos de Exclusão Social (LEPES) do Programa de Pós-graduação da

UNIFOR. Experiência e interesse em pesquisas na área da Psicologia Hospitalar e Social, em assuntos como preconceito, negritude, relações e afetos.

E-mail: yaragomes957@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4298102495029274>

3.21 RECURSOS ARTÍSTICOS E PRÁTICAS PSICOLÓGICAS EM CONTEXTOS INSTITUCIONAIS: LUTO, VIOLÊNCIA, URGÊNCIA E EDUCAÇÃO.

Ana Carolina Ferreira Castanho (UNIP)

Francislene Gomes da Silva (UNIP)

Elaine Lopez Feijoo (IFEN)

Lilian Cláudia Ulian Junqueira (UNIP)

A pessoa na modernidade é um ser que transita em vários contextos institucionais em seu cotidiano. Esta proposta de mesa redonda busca compreender e resgatar o pensamento meditante e a singularidade do ser em relação, nas instituições, por meio de recursos artísticos e práticas psicológicas que se deram em contexto de luto, urgência, violência e educação, em contraponto a era da técnica e do pensamento calculante. A arte possibilita a expressão livre do ser, sem restrições. Desde os primórdios da humanidade, a criatividade tem sido uma parte essencial da nossa existência, como evidenciado pelas pinturas em cavernas antigas. Estas manifestações artísticas demonstram a presença da criatividade nos estágios iniciais do desenvolvimento da consciência humana. O desenvolvimento da capacidade de simbolizar foi crucial na diferenciação dos seres humanos dos antropóides e no surgimento da consciência reflexiva. A mesa será composta por quatro psicólogas pesquisadoras, com experiências institucionais e manejo clínico por meio da arte. As mesmas relatarão suas experiências práticas, cada uma em seu contexto institucional, buscando dialogar as convergências dos discursos com o desvelamento do ser, por meio dos recursos artísticos, que permitem movimentos criativos e novas expressões que desvelem o caráter sensível da existência. Todas estas práticas se encontram no campo das relações em que os saberes se mostram no exercício do pensamento, na expressão da arte, desenvolvendo o pensamento meditante, resignificando a dor e o sofrimento humano que perpassam a existência. Todas as apresentações terão em comum o contexto institucional e a arte como recurso terapêutico. Acreditamos que a criatividade e a arte desempenham um papel fundamental na construção e reconstrução da singularidade, ajudando a descobrir novas possibilidades de existência com sentidos próprios. A inclusão da arte, como ferramenta terapêutica, em diferentes contextos de atuação do psicólogo: luto, violência, urgência e educação permite expressar emoções de forma não verbal e explorar novas formas de comunicação na relação de cuidado. A arte se fez um importante recurso de expressão emocional nos diversos contextos institucionais, auxiliando os psicólogos no manejo das questões clínicas e sendo produtora de saúde mental, o que é relevante em nossa formação e atuação como profissionais da saúde mental.

Palavras-chave: Arte; Contextos Institucionais; Saúde Mental.

Ana Carolina Ferreira Castanho

Professora Titular do Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental da Universidade Paulista UNIP, SP - Brasil. Psicóloga clínica. Doutora em Ciências, na área de Enfermagem Psiquiátrica, pela Escola de Enfermagem - Universidade de São Paulo USP - Ribeirão Preto. CRP 06/77171.

E-mail: ana.castanho@docente.unip.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9043519461458469>

ORCID: 000-0002-3162-5957

Francislene Gomes da Silva

Psicóloga clínica e Mestranda do Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental da Universidade Paulista UNIP. Departamento de Psicologia, Ribeirão Preto SP – Brasil. Possui experiência profissional em consultório particular desde 2018, psicoterapia e atendimento em saúde. Plantão Psicológico na modalidade online, domiciliar e presencial. CRP 06/142678

E-mail: francisleine.silva@aluno.unip.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1624955345105679>

ORCID: 0009-0007-6005-8668

Elaine Lopez Feijoo

Psicóloga. Especialista em Psicologia Clínica pelo IFEN. CRP- RJ 05/25783 Pesquisadora pelo Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil, CNPQ na linha de Pesquisa Psicologia e Filosofia da Existência. Sócia mantenedora do IFEN, onde é professora, supervisora e coordenadora acadêmica do curso de Especialização em Psicologia Infantojuvenil. Organizadora de congressos e escritora de capítulos de livros com temas infantojuvenis. CRP 05/25783.

E-mail: elaine@ifen.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8267323151481542>

ORCID: 0000-0003-4612-2452

Lilian Cláudia Ulian Junqueira

Professora Titular do Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental da Universidade Paulista UNIP, SP - Brasil. Psicóloga clínica CRP - SP 06/78190. Doutora em Ciências, na área de Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo FFCLRP- USP. Financiamento de Instituição parceira em acolhimento ao Luto “Rede Ideal” cuidados funerários. CRP 06/78190.

E-mail: lilian.junqueira@docente.unip.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5795121881110384>

ORCID: 0000-0001-5052-8530

3.22 RELAÇÃO TERAPÊUTICA E A EFICÁCIA DA PSICOTERAPIA: O NÃO JULGAMENTO COMO BASE DO VÍNCULO

Elvira Ribeiro Madeira (UNIFOR)

Lucas Guimarães Bloc (UNIFOR)

A psicoterapia é considerada uma das primeiras estratégias de tratamento a ser utilizada no cuidado e atenção à saúde mental, sendo consenso na literatura mundial sua relevância e eficácia. O sucesso da psicoterapia tem se mostrado fortemente associado à relação terapêutica, independentemente da abordagem teórica escolhida pelo psicoterapeuta. Este estudo tem como objetivo compreender a experiência vivida da relação terapêutica de pacientes que apresentaram resultados positivos de eficácia em psicoterapia monitorizada em um ensaio clínico randomizado (ECR). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho fenomenológico inspirado na fenomenologia de Merleau Ponty. Utilizamos o instrumento da entrevista fenomenológica semiestruturada com questões norteadoras. Foram entrevistados 10 participantes, estratificados da amostra de pacientes do ECR. Após os procedimentos de análise das entrevistas, obteve-se 4 categorias fenomenológicas, a partir das quais destacamos neste trabalho uma: A experiência real de não julgamento. A força do vínculo de aceitação na relação terapêutica, aliado ao sentimento experienciado pelo paciente de ser cuidado e profundamente compreendido, pode levar a mudanças na forma como se vivencia a si mesmo e ao mundo. Esta relação terapêutica depende de atitudes do psicoterapeuta, e dentre estas atitudes, destacamos a habilidade do psicoterapeuta de se apresentar para o outro como figura de segurança e acolhimento que facilita a expressão genuína do sujeito que sofre, diante da perspectiva de acolher sua vulnerabilidade. O estabelecimento da segurança e da abertura, proporcionada por um tipo de relação baseada em um não julgamento, depende principalmente da capacidade do psicoterapeuta de transmitir estes aspectos de forma autêntica e clara, de forma que não reste dúvidas ao paciente, sendo, dentre todas, aquela que parece apresentar maior impacto sobre a decisão dele trazer ou não ao processo terapêutico conteúdos mais profundos e significativos para que eles possam se tornar a base do vínculo que se pretende estabelecer. Concluímos que as atitudes do psicoterapeuta possuem ligação direta com a qualidade da relação estabelecida e do desenvolvimento de resultados positivos deste processo. Constatamos que a relação terapêutica foi descrita como fundamental para a percepção de sucesso que os pacientes referem em suas experiências de psicoterapia. Finalmente, destacamos que este estudo sinaliza a necessidade de investigações que aprofundem como a eficácia da psicoterapia ocorre no contexto brasileiro, a fim de compreender os elementos fundamentais para a mudança terapêutica, em especial aqueles comuns a todas as abordagens.

Palavras-chave: Aliança Terapêutica; Psicoterapia; Avaliação de Eficácia.

Elvira Ribeiro Madeira

Psicóloga e Psicoterapeuta, possui formação em Clínica Humanista Fenomenológica, Profissional colaboradora do PRONUTRA (Programa de tratamento em Transtornos Alimentares), Mestranda do Programa de Pós Graduação da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) - Integrante laboratório Apheto - Pesquisa sobre Mulheres adultas com TDAH. Estudo financiado com Bolsa PROBIC pela Universidade de Fortaleza. CRP 11/19504.

E-mail: elvira.madeira@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5789821989448202>

ORCID: 0009-0002-5522-686X

Lucas Guimarães Bloc

Doutor em Psicopatologia na Université Paris Diderot - Paris VII (2014-2018). Diploma Universitário em Fenomenologia Psiquiátrica na Université de Nice (2015-2016). Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Coordenador do APHETO - Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UNIFOR. Possui formação em Psicoterapia Humanista-Fenomenológica. CRP 11/06231.

E-mail: bloclucas@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7062553560038741>

ORCID: 0000-0002-8528-131X

3.23 REPLICAÇÃO DO MAPEAMENTO DAS INSTITUIÇÕES DE PSICOTERAPIA EXISTENCIAL EM TODO O GLOBO

Edgar Correia (SPPE)

Rita Estanislau (SPPE)

Tiago Gomes (Universidade Católica Portuguesa)

Em 2012, uma pesquisa sistemática sobre instituições de psicoterapia existencial em todo o mundo foi desenvolvida, encontrando 128 instituições distribuídas por 42 países dos diferentes continentes habitados. Esse estudo inicial permitiu uma compreensão do alcance e da distribuição dos diferentes ramos da psicoterapia existencial em todo o globo. Onze anos após esse levantamento, o estudo foi replicado, com o objetivo de atualizar e compreender o desenvolvimento da psicoterapia existencial na última década. Esta apresentação versa sobre os dados resultantes da replicação do estudo de 2012. O presente estudo partiu de uma lista de instituições de psicoterapia existencial previamente existente. Para a atualização deste levantamento original, adotou-se uma abordagem de pesquisa online sistemática, bem como de informações dadas por representantes de instituições que deram conta de outras instituições que não constavam da lista original. A pesquisa online sistemática envolveu revisão e análise de bases de dados digitais e websites de instituições, utilizando critérios de inclusão focados em informações contidas no nome, missão e tipo de serviço prestado. Foram ainda recolhidas informações de contato (website e e-mail) e localização. Nesta pesquisa online, encontraram-se 222 instituições, abrangendo 51 países, dos sete continentes. Estes dados permitem-nos verificar a distribuição dos diferentes ramos da psicoterapia existencial pelos diferentes países e continentes, permitindo aferir tendências associadas a países e língua dominantes. Comparando os dados deste estudo com dados publicados em 2012, é possível compreender, com maior clareza, o desenvolvimento da psicoterapia existencial e seus diferentes ramos, na última década, a nível mundial. A investigação conduzida oferece um panorama atualizado sobre a expansão da psicoterapia existencial globalmente, revelando um aumento no número de instituições e na sua distribuição geográfica. Os resultados indicam uma expansão quantitativa do campo, mostrando um maior número de instituições operando em diferentes países e continentes desde o último levantamento. Esta expansão numérica e geográfica evidencia a presença e o alcance ampliado da psicoterapia existencial mundialmente.

Palavras-chave: Psicoterapia Existencial; Expansão Global; Pesquisa Online; Análise Quantitativa; Mapeamento Institucional.

Edgar Correia

Psicólogo Clínico e da Saúde e Psicoterapeuta (PhD, AdvD, Post-MA, MA, PgD); Membro Fundador e Presidente do Conselho de Ensino da Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial (SPPE), onde leciona e supervisiona no curso de formação de psicoterapeutas; Trabalha como psicoterapeuta a título privado, com consultório em Lisboa e na Madeira.

E-mail: edgar.agrela@gmail.com

ORCID: 0000-0003-4200-5160

Rita Estanislau

Psicóloga Clínica e da Saúde e Psicoterapeuta

Trabalha como psicoterapeuta na Clínica ISPA e a título privado, num consultório em Lisboa.

E-mail: ritaestanislau.psi@gmail.com

Tiago Gomes

Bacharel em Psicologia e Mestre em Gestão de Empresas. Fundador da Clarapy Therapeutics, um ecossistema de saúde mental que simplifica a conexão entre indivíduos e organizações com profissionais de psicologia.

E-mail: tiagoispa@gmail.com

3.24 SOLIDIFICAÇÃO DOS PAPEIS FEMININOS: DO PERÍODO COLÔNIAL PARA A ERA DA TÉCNICA

Ana Carolina Ferreira Castanho (UNIP)

Lilian Cláudia Ulian Junqueira (UNIP)

Vânia Korman (UNIP)

A violência de gênero é um fenômeno sócio-histórico que fomenta prejuízos psicológicos extremos na vida de mulheres. Apesar de avanços sociais, legais e das normas culturais que moldaram os papéis de gênero desde o período colonial, com o patriarcado enfatizando a superioridade masculina e à mulher, a idealização de seu papel como cuidadora, mãe e esposa, que perpetuam até os dias atuais. A violência de gênero acontece no campo relacional, na forma de estar e ser com o outro, não sendo possível compreender este fenômeno de forma descontextualizada. Este trabalho refere-se a uma pesquisa desenvolvida por uma aluna do curso de psicologia da Universidade Paulista UNIP, do programa de iniciação científica. É uma pesquisa qualitativa descritiva, que foi realizada em uma cidade do interior do Estado de São Paulo – Brasil, que apresenta altos índices de violência perpetrada por parceiros íntimos. Este estudo teve o intuito de compreender e conhecer o fenômeno da dinâmica das relações violentas na perspectiva de 16 mulheres, atendidas em serviços sócios assistenciais. Estas mulheres foram encaminhadas a uma organização da sociedade civil (OSC), para participarem de grupos de prevenção e acolhimento a mulheres vítimas de violência ou/e em situação de risco e vulnerabilidade. Para tal finalidade foram realizadas intervenções grupais pelo método de intervenção psicossocial de oficinas e dinâmicas de grupos, com enfoque dialógico e reflexivo sobre as condições da existência das mulheres participantes e das vivências singulares das mesmas em seus contextos familiares, foi realizada análise qualitativa dos dados obtidos, de base fenomenológica existencial. Os achados da pesquisa revelaram as seguintes categorias: reconhecimento da figura masculina como perpetradora da violência; naturalização e responsabilização das funções de cuidado, afeto, educação para com os filhos, pais e companheiros; solidão e desamparo decorrentes destes papéis construídos socialmente. Ao final dos grupos as mulheres reconheceram o mesmo, como um disparador de processos mobilizadores e promotor de recursos para novos modos de Ser-no-mundo e Ser-com-outros.

Palavras-chave: Violência; Vulnerabilidade; Mulheres; Fenomenologia.

Ana Carolina Ferreira Castanho

Professora Titular do Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental da Universidade Paulista UNIP, e de graduação em psicologia, campus Ribeirão Preto SP - Brasil. Psicóloga Clínica CRP SP 06/ 77171. Doutora em Ciências, pela Escola de Enfermagem - Universidade de São Paulo USP - Ribeirão Preto. CRP 06/77171.

E-mail: ana.castanho@docente.unip.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9043519461458469>

ORCID 000-0002-3162-5957

Lilian Cláudia Ulian Junqueira

Professora Titular do Mestrado Profissional em Práticas Institucionais em Saúde Mental da Universidade Paulista UNIP, e de graduação em Psicologia, campus Ribeirão Preto SP - Brasil. Psicóloga Clínica CRP SP 06/ 78190. Doutora em Ciências, na área de Psicologia pela

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo FFCLRP- USP. CRP 06/78190.

E-mail: lilian.junqueira@docente.unip.br

lattes: <http://lattes.cnpq.br/5795121881110384>

ORCID: 0000-0001-5052-8530

Vânia Korman

Aluna de Iniciação Científica do 9º. Período do curso de graduação em Psicologia da Universidade Paulista UNIP; aluna estagiária junto ao Projeto FLOeSER - Escola São Paulo e Minas, na Disciplina Estratégias de Intervenção Psicológicas – Estágio Supervisionado em Grupos e Comunidades, da Universidade Paulista - UNIP, Ribeirão Preto SP.

E-mail: vania.korman@aluno.unip.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5750418466481104>

ORCID 0009-0007-4313-4622

3.25 VELHICE COMO CRIAÇÃO: A JOVIALIDADE EM KIERKEGAARD E A “VELHEZ” COMO TERCEIRA INFÂNCIA EM MANOEL DE BARROS

Flávia Moreira Protasio (IFEN)

Neste trabalho, temos o objetivo de nos aproximarmos da maneira como a velhice é compreendida hegemonicamente na atualidade e nos demorarmos em outras perspectivas de enxergar esta questão, empreendendo uma análise fenomenológico-existencial sobre a velhice. Primeiramente, recorreremos a Silvana Tótora no livro *Velhice: uma estética da existência*. A autora faz um apanhado das compreensões hegemônicas da velhice nos dias atuais, passando pelo desejo de não morrer e pelos estigmas da velhice ao enxergá-la como proximidade da morte, perda e privação, aplicando-se como antídoto a prescrição de um modo de vida que deve ser ativo, saudável e produtivo, sob a vigilância de profissionais especializados no sentido de retardar o envelhecimento. Neste momento, nos voltaremos para o conceito de envelhecimento ativo, presente nas legislações e cartilhas direcionadas ao cuidado às pessoas idosas, cujo fundamento obedece a princípios similares aos citados por Tótora. De forma a lançar luz sobre outras possibilidades de compreensão da velhice, em um segundo momento recorreremos a Kierkegaard em seu texto *A crise e a crise na vida de uma atriz*. Nesta produção o autor escreve uma carta para um jornal, direcionada à uma atriz que está prestes a completar 30 anos e que interpreta a personagem Julieta no teatro desde jovem. Após anos interpretando o papel, vê-se julgada pela opinião pública, que questiona se uma pessoa de 30 anos pode corresponder à imagem da jovem que se espera de Julieta. Conforme nos aponta Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo no artigo *Sören Kierkegaard: o despontar da sociedade de massa e suas determinações na constituição do indivíduo*, poderemos nos apropriar da maneira como Kierkegaard entende a jovialidade, nos imbuindo do modo como o autor concebe os afetos como criação, o que nos ajuda a desconstruir o entendimento da vida como sucessão cronológica de fases delimitadas – infância, juventude, idade adulta e velhice. Essa atriz continuou a representar Julieta até completar 60 anos e, no palco, sua idade cronológica não era percebida, pois ela se metamorfoseava de tal forma que só se via seu ativo ou força criativa. Recorreremos, também, ao poeta Manoel de Barros e ao que ele denomina terceira infância, no texto *Memórias inventadas*. O poeta, já com 90 anos, pretendia escrever sobre momentos diferentes de sua vida: infância, mocidade e, por fim, sobre sua velhice. Mas, ao recontar sua história, nos mostra o que foi descobrindo, que ele só teve infância, pois experimentou toda sua vida como invenção, aquilo a que Silvana Tótora se refere como devir criança. Com este percurso o que pretendemos é apontar para a tensão entre o que habitualmente entendemos por velhice e o modo como a experiência do envelhecimento se dá, o que aponta para a necessidade de dar voz à singularidade e diversidade de maneiras de envelhecer e invocar a potência de criação da vida como um fazer-se a cada vez.

Palavras-chave: Envelhecimento, Criação; Fenomenologia-existencial, Kierkegaard, Manoel de Barros.

Flávia Moreira Protasio

Psicóloga clínica. Sócia mantenedora do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). Especialista em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial pelo IFEN. Possui Formação em Psicoterapia Infantojuvenil na Perspectiva Fenomenológico-Existencial pelo mesmo instituto. Membro do Laboratório de Fenomenologia e Estudos em Psicologia Existencial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

(LAFEPE/UERJ). Associada da Associação Latino-Americana de Psicoterapia Existencial (ALPE) e Secretária da delegação ALPE Brasil. CRP 05/61611.
E-mail: flaviaprotasio@ifen.com.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9831393780505458>
ORCID: 0000-0002-6262-9061